UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ARARAQUARA

Jhon Kelly Monacé

Emoções e remessas de dinheiro como incentivos da remigração haitiana do Brasil para os Estados Unidos

Número do processo da FAPESP: 2022/03608-9

Araraquara - SP
Dezembro de 2025

JHON KELLY MONACE

Emoções e remessas de dinheiro como incentivos da remigração haitiana do Brasil para os Estados Unidos

Relatório científico final apresentado como cumprimento de compromisso referente ao número de projeto 3770, na modalidade Pós-Doutorado.

Área de Concentração: Sociologia/Outras sociologias específicas.

Supervisora: Profa. Dra. Maria Jardim.

Período de Vigência do Projeto: 01/03/2022 a 30/11/2025.

Período coberto pelo Relatório Científico: 01/03/2022 a 30/11/2025.

Instituição sede: Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAR/UNESP).

Vinculação: Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder, Organizações e Mercados (NESPOM).

Bolsa de Pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

Número do processo da FAPESP: 2022/03608-9

Jhon Kelly Monacé
Pesquisador de pós-doutorado

Maria Jardim
Supervisora

Araraquara - SP
Dezembro de 2025

SUMÁRIO

1 Resumo do projeto aprovado pela Unesp-Fclar 4

2 Introdução 5

3 Metodologia e Gestão dos dados 7

3.1 Coleta de dados 7

3.1.1 Dados Quantitativos 7

3.1.2 Dados Qualitativos 7

3.2 Relatórios e Divulgação 9

4 Realizações no período 11

4.1 Pesquisa de Campo 11

4.2 Pesquisa histórica e documental 14

4.3 Cooperação e outras atividades acadêmicas realizadas 19

4.4 Outras atividades acadêmicas ou profissionais planejadas 21

5 Participação em eventos científicos 23

6 As publicações realizadas durante o período 29

Introdução 46

1 Procedimentos metodológicos 48

2 Liberdade, soberania e controle da (i)migração (1804–1806) na fundação do Estado do Haiti 50

3 Fragmentação do Estado e disputas de projetos políticos: Reino e República (1806–1820) 52

4 Presidente Jean Pierre Boyer e a reconfiguração migratória (1820–1843) 54

5 Transformações migratórias e diversificação dos fluxos (1843–1888) 58

6 Considerações finais 59

7 Referências 60

8 ANEXOS 91

1 RESUMO DO PROJETO APROVADO PELA UNESP-FCLAR

Este relatório final de pós-doutorado apresenta os resultados, realizações e publicações provenientes da pesquisa desenvolvida no âmbito da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) — Campus Araraquara/SP, com apoio da FAPESP, cujo objetivo central foi compreender as dimensões emocionais e raciais que atravessam a experiência migratória e remigratória dos haitianos residentes no Brasil. O projeto é um desdobramento de minha tese de doutorado (Monacé, 2021), inicialmente voltada à prática econômica do envio de dinheiro (*voye kòb*) entre os migrantes haitianos, mas que, no contexto pós-doutoral, ampliou o foco para investigar as emoções que orientam suas decisões de migração e remigração, articulando sofrimento, nostalgia, arrependimento, orgulho e frustração com o desejo de reconhecimento e estabilidade emocional. A pesquisa partiu da hipótese de que a migração para países com economias mais fortes, como Estados Unidos e Canadá, ultrapassa as razões econômicas e envolve também motivações emocionais e simbólicas, associadas à busca por dignidade e prestígio social.

Com base em uma abordagem interdisciplinar entre a sociologia econômica, a sociologia das emoções e a teoria decolonial (para entender dimensões raciais), o estudo utilizou procedimentos qualitativos, especialmente entrevistas semiestruturadas com migrantes haitianos na Região Metropolitana de Belo Horizonte (MG, Brasil), Tijuana (México) e El Paso (Estados Unidos), além de ampla revisão bibliográfica, para examinar o papel das emoções na trajetória migratória haitiana. No decorrer do projeto, emergiram novas questões relativas à raça e ao corpo, levando à solicitação de renovação da bolsa por 12 meses para explorar mais profundamente o impacto da racialização na vida emocional dos haitianos no Brasil. Essa nova fase, intitulada “Ser haitiano e o choque emocional de se redescobrir ‘preto’ no Brasil”, buscou compreender o processo de redescoberta identitária que ocorre quando, diante das políticas de autodeclaração racial, os haitianos confrontam um modelo de sociedade estruturado pelo padrão estético e simbólico caucasiano.

Os resultados evidenciam que o racismo estrutural brasileiro influencia as oportunidades econômicas, a autoimagem e as estratégias migratórias dos haitianos, cujos corpos, historicamente desclassificados, passam a carregar marcas emocionais do sofrimento e da exclusão. O estudo demonstrou que a dimensão racial é indissociável da emocional, ambas funcionando como determinantes na decisão de remigração. Conclui-se que a experiência migratória haitiana no Brasil é atravessada por uma tensão entre o desejo de reconhecimento e as dores da desvalorização racial, o que leva muitos migrantes a buscar novos destinos onde possam reconstruir suas trajetórias com maior dignidade simbólica e emocional. A pesquisa contribui, assim, para o avanço da sociologia das migrações, ao integrar raça, corpo e emoções como eixos analíticos centrais na compreensão dos deslocamentos contemporâneos de populações negras no continente americano.

Palavras-chave: migração haitiana; emoções; raça; corpo; sociologia das migrações.

2 INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta os resultados e desdobramentos do estágio pós-doutoral em Sociologia desenvolvido na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP – Araraquara, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A pesquisa teve como foco central compreender a dimensão emocional das experiências migratórias e remigratórias haitianas, articulando emoções, raça e mobilidade social. A relevância sociológica desta investigação reside na integração dessas dimensões, frequentemente tratadas de forma dissociada nas análises clássicas sobre migração, e na proposta de revelar como o sofrimento, a resignação, a esperança e o orgulho estruturam as decisões e práticas cotidianas dos migrantes haitianos em contextos marcados por desigualdades estruturais e racismo.

A proposta justifica-se pela ausência de estudos especializados sobre as emoções no contexto migratório haitiano, especialmente no que se refere à migração haitiana para o Brasil. A literatura existente (Audebert, 2017; Baeninger; Peres, 2016; Silva, 2017; Fernandes; Faria, 2017; Granger, 2014; Joseph, 2017; 2019; Silva, 2015) concentra-se principalmente nos fluxos, redes e rotas migratórias, assim como na inserção dos haitianos no mercado de trabalho brasileiro (Bortoloto, 2018; Cavalcanti *et al*., 2019; Cavalcanti; Brasil, 2017; Cotinguiba, 2019; Magalhães, 2017; Magalhães; Baeninger, 2016; Mamed; Lima, 2016). Entretanto, não há pesquisas que abordem as emoções dos haitianos e suas implicações na experiência migratória e remigratória.

Nesse contexto, investiguei como as emoções dos haitianos, diante das dificuldades de enviar dinheiro ao Haiti, influenciam sua decisão de remigrar para a América do Norte. Em minha tese de doutorado (Monacé, 2021), analisei os significados sociais das remessas, mas não os aspectos emocionais e seu impacto na decisão remigratória, o que foi ampliado nessa pesquisa pós doutoral. Além dos significados sociais, as remessas envolvem emoções expressas ao se conectar com suas famílias no Haiti e em outros países. A pesquisa pós-doutoral focou nas emoções dos migrantes, destacando que não é natural ou óbvio que um migrante haitiano, ganhando um pequeno salário em condições precárias, envie entre 16,6% e 52,51% dessa renda ao país de origem. Os haitianos se sacrificavam e se resignavam para enviar dinheiro, atitudes analisadas pela sociologia das emoções, e demonstravam altruísmo, conforme a perspectiva durkheimiana, ao atribuírem sentido à dor e à resignação envolvidas nesse gesto.

As emoções são fundamentais na vida social dos indivíduos e grupos, tanto como motivação para as atividades humanas quanto como linguagem social. De modo análogo, as

migrações constituem dimensões centrais da experiência social contemporânea. Embora outras sociedades tenham investigado os vínculos entre migrações e emoções, a literatura sobre a migração haitiana carecia dessa abordagem. Este projeto preenche essa lacuna, analisando as emoções no contexto da migração haitiana, de modo a entender suas implicações na remigração dos haitianos do Brasil para os Estados Unidos, valendo-se da sociologia das emoções, da sociologia econômica e dos estudos migratórios.

O prazo para a conclusão do projeto foi renovado em 12 meses. A partir da renovação, foquei em novos temas de pesquisa que surgiram, especialmente explorando a interseção entre questões raciais e emocionais. Durante o período acrescido, minha atenção esteve na investigação intitulada "Ser haitiano e o choque emocional de se redescobrir 'preto' no Brasil: Narrativas de corpos sofridos e desclassificados no contexto migratório", que expandiu a pesquisa sobre as emoções dos haitianos migrantes, aprofundando-se nas narrativas de suas jornadas de remigração do Brasil para a América do Norte. O projeto se baseia na compreensão das experiências emocionais dos migrantes haitianos, considerando o contexto brasileiro de políticas públicas. Além disso, examinei como as normas estéticas e sociais caucasianas enraizadas no Brasil impactam a vida dos haitianos, influenciando suas oportunidades econômicas e sua autoimagem. Esse estudo também abordou as conexões entre racismo estrutural, sociologia das emoções e estratégias de adaptação dos migrantes, salientando a resiliência e as lutas enfrentadas por eles. Ao destacar essas novas áreas de investigação, busquei contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas migratórias e das experiências dos haitianos, enquanto também lancei luz sobre as interações complexas entre identidade racial e emocionalidade em contextos transnacionais.

Ao explorar as conexões entre racismo estrutural, corpo e emoções, o projeto revelou como as normas sociais e estéticas dominantes impactam a vida emocional, as oportunidades econômicas e as estratégias de adaptação dos haitianos no Brasil. Dessa forma, esta pesquisa contribui para um entendimento mais amplo das dinâmicas migratórias, destacando que as emoções são efeitos subjetivos, assim como forças sociais e políticas que estruturam trajetórias, identidades e resistências. Ao integrar raça, corpo e emoção em uma perspectiva sociológica decolonial, o estudo amplia o escopo analítico da sociologia das migrações e oferece uma leitura crítica das experiências haitianas como espelho das tensões coloniais e pós-coloniais ainda presentes nas Américas.

3 METODOLOGIA E GESTÃO DOS DADOS

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem interdisciplinar entre a sociologia das emoções, a sociologia econômica e os estudos migratórios, ancorada em uma perspectiva decolonial que problematiza as leituras eurocentradas sobre mobilidade e identidade negra. A partir de entrevistas semiestruturadas, observações etnográficas e análise documental, o projeto examinou como as emoções atravessam as decisões de migração e remigração, influenciando tanto as relações familiares quanto a construção de pertencimentos transnacionais.

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de forma abrangente, englobando tanto informações qualitativas quanto quantitativas.

3.1.1 Dados Quantitativos

Realizei uma pesquisa documental com fontes de dados estatísticos nacionais e internacionais. No âmbito nacional, usei dados do Setor de Análise de Dados de Inteligência Policial da Delegacia de Polícia de Imigração da Polícia Federal e do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA). Analisei a entrada e saída de haitianos antes e durante a pandemia de covid-19 no Brasil, focando na Região Metropolitana de Belo Horizonte e no município de São Paulo. No âmbito internacional, utilizei dados da Organização Internacional para a Migração, dados oficiais do governo do Panamá, para identificar o número de haitianos saindo da América do Sul em direção à América do Norte.

3.1.2 Dados Qualitativos

Durante o estágio pós-doutoral, realizei pesquisa de campo na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em Tijuana (México) e nos Estados Unidos com os haitianos que pretendiam deixar ou já haviam deixado o Brasil para ir morar na América do Norte. Essa pesquisa resultou em publicações importantes de artigo e capítulo de livro. Além disso, participei de eventos de grande importância, tanto em nível internacional (como mostrado na parte reservada para a descrição das realizações no período), como em nível nacional.

Entre dezembro de 2022 e julho de 2023, empreendi investigações históricas com o objetivo de contextualizar a presença haitiana no Brasil, com destaque para as emoções dos migrantes haitianos tanto no Brasil quanto em outros países. A primeira pesquisa, intitulada "Haiti (1804-1888), a Terra da Libertação", se concentra na imigração para o Haiti ao longo do século XIX, destacando-o como um refúgio para afro-americanos e afro-caribenhos após sua independência em 1804. Esse estudo, atualmente em análise em uma revista de Qualis A1, desafia a produção acadêmica brasileira sobre o assunto, que frequentemente negligencia esse aspecto da história haitiana.

A segunda pesquisa, "Políticas de Proteção dos Afrodescendentes no Império do Haiti: Uma Análise Decolonial das Políticas de Dessalines (1804-1806)", foi apresentada em um evento internacional e investiga as políticas migratórias durante o reinado do imperador Jacques I. Esse estudo visa reabilitar a imagem dos revolucionários haitianos e do próprio Dessalines, ressaltando o orgulho haitiano, que foi afetado pela migração recente para o Brasil. Essa pesquisa teve como resultado o artigo intitulado "'Sim, salvei meu país, vinguei a América': Uma Leitura Decolonial da Grandeza de Jacques I, Imperador do Hayti, o Refúgio para Afrodescendentes (1804-1806)", aceito para ser publicado na revista *Horizontes Antropológicos*, de Qualis A1 em sociologia.

Além disso, uma terceira pesquisa, em coautoria com um pesquisador brasileiro e intitulada "Entre o Preto e o Branco: Discussões étnico-raciais sobre o colorismo e o empardecimento no Brasil", aborda o colorismo na sociedade brasileira contemporânea, adotando uma abordagem decolonial para compreender as identidades afrodescendentes e afro-brasileiras. Esse estudo destaca as complexas relações étnico-raciais no Brasil, onde os migrantes haitianos frequentemente enfrentam racismo estrutural.

O objetivo dessas investigações é não apenas historicizar as experiências haitianas, mas também oferecer uma nova perspectiva sobre migração, identidade e resistência racial. Essas pesquisas proporcionaram uma compreensão aprofundada das dinâmicas migratórias haitianas e das relações étnico-raciais no Brasil, contribuindo para uma visão crítica e decolonial sobre a história e a identidade dos afrodescendentes. Após a publicação, as fontes históricas utilizadas nos artigos serão disponibilizadas nas bases de dados das revistas para consulta por outros pesquisadores interessados na história da migração haitiana.

Entre junho e novembro de 2023, realizei uma pesquisa de campo multissituada com migrantes haitianos nas cidades fronteiriças de El Paso, no Texas (Estados Unidos), e Tijuana

(México), após coletar dados na Região Metropolitana de Belo Horizonte[1]. A participação dos migrantes foi voluntária, e eles responderam a uma série de perguntas por meio de questionários ou entrevistas. Garanti que, se um migrante decidisse desistir de participar a qualquer momento, antes ou depois da coleta de dados, isso não acarretaria em nenhum prejuízo para ele. Além disso, esclareci que o conteúdo das respostas dos questionários e entrevistas, bem como a identidade dos respondentes, permaneceriam confidenciais.

Essa pesquisa buscou obter informações sobre as emoções relacionadas à condição de migrante haitiano no Brasil e as motivações para deixar o país e se estabelecer na América do Norte. Utilizei diversas estratégias, incluindo cadernetas de campo para registro e análise posterior. O principal instrumento de coleta de dados foi o questionário-entrevista, uma ferramenta que permitiu extrair respostas sinceras dos entrevistados, alinhadas aos objetivos da pesquisa. Também utilizei entrevistas em profundidade para capturar informações mais afetivas do que cognitivas sobre os migrantes haitianos. Todos os instrumentos de coleta de dados foram elaborados no idioma crioulo, visando facilitar a compreensão dos participantes, muitos dos quais não falavam português ou francês. Para proteger a privacidade dos participantes, ao relatar os casos identificados durante a pesquisa, utilizei nomes fictícios inspirados no crioulo haitiano.

3.2 Relatórios e Divulgação

Todas as etapas de coleta, metodologia e análise dos dados foram detalhadas no relatório apresentado à UNESP-FCLAR, destacando a relação entre o material empírico e as teorias do projeto. Os relatórios foram organizados durante a pesquisa e sistematizados para serem incorporados em artigos de revista e trabalhos de divulgação científica em congresso.[2]

A partir de agosto de 2024, tive a honra de ministrar, em parceria com a Profa. Dra. Maria Chaves Jardim, a disciplina “Estudos Migratórios e Emoção” no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Essa disciplina, com uma carga horária total de 60 horas e quatro créditos, foi oferecida de forma presencial para alunos de mestrado e doutorado. Ao longo desse curso, utilizei os resultados das minhas pesquisas para enriquecer as discussões e proporcionar uma compreensão aprofundada sobre as dinâmicas sociais e culturais envolvidas nas migrações. Coloco em anexo o programa da disciplina, com todos os detalhes. Ademais, no

[1] Devido ao deslocamento dos haitianos para a América do Norte, não consegui realizar pesquisa de campo em São Paulo da forma proposta no projeto de pós-doutorado.

[2] Os dados estão disponíveis no site do grupo de pesquisa NESPOM, liderado pela Profa. Dra. Maria Chaves Jardim: https://nespom.webnode.page/. Acesso em: 12 nov. 2025.

segundo semestre 2025 lecionei o minicurso “Cultura e Sociedade no Haiti” na Universidade Federal de Juiz de Fora, em uma parceira para divulgar nossos resultados de pesquisa documental sobre o Haiti.

Inicialmente, abordei a conceituação e a evolução histórica dos estudos migratórios, bem como a contextualização global das migrações. Em seguida, a partir de uma perspectiva decolonial, para examinar a imigração internacional no Haiti, destaquei a cultura e a sociedade haitiana antes das emigrações. Foram exploradas as causas e consequências da emigração haitiana, com um foco especial na imigração haitiana ao Brasil. A disciplina também incluiu uma discussão sobre a relação entre migração e emoções, analisando as políticas migratórias e seu impacto nas experiências emocionais dos migrantes haitianos. Por fim, examinei como os clássicos da sociologia, incluindo as contribuições de Pierre Bourdieu, tratam as emoções, com especial atenção ao corpo e ao amor como temas de estudo. Essa abordagem holística permitiu aos alunos compreender a complexidade e a profundidade das experiências migratórias e emocionais.

Ainda como parte de meu engajamento na universidade onde o projeto está implantado, apresentei a palestra “Dinheiro e emoções na migração haitiana no Brasil”, no evento mensal de sociologia intitulado “Socializando com a Sociologia”, no mês de agosto de 2024, organizado pelo Departamento de Ciências Sociais da FClar. Além disso, tenho participado ativamente das reuniões do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder, Organizações e Mercados (NESPOM) e auxiliado a supervisora de pós-doutorado em orientações de iniciação científica (IC).

colocar dados resumidos aqui, coloquei no anexo desse texto os dados

4 REALIZAÇÕES NO PERÍODO

Durante o pós-doutorado, alcancei diversas realizações significativas que contribuíram para o avanço da pesquisa e o enriquecimento do currículo acadêmico. Diversas etapas foram concluídas com sucesso durante o período planejado, conforme exposto a seguir.

4.1 Pesquisa de Campo

Após a renovação da bolsa de pós-doutorado, foquei em novos temas de pesquisa que surgiram, especialmente explorando a interseção entre questões raciais e emocionais. Durante os 12 meses adicionais, minha atenção esteve na investigação intitulada “Ser haitiano e o choque emocional de se redescobrir ‘preto’ no Brasil: Narrativas de corpos sofridos e desclassificados no contexto migratório”, que expandiu a pesquisa sobre as emoções dos haitianos migrantes, aprofundando-se nas narrativas de suas jornadas de remigração do Brasil para a América do Norte. O projeto se baseia na compreensão das experiências emocionais dos migrantes haitianos, considerando o contexto brasileiro de políticas públicas. Além disso, examinei como as normas estéticas e sociais caucasianas enraizadas no Brasil impactam a vida dos haitianos, influenciando suas oportunidades econômicas e sua autoimagem. Esse estudo também abordou as conexões entre racismo estrutural, sociologia das emoções e estratégias de adaptação dos migrantes, destacando a resiliência e as lutas enfrentadas por eles. Ao destacar essas novas áreas de investigação, busquei contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas migratórias e das experiências dos haitianos, enquanto também lancei luz sobre as interações complexas entre identidade racial e emocionalidade em contextos transnacionais.

Foram utilizadas fontes de dados estatísticos, nacionais e internacionais, que dialogam com minhas pesquisas empíricas realizadas no Brasil, no México e nos Estados Unidos, entre janeiro e novembro de 2023. No âmbito nacional, analisei dados do Setor de Análise de Dados de Inteligência Policial da Delegacia de Polícia de Imigração da Polícia Federal e do Observatório das Migrações Internacionais (OBMIGRA). Essa análise me permitiu mapear a entrada e saída de haitianos no Brasil. Foram coletados dados detalhados sobre os fluxos

migratórios na região Sudeste do Brasil, com foco na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

No âmbito internacional, estive na América do Norte entre 8 de junho e 20 de novembro de 2023, realizando pesquisa qualitativa. De junho a setembro, permaneci hospedado na residência de um amigo em Indianápolis, capital do Estado de Indiana. Nessa cidade, consegui realizar duas entrevistas com representantes de duas famílias de migrantes haitianos que deixaram o Brasil para os Estados Unidos, além de uma entrevista em Deerfield Beach, no Estado da Flórida, com uma família haitiana que havia vivido no Brasil. A principal etapa de coleta de dados, contudo, ocorreu por meio de questionários-entrevistas conduzidos em Tijuana, no Estado da Baixa Califórnia (México) e em El Paso, no Estado do Texas (Estados Unidos). Em consonância com a escolha teórica, foram elaboradas as ferramentas de uma pesquisa sociológica por meio de instrumentos de observação direta (como o questionário-entrevista e a observação de campo), voltados à coleta de informações orais capazes de subsidiar a explicação e a análise do objeto de pesquisa em seu contexto. A observação direta é "um questionamento que consiste em submeter grupos de indivíduos a séries de questões para obter respostas numa situação de comunicação artificial que é criada pela presença dos investigadores" (Thiollent, 1982, p. 32).

Assim, entre 27 de julho e 2 de agosto de 2023, realizei pesquisa de campo com famílias haitianas em El Paso, administrando questionário-entrevista. Fui acolhido pela missão de evangelização *Walk by Faith International Missionary Church*, liderada e sediada na casa do pastor haitiano Jean Jacob Jeudy. O pastor transformou sua casa e quintal em abrigo para receber os haitianos em dificuldade econômica e/ou em busca de apoio emocional após cruzar a fronteira entre México e Estados Unidos, disponibilizando tendas e camas para as famílias. As mulheres e as crianças dormiam nas tendas enquanto os homens dormiam ao relento. Para fins de observação e para me sentir na pele dos meus compatriotas, dormi ao relento como eles entre os dias 27 e 30 de julho de 2023. Assim, não foi necessário pagar uma estadia em hotel. Só precisei dar uma pequena contribuição aos responsáveis pela preparação da comida coletiva, que proporcionava duas refeições por dia para todos. Ao relento, senti na mesma noite tanto o frio quanto o calor, o vento, a poeira e o silêncio.

Ao longo dos dias, pude dedicar um tempo significativo à aplicação do questionário-entrevista. A experiência foi desafiadora para mim, mas necessária para entender melhor a vivência dos meus compatriotas. Entre os dias 30 de julho e 2 de agosto de 2023, precisei fazer uma reserva em um pequeno hotel da cidade, pois o espaço de acolhimento da missão estava praticamente saturado, enquanto outros compatriotas estavam ainda mais necessitados do que

eu. Entretanto, eu continuava a ir ao abrigo durante o dia para conversar com as pessoas e comer com elas. Lá, consegui aplicar o questionário-entrevista para 35 famílias ou seus representantes. Para ampliar a base de dados e possibilitar comparações, considerei também algumas famílias haitianas que haviam vivido no Chile antes de migrar para os Estados Unidos, motivadas por razões semelhantes às das famílias que residiam no Brasil.

Em 3 de agosto viajei para São Diego, no Estado da Califórnia, onde fiquei hospedado em um hostel, e cruzei a fronteira no dia seguinte para ir a Tijuana, no Estado da Baixa Califórnia, no México. Fiquei hospedado em um hotel no centro da cidade de 4 a 8 de agosto. Em 5 de agosto, encontrei os meus amigos Limyè e Bouchon,[3] que conheci na Região Metropolitana de Belo Horizonte, os quais me ajudaram a encontrar migrantes haitianos em Tijuana. Lá, consegui encontrar 10 famílias de migrantes haitianos que estavam esperando o momento apropriado para cruzar a fronteira e entrar nos Estados Unidos.

Todas as conversas foram gravadas no momento da coleta dos dados, enquanto as respostas das perguntas fechadas foram registradas no questionário-entrevista aplicado. Os dados dos questionário-entrevistas foram classificados em uma planilha de Excel, enquanto as narrativas gravadas em crioulo haitiano, língua oficial do Haiti, serão transcritas para complementar as análises dos artigos e outros relatórios de pesquisa em curso de redação. Estudantes do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade do Estado do Haiti, instituição de ensino onde me graduei em Sociologia, serão recrutados para transcrever as gravações. Assim, o projeto contribuirá economicamente na formação de alguns alunos de graduação no Haiti. Após a transcrição, estudantes haitianos de programas de graduação serão recrutados para traduzir as transcrições do crioulo haitiano para o português brasileiro.

Dos dados coletados, escrevi o artigo intitulado "Emoções na remigração haitiana do Brasil para a América do Norte: percorrendo a estrada de miséria — *Wout mizè* — para escapar da miséria vivenciada no Brasil", em coautoria com Maria Jardim, a supervisora do projeto de pós-doutorado. O artigo foi submetido, aprovado e publicado na *Revista Brasileira de Ciências Sociais (RBCS)*, um periódico de Qualis A1 na área de Sociologia. O artigo leva em conta as vozes da população de migrantes haitianos sobre o uso das redes sociais como meio de expressar emoções e contar experiências de viagem. Além de interagir diretamente com os migrantes no campo, inserimo-nos nas suas redes sociais, tanto como auxílio na coleta de dados

[3] Nomes fictícios usados na minha tese de doutorado para designar os participantes e meus amigos de campo.

quanto como instrumento de partilha de notícias de viagem. Um dos objetivos é compreender e apontar alguns dos papéis das redes sociais tanto na tomada de decisão de remigração, quanto na manutenção dos vínculos com as pessoas que ficaram no Brasil. Para atingir esse propósito, foram obtidos dados junto aos haitianos que residem ou já residiram na Região Metropolitana de Belo Horizonte e que utilizam ativamente as redes sociais para se comunicar com familiares transnacionais, bem como para compartilhar informações sobre suas experiências migratórias.

Com base na teoria do transnacionalismo de Glick Schiller, Fouron e Levitt, o artigo mostra como esses migrantes utilizam as redes sociais para se conectarem com familiares e amigos que estão fora, enquanto ainda não tomaram a decisão de deixar o Brasil; com aqueles que permanecem no Brasil quando eles próprios já deixaram o país; com os que já chegaram à América do Norte quando ainda estavam a caminho; e com aqueles no Haiti, para trocar experiências, notícias (*nouvèl*) e expressar emoções de sofrimento e dor. A pesquisa, baseada em dados coletados na Região Metropolitana de Belo Horizonte, e em uma investigação de campo acompanhando o mesmo grupo durante sua jornada no México e nos Estados Unidos, explora as experiências compartilhadas, notícias e expressões de sofrimento e dor nas redes sociais com familiares transnacionais. O resultado da pesquisa aponta que o conjunto das dificuldades vivenciadas pelos migrantes na remigração do Brasil para os Estados Unidos pode ser expressa por meio da noção de *mizè* (miséria).

4.2 Pesquisa histórica e documental

Nos últimos meses, realizei significativos avanços no estudo das dinâmicas migratórias haitianas, através de uma abordagem histórica e documental. De dezembro de 2022 a julho de 2023, consegui realizar pesquisas de natureza histórica sobre o fenômeno migratório haitiano para uma melhor contextualização da presença haitiana no Brasil. Foi importante conhecer mais sobre o Haiti para poder historicizar as emoções dos haitianos, tanto no contexto migratório no Brasil quanto no contexto migratório em outros países. Para isso, foram desenvolvidas duas importantes pesquisas históricas que buscaram explorar a rica história do Haiti e comparar suas relações étnico-raciais com as do Brasil. A seguir, apresento um resumo dos resultados dessas pesquisas, destacando a importância de uma perspectiva decolonial na análise da migração haitiana e das políticas de proteção afrodescendentes, bem como nas discussões sobre colorismo e empardecimento no contexto brasileiro.

Em primeiro lugar, realizei a pesquisa intitulada “Haiti (1804-1888), a Terra da

Libertação: Descolonizando a Migração Internacional de Afrodescendentes no Contexto Haitiano", que resultou em artigo submetido em inglês e que se encontra em análise na *Revista de História* (Qualis A1 em História e Interdisciplinar; e A2 em Sociologia, na classificação 2013-2016; e de Qualis A1 em todas as áreas de avaliação, na classificação 2017-2020). Na pesquisa em questão, são mobilizadas fontes históricas para examinar as imigrações internacionais para o Haiti durante o século XIX, a partir de uma abordagem decolonial. Esse aspecto tem sido pouco explorado na literatura brasileira sobre o fenômeno migratório relacionado ao país caribenho. O objetivo foi destacar que, após conquistar sua independência em 1804, o Haiti se tornou um refúgio para afro-americanos e afro-caribenhos que fugiam da escravidão em outras nações das Américas. Além disso, ao longo do século XIX, o Haiti recebeu imigrantes de diversas origens, incluindo europeus e pessoas de outras partes do mundo. A chegada de não-nacionais ao Haiti ocorreu antes que os haitianos começassem a emigrar para outros países.

Compreender essa sequência é essencial em uma perspectiva decolonial, pois fornece um contexto fundamental para examinar as emoções dos migrantes haitianos que, em seus atuais países anfitriões, insuficientemente acolhedores, enfrentam condições de vulnerabilidade. Ao mergulharmos nas profundezas da história haitiana, desvendamos um mosaico de narrativas que desafia nossa compreensão convencional sobre migração e identidade. Esse estudo, fundamentado em uma perspectiva decolonial, lança luz sobre um aspecto muitas vezes negligenciado, sobretudo pela literatura brasileira especializada nos estudos da migração haitiana: o papel do Haiti como terra que libertava pessoas escravizadas em busca de liberdade ou oportunidade. Enquanto o Haiti enfrenta desafios contemporâneos de pobreza e instabilidade, é crucial reconhecer sua rica herança como um ponto de acolhimento para afro-americanos, afro-caribenhos e outros grupos étnicos ao longo do século XIX.

À medida que exploramos as experiências emocionais dos haitianos durante suas jornadas migratórias, confrontamo-nos com uma dualidade fascinante: por um lado, a resiliência e o altruísmo que permeiam suas decisões de partir em busca de uma vida melhor, e por outro, os desafios emocionais inerentes à reconstrução da identidade racial em um novo contexto. A autodeclaração da cor da pele na experiência migratória dos haitianos no Brasil torna-se não apenas um ato burocrático, mas também um ponto de inflexão emocional, onde os haitianos confrontam não apenas as barreiras sociais e econômicas, mas também a própria percepção de si mesmos em uma sociedade que muitas vezes os marginaliza.

Em segundo lugar, após a renovação da bolsa de pós-doutorado, foquei em novos temas

de pesquisa que surgiram, especialmente explorando a interseção entre questões raciais e emocionais. Durante os 12 meses suplementares, minha atenção esteve na investigação intitulada "Ser haitiano e o choque emocional de se redescobrir 'preto' no Brasil: Narrativas de corpos sofridos e desclassificados no contexto migratório", que expandiu a pesquisa sobre as emoções dos haitianos migrantes, aprofundando-se nas narrativas de suas jornadas de remigração do Brasil para a América do Norte. O projeto se baseia na compreensão das experiências emocionais dos migrantes haitianos, considerando o contexto brasileiro de políticas públicas. Além disso, examinei como as normas estéticas e sociais caucasianas enraizadas no Brasil impactam a vida dos haitianos, influenciando suas oportunidades econômicas e sua autoimagem. Esse estudo também abordou as conexões entre racismo estrutural, sociologia das emoções e estratégias de adaptação dos migrantes, destacando a resiliência e as lutas enfrentadas por eles. Ao destacar essas novas áreas de investigação, busquei contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas migratórias e das experiências dos haitianos, enquanto também lancei luz sobre as interações complexas entre identidade racial e emocionalidade em contextos transnacionais.

A partir da renovação da bolsa, realizei uma pesquisa documental de caráter histórico intitulada "Políticas de Proteção dos Afrodescendentes no Império do Haiti: Uma Análise Decolonial das Políticas de Dessalines (1804-1806)", apresentada no "Terceiro Encontro Continental de Estudos Afro-Latino-Americanos", do *Afro-Latin American Research Institut* (ALARI) do *Hutchins Center*, da Universidade Harvard, ocorrido entre 10 e 12 de julho de 2024 na Universidade de São Paulo. Depois dessa apresentação, foi elaborado um artigo intitulado "'Sim, salvei meu país, vinguei a América': Uma Leitura Decolonial da Grandeza de Jacques I, Imperador do Hayti, o Refúgio para Afrodescendentes (1804-1806)". O texto será submetido à *Revista Horizontes Antropológicos*, avaliada como Qualis A1 na área de Sociologia.

Na pesquisa, foram mobilizadas fontes históricas que evidenciam as políticas migratórias no Império do Haiti logo após a independência, sob a liderança do imperador Jacques I (Jean-Jacques Dessalines), o libertador, até seu assassinato em 17 de outubro de 1806. A historiografia sobre a Revolução Haitiana, escrita na época da Revolução, muitas vezes por franceses colonialistas racistas e preconceituosos, retrata os revolucionários haitianos e o libertador Jean-Jacques Dessalines como bárbaros e criminosos. No entanto, essa pesquisa articula uma literatura decolonial para estudar os castigos contra os franceses e as políticas migratórias haitianas a favor dos afrodescendentes, com o objetivo de reabilitar os heróis da

Independência Haitiana, particularmente o libertador Jean-Jacques Dessalines. Esse momento histórico, liderado por Dessalines, é crucial na construção do orgulho de ser haitiano e negro, pois suas decisões políticas demonstraram que os carrascos brancos escravocratas eram passíveis de sanção.

Por meio dessas decisões, Dessalines conseguiu reabilitar a raça negra e elevar o haitiano no ranking da humanidade, mesmo sendo negro. Contudo, quando os haitianos chegaram ao Brasil, por meio da emigração iniciada após o terremoto de 2010, a exigência de autodeclarar a cor da pele abalou, em muitos casos, o orgulho de ser negro. Eles foram obrigados a redescobrir sua identidade em uma pele preta desvalorizada e marginalizada na sociedade brasileira. Desde a independência, o termo *preto* nunca se referiu apenas à cor da pele, mas funcionou como sinônimo de pessoa, de ser humano — de *Homo sapiens sapiens* (Empire d'Haïti, 1805).

Hoje, considera-se fundamental adotar um olhar novo e decolonial sobre os castigos infligidos aos franceses, ressaltando que houve mais humanidade na vingança orquestrada contra eles do que na escravização das pessoas negras. Isso é essencial para entender melhor o período de construção do orgulho de ser preto e haitiano, que foi abalado no processo de emigração haitiana para o Brasil. Trata-se, ao mesmo tempo, de um momento de reafirmação desse orgulho, celebrando a resistência e a dignidade que marcaram a luta pela independência e continuam a inspirar as gerações atuais.

Para contextualizar melhor as relações étnico-raciais da realidade brasileira, na qual os haitianos vêm se inserindo antes de tomar a decisão de remigrar para a América do Norte, realizei uma pesquisa documental intitulada "Entre o Preto e o Branco: Discussões étnico-raciais sobre o colorismo e o empardecimento no Brasil", em coautoria com um brasileiro preto, que resultou em artigo submetido à *Revista Estado e Sociedade*, avaliada com Qualis A1 em Sociologia. A proposta da pesquisa foi discutir o colorismo étnico-racial e o empardecimento na sociedade brasileira do século XXI, abordando-os por meio de uma perspectiva decolonial e crítica da realidade em questão. Portanto, essa pesquisa se ampara na terminologia "preto" para se referir aos sujeitos africanos (nascidos na África) e no termo "afrodiaspórico" para se referir aos sujeitos afro-brasileiros, cuja origem étnico-racial e identitária firmam-se também no continente africano para além do seu país de origem, nesse caso, o Brasil.

Essa escolha se fundamenta em uma estratégia deliberada, crítica e decolonial, influenciada pela posição dos pesquisadores, um homem afrodiaspórico retinto brasileiro, e um homem preto retinto haitiano que se identificam como tal. Essa abordagem contrasta com a

definição dada à terminologia “negro” no Brasil, que não é vista enquanto uma identidade étnico-racial, mas sim como uma categorização demográfica que engloba tanto pretos quanto pardos, conforme indicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A pesquisa baseia-se na realidade brasileira para fornecer novas compreensões sobre os sujeitos africanos e afrodiaspóricos no Brasil e outros sujeitos advindos do Haiti, sobretudo por meio do tema do colorismo, apresentado como uma questão tenaz a ser discutida e que perpassa as discussões de identidade, subjetividade das masculinidades pretas e afrodiaspóricas – lócus centrais de estudo dos autores. Para conduzir essa reflexão, a pesquisa insere-se, portanto, na abordagem decolonial em termos metodológicos.

O Haiti se destaca como uma exceção, ao desvincular o modelo caucasiano dos conceitos de bem, belo e sagrado após a Revolução de 1791-1804, passando a associá-lo ao barbarismo e à criminalidade (Pradine, 1886). A independência haitiana, proclamada em 1804, marcou o fim da migração forçada de africanos e impôs sanções contra o modelo caucasiano, ao impedir aos europeus o direito de serem possuidores de bens imóveis no Haiti (Empire d'Haïti, 1805). Esse marco histórico também contribuiu para a construção do orgulho de ser haitiano e negro, em uma acepção haitiana do termo — sinônimo de pessoa, de ser humano, de *Homo sapiens sapiens*.

A Constituição de 1805 aboliu a escravidão, reconhecendo automaticamente qualquer pessoa de ascendência africana como haitiana e estabelecendo a coabitação pacífica entre haitianos brancos e pretos. A decisão de designar todos os haitianos como “*noir*” – pretos –, apesar da existência de alguns haitianos de origem caucasiana (polonesa e alemã), teve impactos duradouros, redefinindo o conceito de pessoa na sociedade haitiana (Empire d'Haïti, 1805).

Ao contrário do Haiti, em sua luta contra o racismo e a escravidão baseada na opressão racial, o Brasil, nas suas est

q1ruturais sociais, tanto na época colonial quanto na pós-independência, não mostrou muito interesse em descontruir os esquemas racistas que são enraizados na sociedade colonial. O país, desde sua fundação, adotou o padrão semiótico e estético caucasiano para montar suas instituições. Nesse sentido, é preciso destacar que o padrão semiótico e estético caucasiano que se espalhou pelo país desde o período colonial, e que atua de modo sistêmico até os presentes dias, tem impresso na sociedade brasileira, estudada pelas áreas de conhecimento acima mencionadas, uma marca que distingue o que é “bom” do que é “ruim” – o “selo de qualidade caucasiano”. É nessa sociedade marcada por relações étnico-raciais problemáticas que os migrantes vêm vivenciando o racismo estrutural.

4.3 Cooperação e outras atividades acadêmicas realizadas

O meu percurso acadêmico envolve uma série de experiências enriquecedoras e colaborativas, refletindo não apenas meu engajamento individual, mas também minha capacidade de contribuir para o avanço coletivo do conhecimento. Destaco aqui algumas dessas experiências, que demonstram, além do meu compromisso com a excelência acadêmica, meu papel como colaborador ativo na construção do conhecimento em ciências sociais e áreas afins.

Durante os processos seletivos de 2022/2023, 2023/2024 e 2024/2025 para ingresso de alunos regulares nos cursos de Mestrado e Doutorado em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP — Campus de Araraquara, atuei como membro da comissão examinadora. Como parte da comissão, composta por colegas acadêmicos, participamos de todas as etapas do processo, desde a análise dos currículos e projetos de pesquisa até a realização de entrevistas e provas escritas, assegurando a integridade e a qualidade do processo seletivo. Ainda em minha jornada acadêmica, tive a oportunidade de apresentar ou colaborar em diversas pesquisas em diferentes instituições e países, conforme descrevo a seguir.

Em maio de 2025, desempenhei um papel ativo como membro do comitê organizador do Colóquio Internacional "*Urbanisation et développement durable: enjeux et solutions innovantes dans les villes du Sud*", realizado nos dias 8 e 9 de maio de 2025, em Montreal, durante o 92º Congresso da ACFAS. No âmbito dessa atividade, contribuí de forma significativa para a planificação científica, coordenação logística local, acolhimento dos participantes e para o bom andamento geral do evento, além de colaborar na coordenação científica da publicação dos anais do colóquio. Essa participação representou uma experiência acadêmica e organizacional enriquecedora, para a qual dediquei mais de 120 horas de trabalho voluntário, distribuídas entre a preparação, a coordenação em campo e os acompanhamentos pós-evento. Meu envolvimento rigoroso, constante disponibilidade e espírito de colaboração foram reconhecidos pelo *Centre Haïtien de Recherches em Sciences Sociales* (CHARESSO), instituição responsável pela organização, como elementos fundamentais para o êxito dessa importante iniciativa científica.

Em 7 de junho de 2024, palestrei como professor convidado na disciplina "Políticas Públicas e Diversidade", do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Governo da Fundação Getúlio Vargas de Brasília/DF. Com o título "Políticas públicas de diversidade e integração de refugiados e migrantes no Brasil", o objetivo da palestra era explorar as políticas públicas brasileiras relacionadas aos solicitantes de refúgio e migrantes, discutir as

especificidades de sua condição, além de identificar os principais desafios de sua integração na sociedade brasileira.

Em 17 de maio de 2024, participei como examinador externo da banca do aluno haitiano Richardson Yonel Civil em sua defesa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Comunicação médico-paciente e o sistema de saúde: Autoetnografia de um estudante de medicina haitiano". Esse trabalho foi apresentado como parte dos requisitos para a obtenção do grau de bacharel em Medicina pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Como imigrante, eu me engajei também em ajudar a resolver problemas dos imigrantes, particularmente os haitianos, acompanhando na documentação, auxiliando na busca de emprego digno redigindo currículos, ajudando no processo de naturalização brasileira, etc. Ademais, eu me engajei voluntariamente para palestrar em 15 de março de 2024 sobre a desclassificação dos imigrantes no mercado laboral brasileiro na Conferência Livre, organizada pelo Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR) e pela Organização de Resgate a Refugiados de Afegãos (ARRO). Na mesma ocasião, fiz propostas para políticas públicas a favor dos imigrantes durante a realização da 2ª Conferência Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia (COMIGRAR).

Já em 7 de agosto de 2023, na Semana de Abertura do semestre 2.2023, do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), tive a oportunidade de apresentar uma palestra intitulada "O Haiti e a invenção da Afrodescendência: Uma leitura decolonial". Nessa ocasião, explorei a importância do Haiti como um símbolo da resistência afrodescendente e sua influência na construção de identidades culturais na América Latina, especialmente na região amazônica. Essa palestra foi uma oportunidade única para promover uma reflexão crítica sobre processos históricos e sociais na região.

No programa Fapsiaovivo, da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), juntamente com a professora Carolina Vilas Boas, abordamos os significados sociais das remessas dos migrantes haitianos no Brasil. Essa discussão proporcionou uma reflexão profunda sobre as interações sociais e culturais entre as comunidades haitianas e brasileiras, ampliando o entendimento sobre as dinâmicas migratórias, a construção social do dinheiro do migrante e suas implicações psicossociais.[4]

[4] Essa participação ocorreu em 31 de março de 2023 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KAQqbH96eM0&t=862s. Acesso em: 11 nov. 2025.

Entre 2022 e 2023, tive o privilégio de atuar como coorientador do aluno haitiano Frantzdy Luc no âmbito do seu mestrado em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia, na UNIFESSPA. Sob a supervisão do Prof. Dr. Livio Sergio Dias Claudino e minha coorientação, Frantzdy conduziu uma pesquisa intitulada "Análise da Dinâmica Territorial no Haiti no Período 1998 a 2019: Caso da Comuna de Tabarre", culminando na obtenção do título em 2023. Durante o desenvolvimento desse trabalho, minha função como coorientador foi oferecer suporte acadêmico e técnico a Frantzdy, fornecendo orientação especializada e *insights* relevantes para a condução da pesquisa, além de oferecer sugestões para a estruturação do trabalho e para a redação de forma clara e coesa. A partir da dissertação, participei na concepção, análise, redação e revisão do artigo "Análise da dinâmica territorial na Comuna de Tabarre, Haiti (1998-2019)" submetido em março de 2024, aceito e publicado em 2025 em coautoria com Frantzdy Luc e Lívio Sergio Dias Claudino à revista *Mercator*, de Qualis A1.

Ainda em 2022, participei ativamente como organizador do "46º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais ANPOCS — SPG 42", realizado em colaboração com Gabriela Porcionato. Com o tema "Um outro olhar para as interações sociais da vida econômica: desenvolvimento sustentável, desigualdades e tecnologias no século 21", a organização do GT envolveu a seleção de palestrantes, a estruturação da programação e a mediação de discussões que exploraram como as dinâmicas econômicas estão sendo transformadas por novas tecnologias e abordagens sustentáveis.

Além disso, também organizei o "Congresso Internacional de Pesquisa NESPOM — GT6", onde o foco foi "Gosto, emoções e sensibilidades", reunindo pesquisadores de diferentes áreas para discutir como as emoções e sensibilidades influenciam nossas percepções e gostos. A organização incluiu a coordenação de sessões temáticas, proporcionando um ambiente favorável para a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de novas perspectivas sobre o tema.

4.4 Outras atividades acadêmicas ou profissionais planejadas

Em outubro de 2024, fui oficialmente nomeado editor-chefe da revista *Cahiers internationaux de sciences sociales* (CISS), publicada pelo CHARESSO. Essa nomeação, com vigência inicial de 36 meses (de 15 de outubro de 2024 a 14 de outubro de 2027), representa um importante reconhecimento da minha trajetória acadêmica e do meu compromisso com a produção científica internacional. Como editor-chefe, assumi a responsabilidade final pela

qualidade acadêmica e científica da revista, atuando diretamente no processo de avaliação por pares, na edição e revisão dos manuscritos, e na coordenação do comitê editorial e científico internacional. Além disso, tenho me dedicado a fortalecer a reputação da revista no meio acadêmico, planejar números temáticos, selecionar novos membros para o conselho editorial e promover a publicação em eventos e conferências científicas. Trata-se de uma função honorífica e voluntária, que reafirma meu engajamento com o avanço das ciências sociais e com a difusão do conhecimento crítico e interdisciplinar em contextos globais e decoloniais.

5 PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS

Ao longo dos últimos anos, tenho me dedicado de maneira intensa a participar de eventos acadêmicos ao redor do mundo, assim como em vários congressos de grande importância em âmbito nacional, como o Congresso da ANPOCS, o Congresso Brasileiro de Sociologia (CBS), e a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), buscando contribuir com reflexões e análises pertinentes no campo das ciências sociais. Desde minha apresentação na *Second Continental Conference on Afro-Latin American Studies 2022*, na Harvard University, e no "*Seminario de Migraciones y Ciudadanias*", organizado pela *Universidad de Guanajuato*, no México, em 7 de junho de 2023, até minhas recentes participações no *III Simposio de la Cátedra de Estudios Africanos y del Caribe: Resiliencia, Desigualdades y Movilidades (Afro)Multidimensionales*, em San José, Costa Rica, de 18 a 21 de fevereiro de 2025, e no *5th ISA Forum of Sociology* da *International Sociological Association* (ISA), em Rabat, Marrocos, de 6 a 11 de julho de 2025.

O mais recente evento do qual participei foi o 49º Encontro Anual da ANPOCS, realizado entre os dias 15 e 24 de outubro de 2025, onde apresentei o trabalho intitulado "A periferia não é só brasileira: Vulnerabilidade, precariedade e invisibilidade de imigrantes haitianos nas periferias urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte", no GT57 – Migrações, fronteiras, securitização e direitos humanos. Essa participação representou um momento relevante do meu percurso pós-doutoral, ao possibilitar a socialização de resultados parciais da pesquisa e o diálogo com especialistas dedicados às temáticas das migrações, das fronteiras e dos direitos humanos. As discussões e trocas realizadas contribuíram para aprofundar a reflexão sobre as interseções entre raça, migração e desigualdade socioespacial no Brasil, reforçando o compromisso da investigação com uma leitura crítica e decolonial dos processos de marginalização e resistência nas periferias urbanas.

Entre essas atividades, destaco a apresentação do trabalho intitulado "O que *fanmi* (família) quer dizer: Além das famílias recompostas entre haitianos no Brasil", no Grupo de Trabalho GT 139 – "O que é e o que será dos parentescos na e da América do Sul? Memória, origens e substâncias nas relações familiares e de parentesco", durante a XV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), realizada entre os dias 4 e 8 de agosto de 2025, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador. Essa participação permitiu discutir, em diálogo com outros pesquisadores da área, as transformações das relações familiares e afetivas entre migrantes haitianos no Brasil, destacando como as noções de *fanmi* (família) se

reconfiguram em contextos migratórios e atravessamentos raciais, emocionais e econômicos.

Apresentei o trabalho intitulado “Punições contra os colonizadores no Império do Hayti (1804-1806): por uma análise decolonial das sanções contra os franceses no governo de Dessalines”, no GT16 – Sociologia da Punição: entre teoria social e abordagens empíricas, do 22º Congresso Brasileiro de Sociologia, realizado entre os dias 15 e 18 de julho de 2025, na Universidade de São Paulo (USP), campus Butantã. A apresentação integrou as discussões sobre punição, justiça e colonialidade, propondo uma leitura decolonial das sanções impostas aos franceses após a independência do Haiti, articulando o tema à sociologia da punição e às disputas simbólicas em torno da legitimidade das práticas jurídicas no contexto pós-colonial haitiano. Essa participação constituiu uma etapa importante de difusão dos resultados parciais da pesquisa, consolidando o diálogo entre os estudos sobre emoções, poder e justiça no âmbito das ciências sociais.

Durante o *5th ISA Forum of Sociology* da *International Sociological Association* (ISA) – 5º Fórum da International Sociological Association (ISA), realizado entre os dias 6 e 11 de julho de 2025, em Rabat, Marrocos, participei com duas apresentações em Grupos de Trabalho distintos, ambas relacionadas às temáticas de migrações, emoções e colonialidade, que integram o escopo do meu projeto de pós-doutorado desenvolvido na UNESP. As comunicações apresentaram resultados parciais de pesquisas empíricas e teóricas realizadas ao longo do período, contribuindo para o debate internacional sobre migrações haitianas e para a reflexão decolonial sobre o papel histórico do Haiti nas dinâmicas atlânticas de mobilidade.

A primeira apresentação, intitulada “*Transnational Families, Social and Symbolic Aspects in the Remittance Practices of Haitian Dyaspora in Brazil*”, foi realizada no Grupo de Trabalho sobre Sociologia Econômica e Migrações Transnacionais. O trabalho discutiu as dimensões sociais, simbólicas e emocionais das práticas de envio de dinheiro (*voye kòb*) entre os haitianos residentes no Brasil, com base em dados coletados junto a 180 migrantes haitianos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, por meio de entrevistas-questionário, observação participante e imersão comunitária. Argumentei que o *voye kòb* não obedece a uma lógica puramente econômica, mas constitui uma prática de reciprocidade e reprodução simbólica das relações familiares e transnacionais, conferindo prestígio e reconhecimento ao status de *dyaspora*. Mostrei que, além de atender a necessidades materiais, o envio de remessas é um ato moral e emocionalmente regulado, cujo descumprimento acarreta sanções simbólicas dentro da comunidade haitiana. Assim, o estudo demonstrou que o dinheiro, nesse contexto, transcende seu valor econômico para se tornar mediador de laços afetivos, solidariedade e pertencimento

social.

A segunda comunicação, intitulada "*The Land of Liberty: A Decolonial Perspective on International Migrations to Haiti (1804-1888)*", foi apresentada no Grupo de Trabalho sobre Perspectivas Decoloniais e Migrações Internacionais. Nessa intervenção, discuti o papel histórico do Haiti como território de liberdade e refúgio no século XIX, com base em uma leitura decolonial de fontes históricas e secundárias. Argumentei que, após a independência de 1804, o Haiti se tornou um espaço de acolhimento para afro-americanos, afro-caribenhos e imigrantes de diferentes origens, em um movimento inverso ao atual padrão de emigração haitiana. A análise destacou que o país desempenhou um papel pioneiro na luta anticolonial e antiescravista, afirmando-se como símbolo de hospitalidade e resistência negra no Atlântico. Essa comunicação contribuiu para repensar as narrativas hegemônicas sobre o Haiti, resgatando sua importância na história das migrações internacionais e na construção de uma modernidade decolonial nas Américas.

Em fevereiro de 2025, tive a oportunidade de participar do III Simpósio da Cátedra de Estudos Africanos e do Caribe: *Resiliencia, Desigualdades y Movilidades (Afro)Multidimensionales*, realizado em San José, Costa Rica. Nesse encontro, apresentei a comunicação intitulada "*Jean-Jacques Dessalines and the Construction of Haiti as a Land of Resistance, Black Dignity, and Refuge for Afro-descendants*", no Painel 7: *Pensamiento crítico africano y afrocaribeño*. A participação nesse evento marcou um momento significativo do meu percurso pós-doutoral, pois me permitiu compartilhar os resultados parciais da pesquisa e dialogar com pesquisadores de diferentes países interessados nas dinâmicas históricas e contemporâneas das diásporas africanas. As trocas acadêmicas realizadas nesse espaço contribuíram para aprofundar a reflexão sobre o papel de Dessalines na construção simbólica do Haiti como território de resistência e dignidade negra, além de fortalecer redes de colaboração que ampliam o alcance internacional das discussões desenvolvidas em minha investigação.

Em outubro de 2024, participei do 48º Encontro Anual da ANPOCS, realizado entre os dias 16 e 25 de outubro, onde apresentei, em coautoria com Maria Chaves Jardim, o trabalho intitulado "A remigração dos haitianos do Brasil para a América do Norte: papel das redes sociais na expressão de emoções e manutenção de laços transnacionais", no GT17 – Migrações, desigualdades e diversidades e seus atravessamentos de gênero, raça, classe e geração. Essa participação representou uma oportunidade significativa de expor reflexões e resultados parciais da pesquisa pós-doutoral, especialmente no que diz respeito às dinâmicas emocionais

e às conexões transnacionais que sustentam os projetos migratórios haitianos. O diálogo com pesquisadores de diferentes instituições enriqueceu o debate sobre as intersecções entre migração, raça e emoções, permitindo aprimorar a análise teórica e metodológica da investigação em andamento.

Além disso, tive a oportunidade de discutir minhas descobertas sobre as estratégias identitárias dos *vodouyizan* haitianos no Brasil. Meu estudo, intitulado "Estratégias Identitárias dos *Vodouyizan* Haitianos no Brasil: O Sofrimento da Fé e o Medo de Ser Julgado", foi apresentado no Grupo de Trabalho n° 3 "*Religión y Migraciones*" das *XXI Jornadas de Alternativas Religiosas en América Latina.* Esse evento significativo, intitulado "*Las Religiones en el Sur Global: Aportaciones y Retos desde Latinoamérica*", ocorreu de 22 a 26 de julho de 2024, em Montevidéu, Uruguai, na sede da Universidade Católica do Uruguai.

Entre 10 e 12 de julho de 2024, compartilhei minhas pesquisas e análises sobre as políticas de proteção dos afrodescendentes no Império do Haiti. Meu trabalho, intitulado "Políticas de Proteção dos Afrodescendentes no Império do Haiti: Uma Análise Decolonial das Políticas de Dessalines (1804-1806)", foi apresentado no "*Third Continental Conference on Afro-Latin American Studies*", evento organizado pelo *Afro-Latin American Research Institute* (ALARI), do Hutchins Center da Universidade Harvard, na Universidade de São Paulo, Brasil.

Em 15 de maio de 2024, participei do 91º Congresso da *Association canadienne-française pour l'avancement du savoir* (ACFAS), realizado na Universidade de Ottawa, Canadá, onde apresentei o trabalho intitulado "*Les émotions au coeur de la réémigration haïtienne du Brésil vers l'Amérique du Nord: Une exploration sociologique des motivations économiques et émotionnelles*". Nessa comunicação, explorei de forma sociológica as emoções e motivações subjacentes ao processo de remigração dos haitianos do Brasil para a América do Norte, destacando como fatores econômicos, vínculos afetivos e sentimentos de frustração e esperança se entrelaçam na decisão de migrar novamente. O estudo evidenciou que as emoções não são apenas reações individuais, mas forças sociais estruturantes que orientam escolhas e trajetórias migratórias, contribuindo para compreender de modo mais profundo as dinâmicas emocionais e simbólicas presentes nas mobilidades haitianas contemporâneas.

Em 7 de junho de 2023, participei do *Seminário de Migraciones e Ciudadanías*, organizado pela Universidad de Guanajuato, no México, onde apresentei o trabalho intitulado "*Los motivos sociales de la re-migración haitiana de Brasil a América del Norte*". Nessa apresentação, discuti os fatores sociais e emocionais que motivam os haitianos a deixarem o Brasil em direção à América do Norte, enfatizando o papel simbólico da condição diaspórica e

das remessas como elementos de prestígio e reconhecimento social. Argumentei que as adversidades enfrentadas no Brasil, como precariedade laboral, ausência de políticas eficazes de acolhimento e integração, e a falta de medidas de reunificação familiar, têm impulsionado muitos migrantes à remigração. Ressaltei ainda que, apesar dos riscos e restrições migratórias, os haitianos persistem em buscar melhores condições de vida, movidos tanto por necessidades econômicas quanto por vínculos afetivos e responsabilidades familiares. A comunicação contribuiu para aprofundar a reflexão sobre o impacto emocional da experiência migratória haitiana, sobretudo no contexto pós-pandemia, e reforçou a importância de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às realidades vividas pelos migrantes.

No final de 2022, participei da *Second Continental Conference on Afro-Latin American Studies*, realizada na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, onde apresentei o trabalho intitulado "*Identity strategies of Haitian Vodouyizan in Brazil: Faith, beliefs and domination in mobility*". Nessa comunicação, analisei as estratégias identitárias dos haitianos praticantes do *vodou* no contexto migratório brasileiro, destacando as tensões entre religiões dominantes e dominadas e a forma como o cristianismo, historicamente legitimado como religião civilizadora, marginaliza o *vodou* e seus seguidores. A partir de dados etnográficos e questionários aplicados a 180 haitianos na Região Metropolitana de Belo Horizonte, evidenciei que muitos migrantes mantêm práticas religiosas híbridas ou dissimuladas, revelando que a religião declarada nem sempre corresponde àquela vivenciada cotidianamente. Argumentei que essas múltiplas pertenças religiosas configuram estratégias de resistência e afirmação identitária diante das hierarquias simbólicas que atravessam a experiência migratória haitiana, permitindo compreender o *vodou* não apenas como crença, mas como expressão de dignidade e continuidade cultural africana em mobilidade.

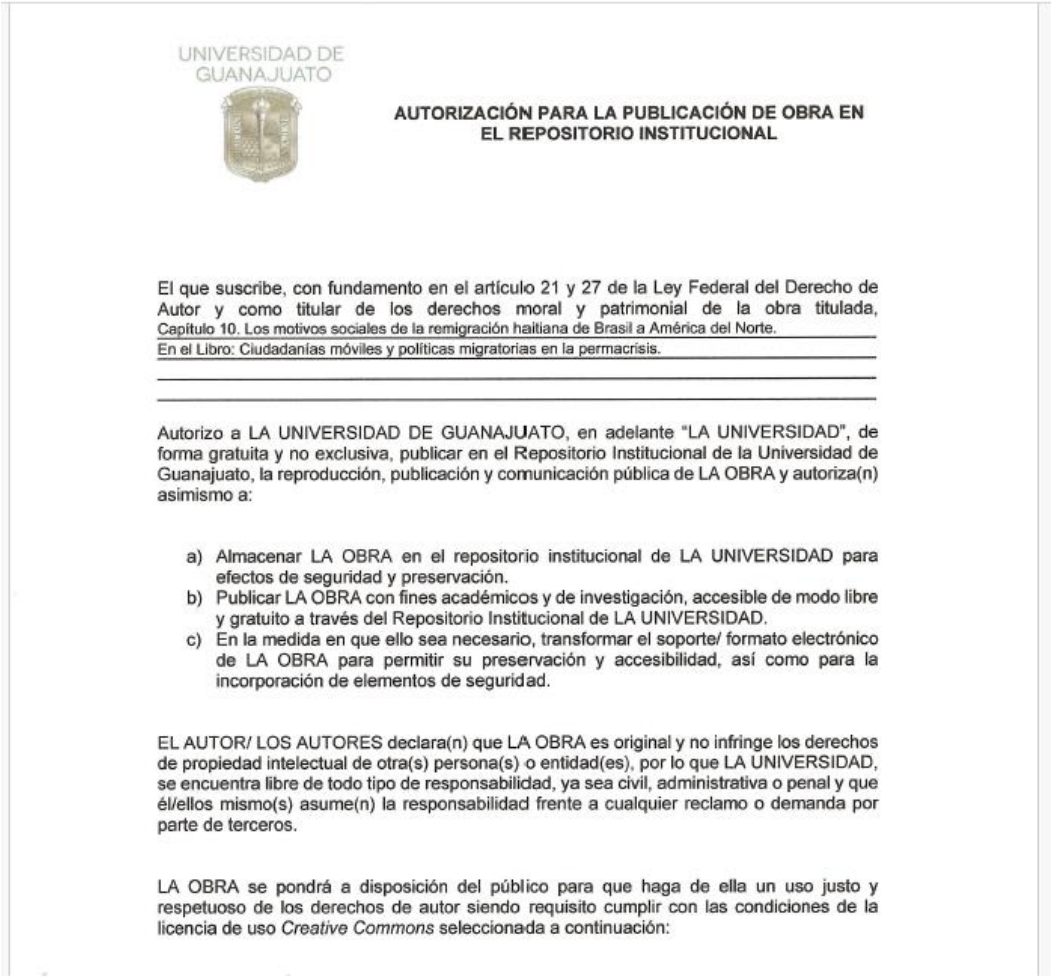
No final de 2022, participei do colóquio internacional "*Plantation Societies in Comparative Perspective*", realizado na *University of Pittsburgh*, nos Estados Unidos, onde apresentei o trabalho intitulado "A terra que liberta: migrantes afrodescendentes no Haiti (1804-1890)". Nessa apresentação, analisei o papel histórico do Haiti pós-independência como território de refúgio e liberdade para migrantes afrodescendentes vindos das Américas e do Caribe, destacando como o país se constituiu em símbolo político de resistência negra e de reconstrução da dignidade africana diante das potências coloniais.

Ainda em 2022, participei do 46º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), integrando o Seminário de Pesquisa de Grupo (SPG 42) vinculado ao GT 48, realizado em colaboração com a pesquisadora Gabriela

Porcionato. A proposta do grupo foi abordar as interfaces entre economia e sociedade sob a perspectiva da Sociologia Econômica, enfatizando os desafios contemporâneos marcados pela tecnologia, sustentabilidade, desigualdades e transformações globais intensificadas pela pandemia de covid-19.

6 AS PUBLICAÇÕES REALIZADAS DURANTE O PERÍODO

1) Título (em espanhol): **Los motivos sociales de la re-migración haitiana de Brasil a América del Norte**



UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO

AUTORIZACIÓN PARA LA PUBLICACIÓN DE OBRA EN EL REPOSITORIO INSTITUCIONAL

El que suscribe, con fundamento en el artículo 21 y 27 de la Ley Federal del Derecho de Autor y como titular de los derechos moral y patrimonial de la obra titulada, Capítulo 10. Los motivos sociales de la remigración haitiana de Brasil a América del Norte. En el Libro: Ciudadanías móviles y políticas migratorias en la permacrisis.

Autorizo a LA UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO, en adelante "LA UNIVERSIDAD", de forma gratuita y no exclusiva, publicar en el Repositorio Institucional de la Universidad de Guanajuato, la reproducción, publicación y comunicación pública de LA OBRA y autoriza(n) asimismo a:

a) Almacenar LA OBRA en el repositorio institucional de LA UNIVERSIDAD para efectos de seguridad y preservación.
b) Publicar LA OBRA con fines académicos y de investigación, accesible de modo libre y gratuito a través del Repositorio Institucional de LA UNIVERSIDAD.
c) En la medida en que ello sea necesario, transformar el soporte/ formato electrónico de LA OBRA para permitir su preservación y accesibilidad, así como para la incorporación de elementos de seguridad.

EL AUTOR/ LOS AUTORES declara(n) que LA OBRA es original y no infringe los derechos de propiedad intelectual de otra(s) persona(s) o entidad(es), por lo que LA UNIVERSIDAD, se encuentra libre de todo tipo de responsabilidad, ya sea civil, administrativa o penal y que él/ellos mismo(s) asume(n) la responsabilidad frente a cualquier reclamo o demanda por parte de terceros.

LA OBRA se pondrá a disposición del público para que haga de ella un uso justo y respetuoso de los derechos de autor siendo requisito cumplir con las condiciones de la licencia de uso *Creative Commons* seleccionada a continuación:

(Marque con una X la opción deseada)

☐ **Atribución (by)**: permite a otros distribuir, remezclar, retocar, y crear a partir de tu obra, incluso con fines comerciales, siempre y cuando te den crédito por la creación original.



☐ **Atribución-CompartirIgual**: permite a otros remezclar, retocar, y crear a partir de tu obra, incluso con fines comerciales, siempre y cuando te den crédito y licencien sus nuevas creaciones bajo las mismas condiciones. Todas las nuevas obras basadas en la tuya portarán la misma licencia, así que cualesquiera obras derivadas permitirán también uso comercial.



☐ **Atribución-SinDerivadas**: permite la redistribución, comercial o no comercial, siempre y cuando la obra circule íntegra y sin cambios, dándote crédito.



☐ **Atribución-NoComercial**: permite a otros distribuir, remezclar, retocar, y crear a partir de tu obra de manera no comercial y, a pesar de que sus nuevas obras deben siempre mencionarte y mantenerse sin fines comerciales, no están obligados a licenciar sus obras derivadas bajo las mismas condiciones.



☐ **Atribución-NoComercial-CompartirIgual**: permite a otros distribuir, remezclar, retocar, y crear a partir de tu obra de modo no comercial, siempre y cuando te den crédito y licencien sus nuevas creaciones bajo las mismas condiciones.



☒ **Atribución-NoComercial-SinDerivadas**: permite a otros solo descargar tu obra y compartirla con otros siempre y cuando te den crédito, pero no permiten cambiarlas de forma alguna ni usarlas comercialmente. **(Recomendada, utilizada como licencia de distribución general de la UG)**



LA UNIVERSIDAD se compromete a exponer junto a LA OBRA la licencia de uso elegida por EL AUTOR/ LOS AUTORES y su descripción de forma textual a partir de un enlace web público, y no asumirá responsabilidad alguna por otros usos no autorizados de LA OBRA o contrarios a la legislación vigente.
EL AUTOR/ LOS AUTORES podrá(n) solicitar el retiro de LA OBRA del repositorio de LA UNIVERSIDAD. Así mismo, LA UNIVERSIDAD podrá **retirar LA OBRA, si existen reclamaciones de terceros que manifiesten ser sus titulares.**

En la ciudad de Guanajuato, a ____ del mes de _____ de 20____.

Jhon-Kelly RONACÉ
Autor 1

Autor 2

UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO

Formato PR01-F06A

Escrito de autorización de Derechos Autorales para publicación de libros[1]

DATOS DE LA OBRA

Título del libro	*Ciudadanías móviles y políticas migratorias en la permacrisis*						
Tipo de obra	Libro individual		Capítulo en libro colectivo	X	Libro en coautoría		
Tipo de aportación	Autoría	X	Coautoría				
Título de capítulo	"Los motivos sociales de la remigración haitiana de Brasil a América del Norte"						
Coordinador(es)	Miguel Vilches Hinojosa						
	Luis Rodolfo Morán Quiroz						
Nombre de todos los coautores	NA						
	NA						
	NA						
	NA						

DATOS DEL AUTOR

Nombre completo del autor	Jhon Kelly Monacé			
Nacionalidad	Haitiana			
Correo electrónico	johnkellymonace@gmail.com			
Teléfono	+55 63 981564868			
RFC	NA			
Institución	Interno UG		Externo	X
	Para autores externos a la UG, indicar nombre de la institución		Universidade Estadual Paulista	
Área de adscripción	Campus o entidad administrativa		NA	
	División		NA	
	Departamento		NA	
Académico	X	Administrativo	Estudiante	

[1] Las modalidades de publicación de la obra quedan sujetas a la disposición presupuestal de la Universidad de Guanajuato y a su planeación del proyecto editorial.

JKM

Por favor, firmar al final donde se indica y cada hoja al calce, con tinta azul.

UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO

Formato PR01-F06A

AUTORIZACIÓN

Quien suscribe, **Jhon Kelly Monacé**, por mi propio derecho y en mi calidad de autor, declaro bajo protesta de decir verdad que soy legítimo autor de la obra antes señalada, que la misma es original en la parte que me corresponde e inédita y que los derechos de autor sobre mi aportación son de mi legítima propiedad.

Con base en los datos contenidos en el presente escrito, otorgo a la Universidad de Guanajuato mi autorización para que la obra de mi autoría ***"Los motivos sociales de la remigración haitiana de Brasil a América del Norte"*** sea publicada como libro, en las modalidades señaladas, bajo los términos abajo indicados.

Así mismo, por medio de la presente, me comprometo a responder por la originalidad de la obra y a sacar en paz y salvo a la Universidad de Guanajuato en caso de cualquier reclamación iniciada por algún tercero.

Número de edición	Primera
Modalidad de edición del libro	

✓	Impreso	Autorizo la **edición, reproducción, divulgación, distribución, comunicación pública y explotación** de la obra publicada como libro bajo el sello editorial de la Universidad de Guanajuato en versión impresa. La presente autorización es otorgada en forma exclusiva y por la **temporalidad de 5 años** a partir de la firma del presente documento, para una **sola edición** de la obra.
✓	Impreso bajo demanda (IBD)	Autorizo la **edición, reproducción, divulgación, distribución, comunicación pública y explotación** de la obra publicada como libro bajo el sello editorial de la Universidad de Guanajuato en versión impresa, bajo la modalidad de **impresión bajo demanda** de hasta **1000 ejemplares.** La presente autorización es otorgada en forma no exclusiva, para una **sola edición** de la obra y hasta que sea impreso el tiraje de los **1000 ejemplares** arriba señalados.
✓	Electrónico comer-cializable	Autorizo la **edición, reproducción, divulgación, distribución, comunicación pública y explotación** de mi obra publicada como libro bajo el sello editorial de la Universidad de Guanajuato en **versión electrónica comercializable.** La presente autorización es otorgada en forma exclusiva y por la **temporalidad de 5 años** a partir de la firma del presente documento, y para **una sola edición** de la obra.
✓	Acceso abierto	Autorizo **la edición, divulgación, distribución y comunicación pública** de la obra publicada como libro bajo el sello editorial de la Universidad de Guanajuato en **versión electrónica de acceso abierto.** La presente autorización es otorgada en forma no exclusiva, ilimitada y gratuita para publicar mi obra en formato digital en las **plataformas de acceso abierto** de la Universidad de Guanajuato y externas de forma gratuita, así como en los índices y buscadores con fines de difusión del conocimiento y la cultural, en los términos indicados en su **Licencia *Creative Commons*.**

JKH

Por favor, firmar al final donde se indica y cada hoja al calce, con tinta azul.

UNIVERSIDAD DE GUANAJUATO

Formato PR01-F06A

Finalmente, reconozco que la publicación tiene fines de difusión académica y de investigación. Lo anterior con fundamento en los artículos 3, 4 letra B fracción II, 7, 13 fracción I, 21 fracción I, 24, 27 fracciones I, II, IV y VI y 42, 123, 124, 125, 126 de la Ley Federal del Derecho de Autor.

ATENTAMENTE

Jhon-Kelly MONACÉ

Nombre y firma

Por favor, firmar al final donde se indica y cada hoja al calce, con tinta azul.

Gmail **Jhon-Kelly Monace <johnkellymonace@gmail.com>**

Consulta sobre el estado de mi artículo presentado para el libro colectivo

3 mensagens

Jhon-Kelly Monacé <johnkellymonace@gmail.com> 5 de junho de 2024 às 09:05
Para: Miguel Vilches Hinojosa <m.vilches@ugto.mx>, Seminario de migraciones y ciudadanías <smc.ugto@gmail.com>

Estimado/a Responsable del Comité Editorial,

Espero que este mensaje le encuentre bien. Me dirijo a usted en relación con el artículo que presenté el 17 de octubre de 2023 para su consideración en el libro colectivo.

Me gustaría saber si el artículo fue aceptado y también solicitar información sobre el proceso de revisión y publicación, así como cualquier requisito adicional que pueda ser necesario para la inclusión de mi artículo en este proyecto.

Agradezco de antemano su tiempo y consideración. Quedo a disposición para cualquier información adicional que pueda necesitar.

Gracias y reciba un cordial saludo,

_____

Jhon-Kelly Monacé,

Bachelor in Sociology

Master in History

Ph.D in Regional Development.

Phone: +55 63 98156-4868
Curriculo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4194453415071565

Miguel Vilches Hinojosa <m.vilches@ugto.mx> 13 de junho de 2024 às 00:44
Para: Jhon-Kelly Monacé <johnkellymonace@gmail.com>

Estimado Dr. Jhon-Kelly Monacé:

Agradezco su seguimiento a la edición del libro colectivo derivado del seminario de migraciones y ciudadanías de 2023.

En efecto, su capítulo "Los motivos sociales de la re-migración haitiana de Brasil a América del Norte" está considerado para ser publicado en el libro colectivo.

Hemos tenido algunos contratiempos en la edición del libro y esperamos que el libro pueda ser publicado finalmente en el mes de diciembre de 2024.

Le mantendré informado sobre este proceso.

Cordiales saludos, Miguel.

_____

Miguel Vilches Hinojosa

Profesor investigador

Departamento de Estudios Políticos y de Gobierno

División de Derecho, Política y Gobierno

2) Título: **“Sim, salvei meu país, vinguei a América”: Uma Leitura Decolonial da Grandeza de Jacques I, Imperador do Hayti, o Refúgio para Afrodescendentes (1804-1806)**

Jhon Kelly Monacé,
Pesquisador Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-FCLar, Araraquara, SP, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
Email: johnkellymonace@gmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0903-5544

Resumo

Este artigo examina as ações jurídicas e políticas migratórias do General Jean-Jacques Dessalines em sua resistência ao colonialismo francês no Haiti, de 1804 a 1806. Suas medidas punitivas contra os franceses considerados culpados de assassinar africanos representaram uma forma de justiça revolucionária e não uma vingança indiscriminada. No entanto, a historiografia colonial há muito tempo enquadra essas ações como “massacres”, uma narrativa que continua influenciando a pesquisa contemporânea. A partir de uma perspectiva decolonial, o estudo revisita documentos históricos para revelar como Dessalines contribuiu para restaurar a dignidade e a humanidade dos afrodescendentes, ao mesmo tempo em que transformou o Haiti em um refúgio e em um símbolo de resistência anticolonial. Ao problematizar interpretações ocidentais que diminuem a importância do libertador haitiano, o artigo contribui para uma compreensão profunda das bases da identidade haitiana e do papel duradouro do país na luta global pela liberdade e pela igualdade dos negros.

Palavras-chave: Jean-Jacques Dessalines; Haiti; punição; migração.

“Yes, I saved my country, I avenged America”: A Decolonial Reading of the Greatness of Jacques I, Emperor of Hayti, the Refuge for Afro-descendants (1804-1806)

Abstract

This article examines the legal and migratory political actions of General Jean-Jacques Dessalines in his resistance to French colonialism in Haiti from 1804 to 1806. His punitive measures against the French deemed responsible for the murder of Africans represented a form of revolutionary justice rather than indiscriminate revenge. However, colonial historiography has long framed these actions as “massacres,” a narrative that continues to influence contemporary research. From a decolonial perspective, this study revisits historical documents to reveal how Dessalines contributed to restoring the dignity and humanity of Afro-descendants, while simultaneously transforming Haiti into a refuge and a symbol of anticolonial resistance. By challenging Western interpretations that diminish the significance of the Haitian liberator, the article contributes to a deeper understanding of the foundations of Haitian identity and the country’s enduring role in the global struggle for Black freedom and equality.

Keywords: Jean-Jacques Dessalines; Haiti; punishment; migration.

Horizontes Antropológicos

ISSN 0104-7183 (impresso)
ISSN 1806-9983 (on-line)

Porto Alegre, 02 de outubro de 2025

Prezade/a/o Jhon Kelly Monacé,

A equipe editorial e os organizadores do número temático HA74 – África e Caribe têm a satisfação de informar que o artigo "'Sim, salvei meu país, vinguei a América': Uma Leitura Decolonial da Grandeza deJacques I, Imperador do Hayti, o Refúgio para Afrodescendentes (1804-1806)" foi recomendado para publicação. A publicação de seu artigo está condicionada à apresentação de uma versão final, que deve conter os ajustes apontados nos pareceres anexados (se houverem). Caso as/os pareceristas tenham feito sugestões de alterações substantivas com as quais não estejas de acordo, tais justificativas deverão ser encaminhadas à equipe editorial em arquivo junto com o texto.

Para que possamos publicar seu artigo, você deverá enviar por e-mail, até o prazo de 7 dias de recebimento desta comunicação, três arquivos com as seguintes versões:

1. Versão final contendo as alterações realizadas: na qual estarão destacas as alterações sugeridas com as quais não concorda.
2. Versão final limpa: na qual estará o texto limpo e corrigido. Pronto para a publicação e sem quaisquer marcações. Deverá conter resumo e abstract, quatro palavras-chave no idioma do texto e em inglês, nomes dos autores, afiliações institucionais, e-mails e registros de ORCID (caso ainda não possua, pode obtê-lo gratuitamente em https://orcid.org/).
3. Autorizações de uso de imagem (se houverem) por escrito, demonstrando as intenções de publicação do artigo no periódico com as imagens utilizadas conjuntamente com a permissão de quem possui os direitos de imagem.

Horizontes Antropológicos

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Bento Gonçalves, 9500, Prédio 43321, sala 205 B
91509-900 – Porto Alegre/RS – Brasil
Telefone: +55 (51) 3308-6638
horizontes@ufrgs.br
www.ufrgs.br/ppgas/ha

HA não possui revisão para artigos publicados em outros idiomas que não o português, pelo que esta deverá ser providenciada pelo/a autor/a. Neste caso o prazo para retorno do artigo revisado é de 14 dias. A HA não fará errata depois do artigo publicado, pelo que sugerimos cuidado redobrado na revisão.

Cordialmente,

Leonardo Teixeira Leites
Assistente Editorial
https://www.ufrgs.br/ppgashorizontesantropologicos/
https://www.facebook.com/revistahorizontesantropologicos/
https://twitter.com/horizontesufrgs

3) Título: “Emoções na remigração haitiana do Brasil para a América do Norte: percorrendo a estrada de miséria — *Wout mizè* — para escapar da miséria vivenciada no Brasil”

Emoções na remigração haitiana do Brasil para a América do Norte: percorrendo a estrada de miséria — *Wout mizè* — para escapar da miséria vivenciada no Brasil

Jhon-Kelly Monacé[1] https://orcid.org/0000-0003-0903-5544.

[1]Pesquisador Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-FCLar, Araraquara, SP, Brasil.

E-mail: johnkellymonace@gmail.com.

Maria Chaves Jardim[2] https://orcid.org/0000-0001-5715-1430.

[2]Professora Livre Docente em Sociologia Econômica do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP-FCLar, Araraquara, SP, Brasil.

E-mail: majardim@yahoo.com.br.

DOI: 10.1590/40018/2025.

Resumo: O artigo explora as emoções dos migrantes haitianos no Brasil. Em condição de vulnerabilidade no mercado de trabalho brasileiro, os haitianos elaboram novos projetos migratórios. Percorreram ou planejam percorrer a chamada “estrada de miséria” – *wout mizè* – rumo à América do Norte, sacrificando suas economias e enfrentado perigos. Utilizando a teoria do transnacionalismo, o estudo mostra como esses migrantes mantêm contato com familiares antes de deixarem o Brasil, durante a jornada remigratória e após chegarem à América do Norte. Compartilham experiências, sofrimento e dor entre si em todas as etapas da migração. Com base em dados coletados na Região Metropolitana de Belo Horizonte e em pesquisa de campo acompanhando o mesmo grupo no México e nos Estados Unidos, o artigo explora essas interações e emoções. Os resultados indicam a troca de “remessas emocionais” entre eles, que inclusive influencia em seus projetos de remigração para os países dos sonhos; mostram, ainda, que as dificuldades vivenciadas pelos haitianos no Brasil e na estrada para os Estados Unidos são expressas pela noção de *mizè* (miséria).

Palavras-chave: migração haitiana; emoções; remessas emocionais; transnacionalismo; *wout mizè*.

Emotions in Haitian Remigration from Brazil to North America: Traversing the Path of Misery — *Wout Mizè* — to Escape the Misery Experienced in Brazil

Abstract: The article explores the emotions of Haitian Migrants in Brazil. In a vulnerable position in the Brazilian labor market, the Haitians consider new migratory projects. They have traveled or plan to travel the path of misery – *wout mizè* – to go to North America, making economic sacrifices and facing dangers. Using the theory of transnationalism, the study shows how these migrants maintain contact with family members before leaving Brazil, during the remigration journey, and after arriving in North America. They share experiences, suffering, and pain with each other at all stages of migration. Based on data collected in the Metropolitan Region of Belo Horizonte, in Brazil, and field research accompanying the same group in Mexico and the United States, the article explores these interactions and emotions. The results indicate an exchange of 'emotional remittances' among them, which even influences their remigration projects to their dream countries; and show that the difficulties experienced by Haitians in Brazil and along the journey to the United States are expressed through the notion of *mizè* (misery).

Keywords: Haitian Migration; emotions; emotional remittances, transnationalism; *wout mizè*.

Recebido em: 07/11/2024 | Aprovado em: 27/05/2025.

Editor(a) responsável: Mariana Barreto.

REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
RBCS

Artigo Original

Emoções na remigração haitiana do Brasil para a América do Norte: percorrendo a estrada de miséria – *Wout mizè* – para escapar da miséria vivenciada no Brasil

Jhon-Kelly Monacé[1]
[1]Pesquisador Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-FCLar, Araraquara, SP, Brasil.
E-mail: johnkellymonace@gmail.com.

Maria Chaves Jardim[2]
[2]Professora Livre Docente em Sociologia Econômica do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-FCLar, Araraquara, SP, Brasil.
E-mail: majardim@yahoo.com.br.

DOI: 10.1590/4001818/2025.

Resumo: O artigo explora as emoções dos migrantes haitianos no Brasil. Em condição de vulnerabilidade no mercado de trabalho brasileiro, os haitianos elaboram novos projetos migratórios. Percorrem ou planejam percorrer a chamada "estrada de miséria" – *wout mizè* – rumo à América do Norte, sacrificando suas economias e enfrentado perigos. Utilizando a teoria do transnacionalismo, o estudo mostra como esses migrantes mantêm contato com familiares antes de deixarem o Brasil, durante a jornada remigratória e após chegarem à América do Norte. Compartilham experiências, sofrimento e dor entre si em todas as etapas de migração. Com base em dados coletados na Região Metropolitana de Belo Horizonte e em pesquisa de campo acompanhando o mesmo grupo no México e nos Estados Unidos, o artigo explora essas interações e emoções. Os resultados indicam a troca de "remessas emocionais" entre eles, que inclusive influencia em seus projetos de remigração para os países dos sonhos; mostram, ainda, que as dificuldades vivenciadas pelos haitianos no Brasil e na estrada para os Estados Unidos são expressas pela noção de *mizè* (miséria).

Palavras-chave: migração haitiana; emoções; remessas emocionais; transnacionalismo; *wout mizè*.

Recebido em: 07 de novembro de 2024 | Aprovado em: 27 de maio de 2025.
Editor Responsável: João Maia
Editora Associada: Mariana Barreto
Declaração de Disponibilidade de Dados: Os dados deste artigo podem ser obtidos mediante solicitação ao autor correspondente.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

4) Título

(Versão em português): “Análise da Dinâmica territorial na Comuna de Tabarre, Haiti (1998 - 2019)”. DOI: https://doi.org/10.4215/rm2025.e24011

Mercator, Fortaleza, v. 24, e24011, 2025 ISSN:1984-2201

ANÁLISE DA DINÂMICA TERRITORIAL NA COMUNA DE TABARRE, HAITI (1998 - 2019)

https://doi.org/10.4215/rm2025.e24011

Luc, F. [a*] - Monacé, J.K [b] - Claudino, L.S.D. [c]

(a) Mestre em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0027-4033. LATTES: http://lattes.cnpq.br/9027110740770184.
(b) Doutor em Desenvolvimento Regional
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0903-5544. LATTES: http://lattes.cnpq.br/4194453415071565.
(c) Doutor em Desenvolvimento Rural
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1261-1533. LATTES: http://lattes.cnpq.br/1618090996273410.

Article history:
Received 08 April, 2024
Accepted 14 April, 2024
Published 10 May, 2025

(*) CORRESPONDING AUTHOR
Address: Unifesspa. Rodovia BR-230 (Transamazônica), Nova Marabá, CEP: 68507765, Marabá (PA), Brasil. tel: (+55 94) 21017101
E-mail: livio.claudino@gmail.com

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar a dinâmica territorial na comuna de Tabarre, no Haiti, durante o período de 1998 a 2019, com ênfase nas mudanças nos espaços em que predominava anteriormente área rural com potencialidade agrícola. Essa transformação ocorreu de forma rápida nos últimos anos, especialmente no período de 1998 a 2019. O estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, coleta de dados junto à Mairie de Tabarre – Prefeitura Municipal de Tabarre, aos Ministérios do Haiti e algumas análises de estatística descritiva a partir dos dados cartográficos disponibilizados pelo Centro Nacional de Informação Geoespacial. Os resultados do mapeamento revelaram um aumento significativo da área urbana no território da comuna de Tabarre. Evidencia-se uma urbanização desordenada e uma migração de pessoas de várias partes do país para a região metropolitana de Porto Príncipe, incluindo Tabarre. Isso aponta para a necessidade de compreender melhor as dinâmicas de ocupação e destaca a importância do uso de instrumentos de ordenamento territorial para refletir sobre o futuro da comuna.

Palavras-chave: Urbanização; Metropolização; Planejamento Urbano.

Abstract / Résumé

ANALYSIS OF TERRITORIAL DYNAMICS IN THE COMMUNE OF TABARRE, HAITI (1998 - 2019)

The article aims to analyze the territorial dynamics in the commune of Tabarre, Haiti, during the period from 1998 to 2019, with an emphasis on changes in areas that were previously predominantly rural with agricultural potential. This transformation occurred rapidly in recent years, especially from 1998 to 2019. The study adopts a qualitative approach, utilizing literature review, data collection from the Mairie de Tabarre – Tabarre City Hall, the Ministries of Haiti, and some descriptive statistical analyses based on cartographic data provided by the National Center for Geospatial Information. The mapping results revealed a significant increase in urban areas within the territory of the commune of Tabarre. There is evidence of unplanned urbanization and migration of people from various parts of the country to the metropolitan area of Port-au-Prince, including Tabarre. This underscores the need to understand better the dynamics of occupation and highlights the importance of using territorial planning instruments to reflect on the future of the commune.

Keywords: Urbanization; Metropolization; Urban Planning.

ANALYSE DE LA DYNAMIQUE TERRITORIALE DANS LA COMMUNE DE TABARRE, HAÏTI (1998 - 2019)

L'article a pour objectif d'analyser la dynamique territoriale dans la commune de Tabarre, en Haïti, pendant la période de 1998 à 2019, en mettant l'accent sur les changements dans les espaces où prédominait auparavant une zone rurale avec un potentiel agricole. Cette transformation s'est produite rapidement au cours des dernières années, notamment de 1998 à 2019. L'étude adopte une approche qualitative, utilisant une revue de la littérature, la collecte de données auprès de la Mairie de Tabarre, les ministères d'Haïti, et quelques analyses statistiques descriptives basées sur des données cartographiques fournies par le Centre National d'Information Géospatiale. Les résultats de la cartographie ont révélé une augmentation significative des zones urbaines dans le territoire de la commune de Tabarre. Il existe des évidences d'urbanisation non planifiée et de migration de personnes de diverses régions du pays vers la région métropolitaine de Port-au-Prince, y compris Tabarre. Cela souligne la nécessité de mieux comprendre les dynamiques d'occupation et met en lumière l'importance de l'utilisation d'instruments de planification territoriale pour réfléchir sur l'avenir de la commune.

Mots-clés: Urbanisation; Métropolisation; Urbanisme.

Versão em inglês: Analysis of Territorial Dynamics in the Commune of Tabarre, Haiti (1998 - 2019)

Mercator, Fortaleza, v. 24, e24011, 2025 ISSN:1984-2201

ANALYSIS OF TERRITORIAL DYNAMICS IN THE COMMUNE OF TABARRE, HAITI (1998 - 2019)

https://doi.org/10.4215/rm2025.e24011

Luc, F. [a]* - Monacé, J.K [b] - Claudino, L.S.D. [c]

(a) Master in Territorial Dynamics and Society in the Amazon
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0027-4033. **LATTES**: http://lattes.cnpq.br/9027110740770184.
(b) PhD in Regional Development
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-0903-5544. **LATTES**: http://lattes.cnpq.br/4194453415071565.
(c) PhD in Rural Development
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1261-1533. **LATTES**: http://lattes.cnpq.br/1618090996273410.

Article history:
Received 08 April, 2024
Accepted 14 April, 2024
Published 10 May, 2025

(*) CORRESPONDING AUTHOR
Address: Unifesspa. Rodovia BR-230 (Transamazônica), Nova Marabá, Zip Code: 68507765, Marabá (PA), Brazil. Phone: (+55 94) 21017101
E-mail: livio.claudino@gmail.com

Abstract

The article aims to analyze the territorial dynamics in the commune of Tabarre, Haiti, during the period from 1998 to 2019, with an emphasis on changes in areas that were previously predominantly rural with agricultural potential. This transformation occurred rapidly in recent years, especially from 1998 to 2019. The study adopts a qualitative approach, utilizing literature review, data collection from the Mairie de Tabarre – Tabarre City Hall, the Ministries of Haiti, and some descriptive statistical analyses based on cartographic data provided by the National Center for Geospatial Information. The mapping results revealed a significant increase in urban areas within the territory of the commune of Tabarre. There is evidence of unplanned urbanization and migration of people from various parts of the country to the metropolitan area of Port-au-Prince, including Tabarre. This underscores the need to understand better the dynamics of occupation and highlights the importance of using territorial planning instruments to reflect on the future of the commune.

Keywords: Urbanization; Metropolization; Urban Planning.

Resumo / Résumé

ANÁLISE DA DINÂMICA TERRITORIAL NA COMUNA DE TABARRE, HAITI (1998 - 2019)

O artigo tem como objetivo analisar a dinâmica territorial na comuna de Tabarre, no Haiti, durante o período de 1998 a 2019, com ênfase nas mudanças nos espaços em que predominava anteriormente área rural com potencialidade agrícola. Essa transformação ocorreu de forma rápida nos últimos anos, especialmente no período de 1998 a 2019. O estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando revisão bibliográfica, coleta de dados junto à Mairie de Tabarre – Prefeitura Municipal de Tabarre, aos Ministérios do Haiti e algumas análises de estatística descritiva a partir dos dados cartográficos disponibilizados pelo Centro Nacional de Informação Geoespacial. Os resultados do mapeamento revelaram um aumento significativo da área urbana no território da comuna de Tabarre. Evidencia-se uma urbanização desordenada e uma migração de pessoas de várias partes do país para a região metropolitana de Porto Príncipe, incluindo Tabarre. Isso aponta para a necessidade de compreender melhor as dinâmicas de ocupação e destaca a importância do uso de instrumentos de ordenamento territorial para refletir sobre o futuro da comuna.

Palavras-chave: Urbanização; Metropolização; Planejamento Urbano.

ANALYSE DE LA DYNAMIQUE TERRITORIALE DANS LA COMMUNE DE TABARRE, HAÏTI (1998 - 2019)

L'article a pour objectif d'analyser la dynamique territoriale dans la commune de Tabarre, en Haïti, pendant la période de 1998 à 2019, en mettant l'accent sur les changements dans les espaces où prédominait auparavant une zone rurale avec un potentiel agricole. Cette transformation s'est produite rapidement au cours des dernières années, notamment de 1998 à 2019. L'étude adopte une approche qualitative, utilisant une revue de la

MERCATOR

ARTICLE

5) La communication médecin-patient et le système de santé Brésilien: Auto ethnographie de l'expérience d'un étudiant Haitien en médecine

International Health Trends and Perspectives

La communication médecin-patient et le système de santé Brésilien: Auto-ethnographie de l'expérience d'un étudiant Haitien en médecine

SPECIAL ISSUE : PEACE AND HEALTH
Recherche

Richardson Yonel Civil[1], Luiz Roberto Agea Cutolo[1], Suely Grosseman[1], Jhon Kelly Monacé[2]

[1]Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Brazil; [2]Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Araraquara - Brasil

Auteur Correspondant: R. Y. Civil (richardsonyonel94@gmail.com)

RÉSUMÉ

L'histoire migratoire du Brésil, de la colonisation portugaise aux flux récents de migrants en provenance d'Haïti, du Venezuela, de Colombie, du Sénégal, du Congo et d'Angola, enrichit sa diversité ethnique et culturelle, forgeant ainsi son identité. Cependant, malgré les garanties constitutionnelles, les immigrés peinent à s'intégrer, faute de préparation de l'État. L'expérience de l'auteur correspondant en tant qu'immigré haïtien, étudiant en médecine et interprète, révèle les défis communicationnels et culturels entre professionnels de santé brésiliens et immigrés. Par conséquent, ce travail a pour objectif d'examiner les barrières qui entravent la communication entre les professionnels de santé et les immigrés haïtiens, en partant de l'hypothèse que ces barrières vont au-delà des difficultés linguistiques. Par une approche qualitative, auto-ethnographique, l'auteur a d'abord mené des entretiens à domicile auprès de quatre immigrés haïtiens majeurs usagers du *Sistema Único de Saúde* - Système Unique de Santé (SUS), dans leur langue maternelle (le Créole), qu'il a ensuite transcrits, traduits en portugais et archivés électroniquement. Avant cela, les participants ont signé le *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* - Terme du Consentement Libre et Éclairé (*TCLE*). Le projet a reçu l'approbation du Comité d'Éthique de l'Universidade *Federal de Santa Catarina* sous le numéro 6.021.998. Les résultats ont encouragé l'auteur correspondant à illustrer son expérience lorsqu'il était étudiant en médecine et traducteur-interprète, mettant en lumière les obstacles rencontrés dans l'accès aux soins de santé, notamment le manque de services linguistiques et de formation en compétence interculturelle pour les professionnels de santé. L'étude recommande de développer la littératie en santé et d'améliorer les politiques publiques, incluant des programmes de formation des médiateurs interculturels afin de préparer le système de santé à offrir des soins inclusifs et adaptés aux différences culturelles.

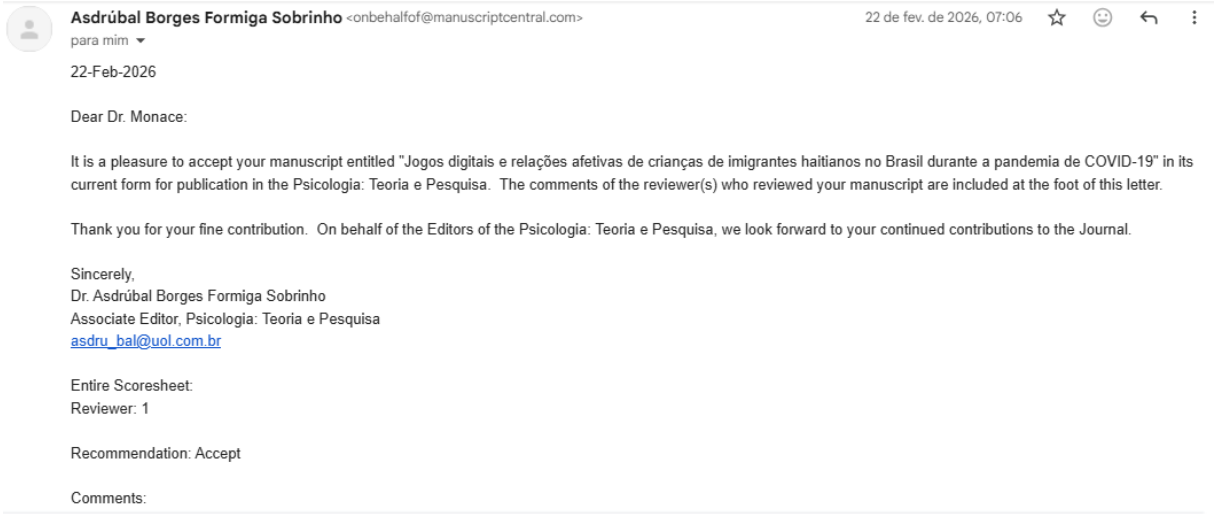
MOTS-CLÉS
Communication médecin-patient, Haïti, Inclusion des immigrés au Brésil, Système de santé

INTRODUCTION

Le Brésil a une longue histoire d'immigration, remontant à l'époque coloniale avec l'arrivée des

un rôle crucial dans le développement industriel, culturel, social et économique du Brésil (Granada, Carreno, Ramos, & Ramos, 2017).

6) Jogos digitais e relações afetivas de crianças de imigrantes haitianos no Brasil durante a pandemia de COVID-19



Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho <onbehalfof@manuscriptcentral.com> 22 de fev. de 2026, 07:06

para mim

22-Feb-2026

Dear Dr. Monace:

It is a pleasure to accept your manuscript entitled "Jogos digitais e relações afetivas de crianças de imigrantes haitianos no Brasil durante a pandemia de COVID-19" in its current form for publication in the Psicologia: Teoria e Pesquisa. The comments of the reviewer(s) who reviewed your manuscript are included at the foot of this letter.

Thank you for your fine contribution. On behalf of the Editors of the Psicologia: Teoria e Pesquisa, we look forward to your continued contributions to the Journal.

Sincerely,
Dr. Asdrúbal Borges Formiga Sobrinho
Associate Editor, Psicologia: Teoria e Pesquisa
asdru_bal@uol.com.br

Entire Scoresheet:
Reviewer: 1

Recommendation: Accept

Comments:

Lista dos trabalhos preparados ou submetidos

Trabalhos submetidos:

1. (I)migração internacional no Haiti (1804–1888): políticas de liberdade e acolhimento (Artigo em inglês submetido em 26 de maio de 2025 e em análise na Revista de História de Qualis A1 em todas as áreas de avaliação na classificação 2017-2020).



(I)migração internacional no Haiti (1804–1888): políticas de liberdade e acolhimento

Resumo

Este artigo analisa as migrações no Haiti ao longo do século XIX, com o objetivo de evidenciar seu papel como território de acolhimento e circulação de populações no espaço atlântico. Adota-se uma abordagem qualitativa, ancorada na análise histórico-documental, mobilizando fontes primárias provenientes de acervos da Biblioteca Nacional da França; compilações das constituições e leis haitianas organizadas por autores do século XIX; e fontes de jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, noticiando a chegada de migrantes ao Haiti. Mostra-se que, o Haiti se tornou um refúgio para afro-estadunidenses e afro-caribenhos antes que os haitianos começassem a emigrar.

Palavras-chave: Haiti; Imigração internacional; Afrodescendentes; Liberdade; Século XIX; Acolhimento.

International (Im)migration in Haiti (1804–1888): Policies of Freedom and Reception

Abstract

This article analyzes migration in Haiti throughout the nineteenth century, to highlighting its role as a territory of reception and circulation of populations within the Atlantic space. It adopts a qualitative approach, grounded in historical-documentary analysis, drawing on primary

sources from the National Library of France; compilations of Haitian constitutions and laws organized by nineteenth-century authors; and newspaper sources available in the Digital Hemeroteca of the National Library of Brazil, reporting on the arrival of migrants in Haiti. The study shows that Haiti became a refuge for African Americans and Afro-Caribbeans before Haitians themselves began to emigrate.

Keywords: Haiti; International Immigration; Afro-descendants; Freedom; Nineteenth Century; Reception.

Introdução

Atualmente, as representações mais difundidas sobre o Haiti tendem a enfatizar um quadro marcado por instabilidade socioeconômica, pobreza persistente e agravamento da insegurança, frequentemente associada à atuação de grupos armados. Nesse contexto, o país figura como o único das Américas classificado entre os Países Menos Desenvolvidos (LDCs). Tal situação é comumente interpretada à luz de uma trajetória histórica caracterizada por processos de dominação externa, limitações estruturais ao crescimento econômico, elevado endividamento e relações de dependência, conforme destacado por diferentes autores (Dorvilier, 2012; Joachim, 1978). No cenário contemporâneo, essas condições têm contribuído para a intensificação da emigração haitiana, impulsionando um número significativo de indivíduos a buscar oportunidades em outros países e colocando novos desafios às políticas migratórias em diferentes contextos nacionais.

No caso brasileiro, esse quadro tem reforçado a percepção do Haiti como um país marcado pela emigração, sobretudo a partir de 2010, quando o terremoto se coincidiu com a intensificação dos fluxos migratórios em direção ao Brasil. A presença da Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), aliada à visibilidade desse movimento migratório, constituiu um dos principais vetores de aproximação entre a sociedade brasileira e a realidade haitiana, influenciando a construção de percepções sobre essa população (Silva, 2015). Tais percepções não são homogêneas. Enquanto há manifestações de acolhimento, também se observam reações marcadas por leituras alarmistas reproduzidas por discursos midiáticos que recorrem a categorias como “invasão”, “descontrole” e “ilegalidade” (Cogo, 2014).

Simultaneamente, os haitianos que migram para o Brasil percebem, escutam, compreendem e interpretam a maneira como o Brasil os acolhe. Esse aspecto impacta os haitianos, que são cidadãos de um país que já foi receptivo à chegada de imigrantes, antes de ser reconhecida como um território de onde as pessoas partem em busca de oportunidades em outras terras. O Haiti, em tempos passados, foi por um longo período um país acolhedor para onde os imigrantes se dirigiam.

Desde 2010, a migração haitiana tornou-se um tópico de interesse para diversos pesquisadores brasileiros ou estrangeiros que estudam a realidade brasileira. Entre os estudos produzidos no Brasil, destacam-se dois focos centrais que organizam as análises. Alguns pesquisadores têm se dedicado aos estudos sobre a presença dos haitianos no Brasil, concentrando-se nos fluxos migratórios, redes e rotas (Baeninger; Peres, 2017; Fernandes;

Faria, 2017; Granger, 2014; Joseph, 2015; 2019; Silva, 2015). Por outro lado, outros pesquisadores têm optado por analisar a integração dos trabalhadores haitianos no mercado de trabalho em diferentes regiões e estados brasileiros, fazendo uso de dados fornecidos pelo Observatório das Migrações Internacionais e realizando estudos de campo (Bortoloto, 2019; Cavalcanti et al., 2019; Cotinguiba, 2019; Magalhães, 2017; Magalhães; Baeninger, 2016).

Embora esses dois eixos temáticos tenham contribuído significativamente para a consolidação do campo de estudos sobre a migração haitiana no Brasil, observa-se que a ênfase predominante recai sobre a imigração haitiana no território brasileiro, frequentemente analisada a partir de uma perspectiva contemporânea. Tal enfoque, ainda que relevante, tende a privilegiar o Haiti como país de origem de fluxos migratórios, deixando em segundo plano outras dimensões históricas fundamentais do fenômeno migratório haitiano.

Nesse sentido, ao considerar a migração haitiana em uma perspectiva mais ampla — que engloba tanto a emigração quanto a imigração —, torna-se evidente a existência de uma lacuna na literatura. Poucos estudos se dedicam a investigar o Haiti como território de recepção de migrantes quando o país desempenhou um papel central como espaço de acolhimento para populações afrodescendentes no século XIX. Essa ausência analítica limita a compreensão da complexidade histórica das dinâmicas migratórias haitianas e contribui para a reprodução de uma imagem parcial do país, associada quase exclusivamente à emigração.

Entre esses esforços, destacam-se trabalhos que, ao buscar historicizar a migração haitiana em perspectiva mais ampla, contemplam simultaneamente processos de imigração e emigração, abordando, ainda que de forma preliminar, o papel do Haiti como território de acolhimento. Contudo, essa dimensão não constituiu o foco central das referidas pesquisas, permanecendo, como um campo ainda pouco explorado.

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar a imigração internacional para o Haiti ao longo do século XIX, contribuindo para preencher essa lacuna na literatura brasileira sobre a migração haitiana. Ao deslocar o olhar do Haiti como país de emigração para sua condição histórica de território de acolhimento, pretende-se ampliar o escopo analítico do campo e oferecer uma interpretação mais complexa e historicamente situada das dinâmicas migratórias que envolvem o país. O propósito é evidenciar que, após alcançar a independência em 1804, o Haiti se tornou um refúgio para afro-estadunidenses e afro-caribenhos que buscavam fugir da escravidão e recebeu imigrantes europeus (como alemães e italianos) e árabes (como sírios e libaneses).

Procedimentos metodológicos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, ancorada na análise histórico-documental, mobilizando fontes primárias provenientes de acervos da Biblioteca Nacional da França; compilações das constituições e leis haitianas organizadas por autores haitianos do século XIX; e fontes de jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Brasil, noticiando a chegada de migrantes ao Haiti. Embora essas fontes não sejam numerosas, seu conteúdo revela-se particularmente significativo para enriquecer o debate e ampliar a compreensão sobre a circulação de informações e percepções acerca do Haiti no contexto atlântico.

A seleção das fontes foi realizada de forma intencional, orientada pelos objetivos analíticos do estudo. Privilegiaram-se documentos que tratam de dispositivos legais, medidas institucionais e acontecimentos relacionados às migrações internacionais no Haiti ao longo do século XIX que dialogam com essas questões. Esse recorte buscou contemplar momentos-chave em que o Estado haitiano formulou, reafirmou ou reconfigurou suas políticas de acolhimento e suas concepções de cidadania e pertencimento. Assim, o critério de inclusão das fontes esteve vinculado à sua relevância para a compreensão das dinâmicas migratórias internacionais no período, enquanto documentos que não estabeleciam relação direta com essas questões foram excluídos do corpus analítico. Tal escolha permite concentrar a análise em evidências empíricas articuladas ao problema de pesquisa, conferindo maior precisão e coerência interpretativa ao estudo.

Paralelamente, recorre-se à literatura historiográfica especializada não conhecida no Brasil, com vistas a situar o caso haitiano no quadro mais amplo das migrações internacionais no espaço atlântico com autores como Souffrant (1974), Zacaïr (2009; 2019), Bourhis-Mariotti (2019), entre outros. Essa articulação entre fontes primárias e a literatura especializada como fontes secundárias possibilita uma reconstrução analítica das condições que fizeram do Haiti um território de acolhimento.

Do ponto de vista analítico, o estudo busca articular processos históricos ao longo do século XIX, enfatizando continuidades, inflexões e reconfigurações nas dinâmicas migratórias haitianas. Essa abordagem permite compreender continuidades e rupturas entre o passado — marcado pela centralidade do Haiti como espaço de refúgio — e o presente, caracterizado por sua inserção em fluxos migratórios internacionais. Essa articulação entre temporalidades não implica uma leitura anacrônica ou presentista dos fenômenos analisados. Ao contrário, o estudo

preserva a especificidade histórica de cada contexto, evitando projetar categorias ou interpretações contemporâneas sobre o século XIX.

A interpretação dos dados é orientada por uma perspectiva de caráter qualitativo e interpretativo, centrada na análise dos significados sociais, políticos e raciais presentes nas fontes examinadas. Nesse sentido, o estudo privilegia a compreensão das práticas que estruturaram as políticas de acolhimento e as formas de pertencimento no Haiti pós-independência. No que se refere aos procedimentos analíticos, a pesquisa adota a análise dos temas-chaves (Bardin, 2011) como estratégia de tratamento das fontes. Essa abordagem consiste na identificação, organização e interpretação do tema de migração e seus derivados nos documentos examinados, permitindo apreender padrões de sentido ao longo do corpus documental. Nesse sentido, o estudo estrutura-se em torno de um eixo temático principal — a migração — desdobrado em duas dimensões analíticas complementares: a migração nas leis, observada por meio dos dispositivos jurídicos presentes em constituições, decretos e outros registros normativos que regulam a entrada, permanência e integração de migrantes.

A identificação das categorias analíticas nas fontes é realizada por meio da observação direta de elementos textuais e contextuais presentes nos documentos examinados. No caso das fontes normativas, privilegiou-se a análise de categorias raciais explicitamente mencionadas nas constituições e dispositivos legais, tais como “negros”, “africanos” e “indígenas”, bem como das disposições que regulam o acesso à cidadania e à propriedade, incluindo restrições dirigidas a indivíduos identificados como brancos. Esses elementos permitem apreender como o Estado haitiano estruturava juridicamente as fronteiras de pertencimento e os critérios de inclusão e exclusão no período. Paralelamente, a análise dos fatos históricos baseou-se na identificação de eventos concretos de imigração internacional, como a chegada de populações negras provenientes dos Estados Unidos e das colônias francesas do Caribe, entre outros fluxos documentados.

Ainda que não constitua o eixo central da abordagem metodológica adotada, a análise desenvolvida neste estudo dialoga, de forma transversal, com contribuições oriundas do campo das perspectivas críticas sobre a colonialidade do poder e do saber. Tal interlocução permite problematizar os modos pelos quais determinadas narrativas históricas foram produzidas, legitimadas e difundidas, ao mesmo tempo em que outras experiências — particularmente aquelas relacionadas às dinâmicas migratórias no Haiti do século XIX — foram marginalizadas ou tornadas invisíveis. Nesse sentido, a pesquisa mostra-se atenta aos mecanismos de produção de silenciamentos históricos, conforme discutido por Michel-Rolph Trouillot (2016), buscando

evidenciar os eventos e processos registrados nas fontes, assim como as ausências, lacunas e assimetrias que atravessam a construção do conhecimento. Essa postura analítica implica um esforço de reflexividade crítica sobre as condições de produção, circulação e reconhecimento dos saberes acerca do Haiti, contribuindo, assim, para uma leitura mais plural e historicamente situada das migrações internacionais no espaço atlântico.

A delimitação temporal deste estudo, compreendida entre 1804 e 1888, fundamenta-se em marcos históricos relacionados às dinâmicas migratórias e às políticas de acolhimento adotadas pelo Estado haitiano. O ano de 1804 corresponde à independência do Haiti, momento a partir do qual o novo Estado se constitui como um território de liberdade, afirmando-se, em seus primeiros dispositivos legais, como um espaço aberto à recepção de populações afrodescendentes submetidas à escravidão em outras partes das Américas. Desde a proclamação da independência, as sucessivas constituições haitianas reiteraram essa disposição.

O recorte final em 1888 está relacionado a uma inflexão significativa nesse posicionamento. De um lado, em 13 de maio de 1888, o Brasil — último país das Américas a abolir oficialmente a escravidão — extingue juridicamente essa instituição. Do outro lado, a Constituição haitiana de 16 de dezembro de 1888 deixa de explicitar o convite direcionado a populações negras em situação de escravidão, o que pode ser interpretado à luz do contexto atlântico mais amplo. A concomitância desses eventos sugere uma reconfiguração das bases que sustentavam a política haitiana de acolhimento, uma vez que a abolição formal da escravidão no continente tornava menos pertinente a manutenção de dispositivos legais voltados especificamente à recepção de indivíduos escravizados. Assim, o recorte proposto permite apreender um ciclo histórico coerente, no qual o Haiti se afirma como refúgio para populações negras em situação de cativeiro, até o momento em que as transformações no sistema escravista atlântico redefinem as condições dessa política.

Liberdade, soberania e controle da (i)migração (1804–1806) na fundação do Estado do Haiti

Após conquistar a independência, o país tornou-se o Império do Haiti. Em 25 de janeiro de 1804, Jean-Jacques Dessalines, o proeminente líder da Revolução Haitiana, foi nomeado Imperador sob o nome de Jacques I pelos Generais do Exército Haitiano. Uma Constituição Imperial Haitiana foi publicada em 20 de maio de 1805. A Constituição reflete os ideais dos líderes da independência e se opõe ao sistema anterior em todos os aspectos. Esta lei unifica os haitianos na defesa de sua soberania.

De acordo com o artigo 12 da Constituição Imperial, “Nenhum branco, de qualquer nação que seja, porá os pés neste território como senhor ou proprietário e não poderá adquirir propriedades aqui no futuro” (tradução nossa). Contudo, o artigo 13 estipula exceções para mulheres brancas naturalizadas pelo governo, bem como para alemães e poloneses naturalizados (Empire d’Haïti, 1805) que estiveram no Haiti antes e durante a proclamação da independência. Em seu território, a escravidão é abolida para sempre e todo afrodescendente escravizado em outro território que ali põe os pés torna-se livre e haitiano.

Em certas leis e documentos oficiais, é evidente que o Estado haitiano demonstrou preocupação com a questão da migração. Dessalines havia emitido uma medida relacionada à migração para proteger os haitianos, pessoas de cor e outros nativos que estavam em outros países ou colônias nas Américas. Naquele período, a escravidão era prevalente em todos os territórios do continente, exceto no Haiti. Após a conquista da independência, Dessalines desejava repatriar esses haitianos para libertá-los e conceder-lhes direitos à cidadania. Assim, em 14 de janeiro de 1804, emitiu o Decreto nº 6, estabelecendo que:

> O Governador-Geral,
> Considerando que um grande número de negros e homens de cor, nativos, sofre nos Estados Unidos da América, por falta de meios para retornar à sua terra natal:
> Decreto;
> Arte. 1º. Os capitães dos navios americanos receberão a soma de 40 gourdes para cada indivíduo que trouxerem de volta a este país.
> Arte. 2. Este decreto será impresso, publicado e afixado; e uma cópia do mesmo será enviada imediatamente ao Congresso dos Estados Unidos (PRADINE, 1886, p. 7, tradução nossa).

O Haiti tomou iniciativas diplomáticas visando oferecer liberdade aos africanos que saíram de Saint-Domingue para os Estados Unidos durante a Revolução Haitiana. No entanto, apesar do pedido feito ao Congresso estadunidense, este foi negligenciado, possivelmente devido às atitudes racistas e à economia baseada na escravidão que predominavam nos Estados Unidos. Em decorrência desse isolamento diplomático e do risco de serem submetidos à escravidão em outros territórios, o artigo 7 da Constituição Imperial proibiu aos haitianos de emigrar ao estipular: “Perde-se a qualidade de cidadão do Haiti pela emigração e pela naturalização em país estrangeiro, e pela condenação a penas aflitivas e infames. O primeiro caso acarreta pena de morte e confisco de propriedades” (Empire d’Haïti, 1805, tradução nossa).

Além disso, o Imperador implementou medidas, como um Decreto, para combater o tráfico humano realizado por comerciantes estrangeiros. Nesse sentido, ele assinou e o Decreto proibindo os haitianos de deixar o país que estipula:

> Jacques I, Imperador do Haiti,

> Em vista da proteção e benevolência que ele concede aos estrangeiros que têm relações comerciais com esta ilha, que, longe de cuidar de seu comércio e respeitar as leis do país com o qual negociam, comportam-se da maneira mais extraordinária, facilitando a fuga de homens e mulheres de cor, habitantes naturais do país.
> Deseja e pretende que o seguinte, seja executado em toda a extensão de seus Estados:
> Artigo 1 - Qualquer embarcação estrangeira, armada ou não, a bordo da qual haja uma ou mais pessoas nativas que sejam levadas deste país para o exterior, o capitão será preso, colocado na prisão por dez meses e, em seguida, será enviado de volta ao seu país, com ordens para não reaparecer no Haiti; a embarcação e a carga serão confiscadas em benefício do Estado (Pradine, 1886, p. 33-34, tradução nossa).

Ele queria pôr um fim a esta prática, que às vezes se beneficiava da cumplicidade de certos estadunidenses e haitianos. Era importante pôr um fim a essas viagens clandestinas de negros, porque, na época, o Haiti era o único território em que a liberdade dos negros era garantida e eles podiam desfrutar do direito à cidadania haitiana.

Era quase inconcebível pensar um haitiano se naturalizar ou emigrar já que os outros territórios das Américas eram ainda muito escravocratas para ceder o direito à cidadania às pessoas negras. Ao contrário, a vez de terem direitos à cidadania de outros países, era mais plausível de que os haitianos que emigraram teriam reconduzidos nas condições de pessoas escravizadas. Sintetizando, ao mesmo tempo em que o líder da revolução haitiana deixou as portas abertas para receber pessoas negras escravizadas em outros países, medidas foram tomadas para restringir ou impedir a emigração dos haitianos.

Fragmentação do Estado e disputas de projetos políticos: Reino e República (1806–1820)

Nas primeiras décadas de sua existência como país independente, o Haiti enfrentou profundas dificuldades econômicas, agravadas pelos efeitos da guerra e pelo isolamento internacional. Apesar desse contexto adverso, os primeiros líderes afirmaram o país como um território de liberdade, rompendo com a ordem colonial e com a migração forçada de africanos (Empire d'Haïti, 1805; Hector, 2009; Hector; Hurbon, 2009). No entanto, tensões internas, especialmente com mulatos[5] que reivindicavam heranças da ordem colonial, culminaram no

[5] No Haiti, o termo mulato (*milat*) não é pejorativo ou discriminatório. O termo designa indivíduos de ascendência mista — geralmente europeia e africana — que, no período colonial de Saint-Domingue, ocupavam uma posição intermediária na hierarquia racial entre brancos e negros escravizados (Madiou, 1981). Muitos eram livres e podiam ter acesso à propriedade e à educação, embora sofressem restrições em relação aos brancos. Após a independência, o termo passou a ter também um sentido político e social, associado a grupos com maior acesso a recursos e poder, em meio às disputas internas que marcaram a formação do Estado (Hector, 2009; Hector; Hurbon, 2009).

assassinato do Imperador em 17 de outubro de 1806, reorientando o projeto político e migratório.

Após sua morte, o país fragmentou-se em dois Estados independentes que disputavam o mesmo território: o Reino do Haiti, ao norte, com capital em Cap-Haïtien, liderado por Henri Christophe (Rei Henri I), e a República do Haiti, ao oeste e sul, com capital em Porto Príncipe, sob a liderança do Presidente Alexandre Pétion. Entre 1807 e 1818, essa divisão marcou a coexistência de dois projetos distintos de organização política e econômica, ambos herdeiros das tensões do período pós-independência. Enquanto o Reino buscava revitalizar a economia por meio de grandes plantações e forte controle estatal da produção (Hector; Hurbon, 2009; Janvier, 1886), a República seguiu outros caminhos. É nesse contexto de dualidade estatal que se torna possível analisar de forma comparativa como a questão da migração foi concebida e operacionalizada em cada uma dessas formações políticas.

No Reino do Haiti sob o governo do rei Henri I, a Constituição não menciona explicitamente a recepção de afrodescendentes em busca de liberdade. Ainda assim, há indícios de que o reino manteve relações com estrangeiros, sobretudo em áreas estratégicas como a educação e a produção de armamentos. Henri I desenvolveu, por exemplo, vínculos com os ingleses, especialmente no campo do ensino, como evidencia a presença de uma tipografia ativa no reino e iniciativas voltadas à formação intelectual (Janvier, 1886). Esses elementos sugerem uma abertura seletiva à presença estrangeira, ainda que não formalizada juridicamente nos mesmos termos observados em outros períodos.

Por outro lado, mesmo na ausência de dispositivos legais explícitos sobre o acolhimento de afrodescendentes, é possível identificar ecos do ideal haitiano de liberdade em outras regiões das Américas. Embora não se disponha de evidências sistemáticas sobre políticas formais de acolhimento de afrodescendentes no Reino do Haiti, a circulação do nome de Henri Christophe e sua imagem política no Brasil revela a amplitude do alcance simbólico da experiência haitiana (Morel, 2017). Registros da historiografia brasileira indicam que lideranças negras evocavam Christophe como referência de luta e emancipação, como no caso de Emiliano Mundrucu, que, em contexto insurrecional, conclamava em 1824: “Qual eu imito a Cristóvão. Esse Imortal Haitiano Eia! Imitai ao seu povo. Oh meu povo soberano!” (Morel, 2017). Esses elementos sugerem que, mesmo após a morte do Rei, o Haiti continuava a operar como horizonte político de liberdade para populações negras no espaço atlântico.

No que tange à Constituição da República do Haiti adotada em 1816, mantém certos princípios fundamentais da Constituição imperial além de conceder o direito de nacionalidade

aos afrodescendentes escravizados nas Américas que imigram no Haiti e aos nacionais de países livres do continente África que desejam tal direito. O artigo 44 estipula que "Todo africano, índio e aqueles descendentes deles, nascidos nas colônias ou em países estrangeiros, que venham residir na República serão reconhecidos como haitianos, mas só terão direito de cidadania após um ano de residência" (République d'Haïti, 1816, tradução nossa).

Sob a presidência de Alexandre Pétion, a jovem República do Haiti, ainda que prometesse no artigo 5 da constituição que nunca teria formado qualquer empresa com o objetivo de fazer conquistas ou perturbar a paz e o regime interno dos Estados e ilhas estrangeiras (République d'Haïti, 1816) respondia positivamente ao pedido de ajuda de Simon Bolívar na luta pela independência da América do Sul. O Haiti acolheu o líder proporcionando-lhe estratégias de guerra e recursos militares em troca da libertação dos negros escravizados nas ex-colônias espanholas (Bohórquez, 2003).

O Presidente Pétion faleceu em 1818 e seu sucessor, Jean Pierre Boyer conseguiu reunir os dois Estados após a morte de Henri I em 1820, causando a queda do reino. Ao mesmo tempo, conseguiu juntar a atual República Dominicana com a República do Haiti para constituir um único país. Entretanto, o Haiti continuava enfrentando o isolamento diplomático devido ao não reconhecimento internacional de sua independência. Mas, o país não abandonou o esforço de libertar africanos escravizados em outros territórios.

Presidente Jean Pierre Boyer e a reconfiguração migratória (1820–1843)

Durante o período da presidência de Jean Pierre Boyer, eventos migratórios significativos se destacou. Apesar dos desafios e tumultos internos decorrentes da indenização exigida pelo reconhecimento da independência, Boyer persistiu em sua abordagem de acolher negros, concedendo-lhes cidadania haitiana. Em maio de 1824, cerca de 13 mil afro-estadunidenses migraram para o Haiti atendendo ao convite do presidente, que buscava oferecer cidadania haitiana, mas também oportunidades de trabalho em cafeicultura (Souffrant, 1974).

As relações comerciais que o país mantinha com outros países da época não constituíam relações jurídicas e diplomáticas. As negociações para o reconhecimento da independência pela França mudaram a situação do isolamento e causaram outros prejuízos na economia haitiana. No entanto, o Haiti continuava seguir seu compromisso com a liberdade. Mesmo aceitando pagar a indenização para o reconhecimento da independência, o país segui passando por momentos de resistência contra as potencias militares da época, alimentada por eventos migratórios .

Essa dinâmica migratória também foi registrada pela imprensa brasileira da época, que acompanhava os deslocamentos de populações negras em direção ao Haiti. Um exemplo disso pode ser encontrado no jornal *O Spectador Brasileiro*, que, em sua seção de notícias internacionais, publicou em 25 de abril de 1825 o resumo de uma carta do General Joseph Balthazar Inginac, então Secretário-geral do Presidente Jean-Pierre Boyer, conforme expresso no seguinte texto:

> Huma carta do General Inginac, secretario geral do Presidente de Haiti datada de 11 de Outubro annuncia, que todos os documentos relativos á ruptura das negociações com os Francezes vão ser incessantemente publicados. Em outra parte da carta o General Inginac falla da emigração "de descendentes dos Africanos, que deixão os Estados Unidos, para irem se estabelecer-se em Haiti". Esta medida, diz elle, faz rapidos progressos. Unicamente á cidade do Port-au-Prince tem chegado mais de mil individuos, tambem tem chegado a Jacmel, Cayes, ao Cabo Haitianno, e a S. Domingos[6] (O Spectador Brasileiro, 25 abr. 1825: 2).

O documento publicado em 11 de outubro de 1824 evidencia as tensões diplomáticas entre o Haiti e a França, sobretudo no contexto das negociações que antecederam a imposição da indenização pelo reconhecimento da independência. No entanto, o Haiti não teve mais recursos para resistir contra os assédios da França que o mantenha sob ameaça constante de sua liberdade enquanto o país continuava sendo isolado. Em 17 de abril de 1825, Charles X, rei da França exigiu que o Haiti pagasse uma indenização de 150 milhões de francos pagáveis em prestações pelo reconhecimento de sua independência (Gaillard-Pourchet, 1993).

Cabe destacar que, embora a carta de Inginac tenha sido redigida em outubro de 1824, sua publicação no Brasil ocorreu apenas em abril de 1825, momento em que o Haiti já havia aceitado os termos da indenização, o que ilustra a defasagem na circulação das notícias no período. E desde esta ordem, uma nova política foi empreendida pelas autoridades haitianas. O ano de 1826 marcou a redução da distribuição de terras e o Presidente liberou a venda gradual de grandes partes do domínio nacional para suprir o pagamento da indenização pelo reconhecimento da independência pela França (Gaillard-Pourchet, 1993). Assim, o isolamento internacional foi quebrado, mas às custas da subjugação econômica.

O fim do isolamento internacional do Haiti implica para a França uma maior margem de manobra frente à concorrência de comerciantes ingleses e estadunidenses que realizaram

[6] Convém esclarecer que a menção a "S. Domingos" na carta do general Inginac refere-se à cidade atualmente conhecida como Santo Domingo, capital da atual República Dominicana. Essa referência deve ser compreendida à luz do contexto político da época: durante o governo de Jean-Pierre Boyer (1818–1843), toda a ilha de Hispaniola esteve unificada sob a autoridade da República do Haiti entre 1822 e 1844. Nesse período, os territórios da parte oriental da ilha integravam o Estado haitiano, até a proclamação da independência da República Dominicana em 1844.

comércio informal com o Haiti antes mesmo de reconhecer sua independência. Em consequência, uma nova classe de empreendedores franceses migrou para o Haiti para aproveitar das novas oportunidades de negócio criadas pela indenização e a nova influência da França na economia do país (Gaillard-Pourchet, 1993). Os camponeses exigiam o direito de possuir os meios de produção e uma vida melhor. Diante dessas políticas elaboradas contra eles, os camponeses organizaram movimentos de protesto contra o governo (René, 2014).

Por outro lado, o documento sobre a carta do General Inginac também destaca o avanço dos fluxos migratórios de afrodescendentes provenientes dos Estados Unidos em direção ao território haitiano. Embora Jean-Jacques Dessalines tenha iniciado os primeiros esforços ao promulgar decretos convidando africanos e seus descendentes que haviam deixado o Haiti rumo aos Estados Unidos a retornarem e se estabelecerem novamente no país — iniciativa que teve resultados limitados — foi durante o governo de Jean-Pierre Boyer que esse projeto ganhou maior concretude.

Ainda que não tenha ocorrido por vias diplomáticas formais, sobretudo porque os Estados Unidos não reconheciam a independência do Haiti naquele período, a política de Boyer favoreceu, na prática, a chegada de um número significativo de pessoas negras provenientes do território estadunidense. Assim, seu governo contribuiu de maneira decisiva para materializar o ideal haitiano de se constituir como um espaço de acolhimento para populações afrodescendentes em busca de liberdade e melhores condições de vida.

Conforme outro noticiado pela imprensa brasileira (Imperio do Brasil: Diario Fluminense, 28 set. 1826), um episódio ocorreu no Haiti em 12 de junho do mesmo ano, durante o governo do presidente Boyer. Segundo o periódico, um grupo de pessoas negras escravizadas fugiu da colônia francesa da Martinica em uma pequena embarcação, atravessando o mar até alcançar o território haitiano. Ao chegarem, foram acolhidas pelas autoridades do Haiti, que lhes garantiram a liberdade.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, as autoridades francesas dirigiram-se ao governo haitiano, solicitando a devolução dos fugitivos à colônia de origem. O presidente Boyer, no entanto, recusou o pedido, fundamentando sua decisão nos princípios constitucionais do país: qualquer pessoa que tivesse vivido sob a escravidão tornava-se livre ao pisar em solo haitiano. Dessa forma, manteve a liberdade dos recém-chegados, embora tenha concordado em devolver aos franceses a embarcação utilizada na fuga (Imperio do Brasil: Diario Fluminense, 1826).

Esse conjunto de registros evidencia que a política haitiana de acolhimento e defesa da liberdade se concretizava na prática e circulava no espaço atlântico por meio da imprensa. Tanto

o *O Spectador Brasileiro* (25 abr. 1825) quanto o *Diario Fluminense* (28 set. 1826) demonstram que os acontecimentos relacionados ao Haiti eram acompanhados e difundidos no Brasil, ainda que com certa defasagem temporal. Se, por um lado, o primeiro periódico destaca o crescimento da imigração de afrodescendentes provenientes dos Estados Unidos em direção ao Haiti, por outro, o segundo evidencia a aplicação concreta dos princípios constitucionais haitianos ao garantir liberdade a pessoas escravizadas fugitivas da Martinica, mesmo diante das pressões da França.

Ainda que não se disponha de evidências diretas sobre os efeitos específicos dessas notícias no Brasil escravista, sua circulação sugere que o Haiti ocupava um lugar relevante no imaginário político. Em um contexto marcado pelo impacto duradouro da Revolução Haitiana, é plausível supor que tais relatos contribuíssem tanto para alimentar o temor de insurreições quanto para intensificar a vigilância das elites escravistas. Ao mesmo tempo, a firmeza do Estado haitiano em não negociar a liberdade — mesmo sob constrangimentos como a indenização paga à França — reforçava sua imagem como um território comprometido com a emancipação, potencialmente subversivo para a ordem escravocrata vigente no Brasil.

A partir da década de 1830, publicações de jornais redigidas por negros livres passaram a dedicar-se à revolução haitiana. Nos Estados Unidos, alguns afro-estadunidenses, incluindo o pastor Holly, aproveitaram a imigração para o Haiti como uma oportunidade para iniciar uma missão de evangelização, estabelecendo a Igreja Episcopal no país (Bourhis-Mariotti, 2019; Souffrant, 1974).

No Brasil, em 19 de dezembro de 1835, o jornal *O Fluminense* publicou uma correspondência interceptada intitulada “Ao meu amigo e futuro alliado, Presidente Boyer”, assinada apenas com a letra F. Na correspondência, o autor elogia o presidente assim como defunto Rei Christophe. Sua publicação gerou repercussão entre os letrados, uma vez que o periódico foi alvo de críticas por parte de Do Novo Farol Paulistano em 13 de janeiro de 1836, no seu texto intitulado “Remessa para o Sem-Vergonha” publicado em 30 de janeiro (O Sete d’Abril, 1836: 4). A resposta mostrou indignação com o fato de o jornal ter aceitado divulgar um conteúdo que enaltecia o presidente de um país associado à ruptura com a ordem escravocrata.

Depois de liderar o Haiti por um quarto de século, Boyer foi exilado em 13 de março de 1843, devido a uma revolta militar liderada por Charles Hérard Rivière, que assumiu como chefe do Governo Provisório (Jornal do Commercio, 1843; Diario de Pernambuco, 1843). Rivière foi então eleito presidente pela Assembleia Constituinte em 30 de dezembro de 1843.

No entanto, a política de Boyer desencadeou várias tentativas de separação: a parte oriental, conhecida como República Dominicana, declarou sua independência em 27 de fevereiro de 1844 (Janvier, 1886).

Transformações migratórias e diversificação dos fluxos (1843–1888)

Após a saída de Boyer, o país adotou uma nova constituição em 1843, que seguiu a linha das constituições anteriores, especialmente no que diz respeito aos direitos dos afrodescendentes. O artigo 8 de sua Constituição estipula que nenhum branco estrangeiro tem direito à nacionalidade haitiana ou à propriedade de terras dentro do país. O artigo 6 define os haitianos como aqueles nascidos no Haiti, descendentes de africanos ou índios, bem como os nascidos no exterior de pai ou mãe haitianos. Além disso, o artigo 7 permite que africanos, índios (indígenas) e seus descendentes obtenham a cidadania haitiana.

Ao contrário da Constituição imperial, a de 1843 permitiu a migração dos haitianos no seu artigo estipulando: "Art. 18. — A liberdade individual é garantida. Cada pessoa é livre para ir, permanecer ou partir, não podendo ser presa, detida ou exilada senão nos casos previstos pela lei e segundo as formas por ela estabelecidas" (Janvier, 1886: 157, tradução nossa). Com a independência haitiana reconhecida pela França e por vários outros países naquele período, não houve mais o risco de escravização de haitianos mesmo em territórios estrangeiros nos quais a escravidão não foi ainda abolida.

A partir dos anos 1850, os migrantes de Martinica e Guadalupe começaram a chegar em maior número, estabelecendo-se principalmente em Porto Príncipe. Eles se engajaram economicamente no setor comercial (Zacaïr, 2009, 2019) com o direito a nacionalidade haitiana. No entanto, apesar da presença significativa no território haitiano, os guadalupenses e os naturais de Martinica optaram por residir no país sem buscar a naturalização para também manter a nacionalidade francesa. Esses imigrantes aproveitaram sua identidade racial junto à população local para usufruir dos direitos e privilégios garantidos pela legislação haitiana apenas aos cidadãos. Contudo, muitos recusaram-se a adquirir a nacionalidade haitiana, apesar da pressão do Estado haitiano, pois não desejavam servir no exército (Zacaïr, 2009, 2019).

Ao mesmo tempo, afro-estadunidenses continuavam a imigrar para o Haiti durante e após a Guerra Civil Americana. As tensões surgiram devido à disputa sobre a expansão da escravidão entre 1840 e 1850, quando a Califórnia ingressou na união como um Estado livre, mas Utah e Novo México foram autorizados a decidir sobre o status da escravidão pró-escravistas e anti-escravistas (Kaspi et al. 1993). Paralelamente, em 1854, surgiu o movimento

filantrópico da *American Colonization Society* (ACS) para facilitar a migração de africanos e afrodescendentes para outras colônias ou territórios. O Haiti foi escolhido como um desses destinos, devido à garantia legal de liberdade para todos os negros. Como resultado, muitos afro-estadunidenses optaram pelo Haiti como seu novo lar (Bourhis-Mariotti 2019; Dixon, 2000; Kaspi et al. 1993). Por volta de 1860, o presidente haitiano Nicolas Geffrard facilitou a imigração de 12 mil afro-estadunidenses (Souffrant, 1974).

No entanto, as leis haitianas não eram favoráveis à imigração branca e europeia, proibindo o acesso à nacionalidade e à propriedade de imóveis e terras. Apesar disso, ao longo do século XIX — especialmente após a aceitação do pagamento da indenização —, europeus, como alguns franceses, raros italianos e principalmente alemães, passaram a ingressar de forma discreta no setor do comércio internacional. Gradualmente, integraram-se ao comércio nacional e, embora houvesse restrições legais, na prática não enfrentaram grandes obstáculos (Lucien, 2007).

Considerando o fim da escravidão, com o Brasil sendo o último país a abolir essa prática em 1888, o governo haitiano decidiu abrir suas fronteiras para todos aqueles de outras nacionalidades que aspiravam por uma vida melhor. Assim, em 1888, o Haiti promulgou uma nova constituição que concede a nacionalidade haitiana a qualquer estrangeiro, sem distinção de raça, conforme estipulado no artigo 8, que estabelece que qualquer estrangeiro pode se tornar haitiano; embora as formalidades de naturalização sejam regulamentadas por lei, ainda se proibia a posse de propriedades por brancos que não se naturalizassem (Zacaïr, 2019).

Esta nova constituição coincide com a chegada dos primeiros imigrantes sírios e libaneses ao Haiti no fim da década 1880 e se envolviam em atividades não agrícolas, incluindo comércio, na América em geral e no Haiti em particular (Lucien, 2007; Truzzi, 2002). O crescimento demográfico da população da Síria e do Líbano, o caráter semidesértico do clima e o pequeno tamanho das fazendas limitam o acesso dos jovens à propriedade e os encorajam a emigrar (Lucien, 2007).

Considerações finais

Este estudo buscou analisar a imigração internacional para o Haiti ao longo do século XIX, deslocando o foco predominante da literatura brasileira — centrado na emigração haitiana contemporânea — para a compreensão do país como território histórico de acolhimento. A partir da análise de fontes e registros históricos, evidenciou-se que, desde a independência em 1804, o Estado haitiano construiu dispositivos legais e práticas políticas orientadas à recepção

de populações afrodescendentes submetidas à escravidão em outras partes das Américas, ao mesmo tempo em que estruturava mecanismos de controle sobre a emigração de seus próprios cidadãos.

Ao longo do século XIX, essa política de acolhimento passou por reconfigurações em função de transformações internas e pressões externas, como o isolamento diplomático, a indenização imposta pela França e as mudanças no sistema escravista atlântico. Ainda assim, diferentes conjunturas — do período imperial às experiências republicanas sobretudo no governo de Boyer — revelam a persistência de um projeto político que atribuía centralidade à liberdade e à incorporação de populações negras ao corpo da nação haitiana. Paralelamente, o país também recebeu outros grupos de imigrantes, como europeus e sírio-libaneses, evidenciando a complexidade e a diversidade de seus fluxos migratórios.

A análise permitiu demonstrar que a história migratória haitiana não pode ser compreendida exclusivamente a partir da condição contemporânea de país de emigração. Ao contrário, ela envolve uma trajetória mais ampla, marcada por diferentes regimes de mobilidade, nos quais o Haiti ocupou, por um longo período, a posição de polo de atração migratória no espaço atlântico.

Ao evidenciar essa dimensão negligenciada, o artigo contribui para o preenchimento de uma lacuna na literatura brasileira e propõe uma ampliação do enquadramento analítico sobre as migrações haitianas. Tal deslocamento permite complexificar a compreensão do caso haitiano assim como questionar narrativas consolidadas que tendem a reduzir o país a uma posição passiva nos fluxos migratórios globais. Nesse sentido, recuperar o Haiti como território de acolhimento no século XIX constitui um passo importante para a construção de interpretações mais historicamente situadas e teoricamente consistentes sobre as dinâmicas migratórias no Atlântico.

Referências

BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. Migração de crise: A migração haitiana para o Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 34, n. 1, p. 119–143, 2017. Disponível em: 10.20947/s0102-3098a0017. Acesso em: 3 de ago de 2019.

BOHÓRQUEZ, Carmen L. L'ambivalente présence d'Haïti dans l'indépendance du Vénézuéla. *Outre-mers*. v. 90, n°340-341, 2e semestre 2003. Haïti Première République Noire. pp. 227-240.

BORTOLOTO, Claudimara. *Migração e trabalho na contemporaneidade:* os haitianos no Oeste do Paraná. 2019. 351f. Tese (Doutorando em Ciências Sociais) — Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, São Paulo, 2019.

BOURHIS-MARIOTTI, Claire. Migration et Évangélisation : L'installation de l'Église Épiscopale en Haïti par le Révérend noir américain James Theodore Holly, 1855-1874. In: BÉCHACQ, D.; CALIXTE, F.; MEUDEC, M. (Org.). *Les migrations et la Caraïbe : (dés)ancrages, mouvements et contraintes*. Paris: L'Harmattan, 2019, pp. 87–108.

CAVALCANTI, Leonardo. *et al.* Imigração haitiana em Curitiba e crise econômica: o emprego estratégico das redes migratórias e os capitais de mobilidade em contexto de crise. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, [s. l.], v. 8, n. 16, p. 165-195, 2019. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/11048. Acesso em: 21 maio 2025.

COGO, Denise. Haitianos no Brasil: Comunicação e interação em redes migratórias transnacionais. *Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 125, pp. 23–32, 2014. Disponível em: 10.16921/chasqui.v1i125.39. Acesso em: 17. set. 2017.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. *Aletranje — A Pertinência da Família na Ampliação do Espaço Social Transnacional Haitiano*: o Brasil como uma Nova Baz. 2019. 250f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) — Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2019.

DIARIO DE PERNAMBUCO. *Noticiais estrangeiras*, n. 157, 22 jul. 1843, p. 1. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

DIARIO FLUMINENSE. *Notícias estrangeiras*, n. 74, v. 8, Rio de Janeiro, 28 set. 1826, p. 298. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

DIXON, Chris. *African American and Haiti: Emigration and Black Nationalism in the Nineteenth Century*. Westport: Greenwood Press, 2000.

DORVILIER, Fritz. *La Crise haïtienne du éveloppement, Essai d'anthropologie dynamique*. Port-au-Prince: Éditions de l'Université d'État d'Haïti, 2012.

EMPIRE D'HAÏTI. *La Constitution Impériale*. Dessalines: Palais Impérial, 20. Maio. 1805.

GAILLARD-POURCHET, Gusti. *L'Expérience haïtienne de la dette extérieure ou une production caféière pillée (1875-1915)*. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, 1993.

GRANGER, Stéphane. L'Amazonie brésilienne, nouvelle interface migratoire entre les Caraïbes et l'Amérique du Sud ? *Mercator*, v. 13, n. 1, p. 7–17, 2014. Disponível em: DOI: 10.4215/RM2014.1301. 0001. Acesso em: 07 de fevereiro de 2018.

HECTOR, Michel.; HURBON, Laennerc. Les fondations. In: HECTOR, Michel; HURBON, Laennerc. (Orgs.). *Genèse de l'État haïtien (1804-1859)*. Port-au-Prince: Éditions Presses Nationales d'Haïti, 2009. p. 11–26.

JANVIER, Louis Joseph. *Les Constitutions d'Haïti*. Paris: Marpon et Flammarion, 1886.

JOACHIM, Benoit. *Les Racines du sous-développement en Haïti*. Port-au-Prince: Éditions Henri Deschamps, 1978.

JORNAL DO COMMERCIO. *Noticias estrangeiras*, n. 160, Rio de Janeiro, 17 jun.1843, p. 5. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

JOSEPH, Handerson. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015

JOSEPH, Handerson. Mobilité Transfrontalière Haïtienne au Brésil: Kongo, Vyewo et Dyaspora. *In:* BECHACQ, Dimitri; CALIXTE, Fritz; MEUDEC, Marie (Org.). *Les Migrations et la Caraïbe*: (dés)ancrages, Mouvements et Contraintes. Paris: L'Harmattan, 2019. p. 207-232.

KASPI, André; BERTRAND, Claude-Jean; HEFFER, Jean. *La Civilisation Américaine*. Paris: PUF, 1993.

LUCIEN, Georges Eddy. *Port-au-Prince (1915-1956) Modernisation Manquée: Centralisation et Dysfonctionnements*. (Tese de doutorado em História). Université de Toulouse-Le Mirail, 2007.

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti (1492-1799)*. Port-au-Prince: Les Éditions Fardin, 1981.

MAGALHÃES, Luis Felipe A.; BAENINGER, Rosana. A Imigração Haitiana em Santa Catarina: Fases e Contradições da Inserção Laboral. *In:* BAENINGER, Rosana *et al*. (Org.). *Imigração Haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 229-251.

MAGALHÃES, Luis. Felipe A. *A Imigração Haitiana em Santa Catarina:* Perfil Sociodemográfico do Fluxo, Contradições da Inserção Laboral e Dependência de Remessas no Haiti. 207. 355f. Tese (Doutorado em Demografia) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MAMED, Letícia H.; LIMA, Eurenice O. de. Movimento de Trabalhadores Haitianos para o Brasil nos últimos cinco anos: a Rota de Acesso pela Amazônia Sul Ocidental e o Acampamento Público de Imigrantes do Acre. *In:* BAENINGER, Rosana *et al*. (Org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 113-171.

MOREL, Marco. *A Revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito*. Rio de Janeiro: Paco Editorial, 2017.

O FLUMINENSE : JORNAL POLITICO E LITTERARIO. *Ao meu amigo e futuro alliado, Presidente Boyer*, n. 14, p. 2, 19 dez. 1835. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

O SETE D'ABRIL. *Remessa para o Sem-Vergonha*, n. 315, p. 4, 30 jan. 1836. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

O SPECTADOR BRASILEIRO. *Notícias estrangeiras*, n. CXX, Rio de Janeiro, 25 abr. 1825, p. 2. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira. Acesso em: 01 maio 2026.

PRADINE, Linstant de. *Recueil général des lois et actes du gouvernement d'Haïti, depuis la proclamation de son indépendance jusqu'à nos jours*. Paris: A. Durand, 1886.

RENÉ, Jean Alix. *Le Culte de l'égalité: Une Exploration du processus de formation de l'État et de la politique populaire en Haïti au cours de la première moitié du dix-neuvième siècle (1804 – 1846)*. (Tese de doutorado em História). Université Concordia, Montreal, 2014.

RÉPUBLIQUE D'HAÏTI. *Constitution du 2 juin 1816*. Révisée au Grand-Goâve, République d'Haïti, 1816.

SILVA, Sidney A. da. Fronteira Amazônica: Passagem Obrigatória para Haitianos?. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, [s. l], v. 23, n. 44, p. 119-134, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-85852503880004408. Acesso em: 21 maio 2025.

SILVA, Sidney Antônio. Fronteira Amazônica: Passagem Obrigatória Para Haitianos? *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 23, n. 44, p. 119–134, 2015.

SOUFFRANT, Claude. Les Haïtiens aux Etats-Unis. *Population*, vol. 29, n. 01, pp. 133–146, 1974.

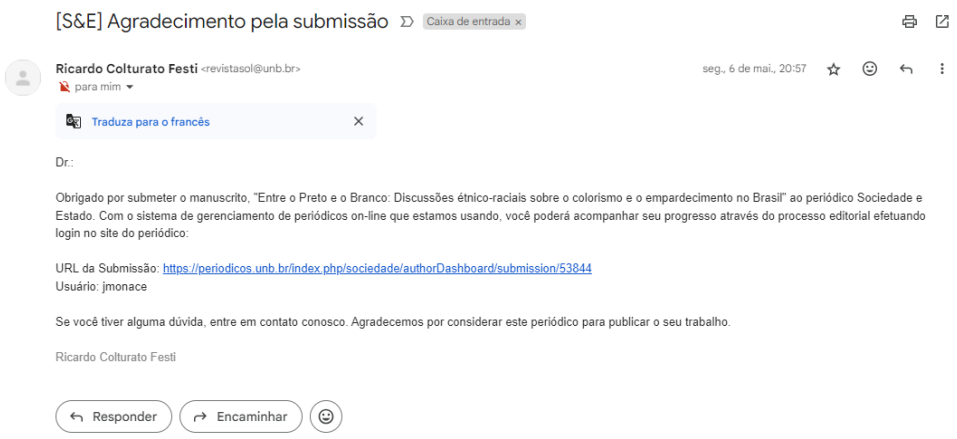
TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história.* Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

TRUZZI, Oswaldo. Libanais et Syriens Au Brésil (1880-1950). *Revue Européenne des Migrations Internationales*, vol. 18, n. 01, 2002. doi: 10.4000/remi.636.

ZACAÏR, Philippe. Entre Identité Raciale et Extranéité : Immigrés Guadeloupéens et Martiniquais En Haïti, 1848-1914. In: BÉCHACQ, D.; CALIXTE, F.; MEUDEC, M. (Org.). *Les migrations et la Caraïbe : (dés)ancrages, mouvements et contraintes*. Paris: L'Harmattan, 2019, pp. 109–130.

ZACAÏR, Philippe. Immigrés Guadeloupéens et Martiniquais En Haïti Dans Le Regard Des Consuls Français (1848-1900). *Bulletin de La Société d'Histoire de La Guadeloupe*, n. 154, pp. 59–77, 2009. Disponível em : doi: https://doi.org/10.7202/1036848ar. Acesso em: 20 jun. 2020.

2. "Entre o Preto e o Branco: Discussões étnico-raciais sobre o colorismo e o empardecimento no Brasil", em coautoria com Thiago Cassiano. (Submetido em 6 de maio de 2024 na Revista Estado e Sociedade de Qualis A1 em Sociologia).


[S&E] Agradecimento pela submissão

Caixa de entrada ×

Ricardo Colturato Festi <revistasol@unb.br>

para mim

seg., 6 de mai., 20:57

Traduza para o francês

Dr.:

Obrigado por submeter o manuscrito, "Entre o Preto e o Branco: Discussões étnico-raciais sobre o colorismo e o empardecimento no Brasil" ao periódico Sociedade e Estado. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/authorDashboard/submission/53844
Usuário: jmonace

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Ricardo Colturato Festi

Responder Encaminhar

Entre o Preto e o Branco: Discussões étnico-raciais sobre o colorismo e o empardecimento no Brasil

Between Black and White: Ethnic-racial discussions, colorism, and brownskinning in Brazil

Autor 01
Autor 02

Resumo

O presente estudo aborda o colorismo étnico-racial e o empardecimento na sociedade brasileira do século XXI, adotando uma perspectiva decolonial e crítica, uma abordagem que desafia as estruturas de poder colonial nas áreas de produção de conhecimento. A terminologia “preto” é utilizada para representar africanos e afrodiaspóricos, destacando a importância da identidade. Explorando o colorismo e o racismo estrutural no Brasil, o estudo destaca a persistência do padrão estético caucasiano e a influência das políticas de branqueamento. O colorismo é discutido como uma prática que busca melhorar geneticamente as “raças” não caucasianas, perpetuando o sistema de hierarquias. A miscigenação é abordada como um processo marcado por violência física e simbólica. É proposto nessa investigação inferir questionamentos sociológicos e cosmológicos sobre o “pardo” e seus modos de atuação na sociedade contemporânea brasileira partindo dos estudos dos psicólogos norte-americanos Clark e Clark (1947) e da poética nas obras visuais da série “Pardo é Papel” (2018-2019) do artista plástico afrodiaspórico Maxwell Alexandre.

Palavras-chave: Colorismo. Empardecimento. Raça/Racismo.

Abstract

This study examines ethnic-racial colorism and “empardecimento” in 21st-century Brazilian society from a decolonial and critical perspective that challenges colonial power structures in knowledge production. The term "preto" is employed to represent Africans and Afro-diasporic individuals, emphasizing the significance of identity. While exploring colorism and structural racism in Brazil, the research underscores the persistence of the Caucasian aesthetic standard and the impact of whitening policies. Colorism is analyzed as a practice aimed at genetically improving non-Caucasian "races," perpetuating hierarchical systems. Miscegenation is explored as a process marked by both physical and symbolic violence. This investigation puts forth sociological and cosmological inquiries into "pardo" and its operational modes in contemporary Brazilian society, drawing on the studies of American psychologists Clark and Clark (1947) and the poetics found in the visual works of the series "Pardo é Papel" (2018-2019) by Afro-diasporic visual artist Maxwell Alexandre.

Keywords: Colorism. *Empardecimento*. Race/Racism.

Introdução

O presente artigo se propõe a discutir o colorismo étnico-racial e o empardecimento na sociedade brasileira do século XXI, abordando-os por meio de uma perspectiva decolonial e crítica da realidade em questão. Portanto, para alcançar o citado objetivo, essa pesquisa se ampara na terminologia "preto" para se referir aos sujeitos africanos (nascidos em África) e no termo afrodiaspórico para se referir aos sujeitos afro-brasileiros, cuja sua origem étnico-racial e identitária firmam-se também no continente africano para além do seu país de origem, neste caso, o Brasil.

Essa escolha se dá fundamentada em uma estratégia deliberada, crítica e decolonial, influenciada pela posição dos pesquisadores do presente artigo, que são um homem afrodiaspórico retinto, e um homem preto retinto que se identificam como tal. Esta abordagem contrasta com a definição dada a terminologia "negro" que não é vista enquanto uma identidade étnico-racial, mas sim como uma categorização demográfica que engloba tanto pretos quanto pardos, conforme indicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2020).

Justificando esse percurso, esse estudo se ampara no que menciona Cuti (2010) ao afirmar que "[...] a palavra 'negro' lembra a existência daqueles que perderam a identidade original e construíram outra, na luta por suas conquistas" (p. 39). Nesse sentido, Cuti (2010) aponta ainda que "[...] a palavra 'negro' nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo que a expressão 'afro-brasileiro' lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas ligadas à ascendência negro-brasileira" (CUTI, 2010, p. 39).

Posto isso, ao adotar uma perspectiva crítica, percebe-se que a terminologia "preto" parece expressar de maneira mais precisa a identidade dos sujeitos africanos da mesma forma que o termo afrodiaspórico conota de forma mais efetiva a relação transatlântica dos afro-brasileiros e dos africanos em diáspora. No entanto, é importante ressaltar que este artigo não pretende oferecer uma reflexão universalista e universalizante – que tende a universalizar – sobre a identidade racial desses sujeitos, uma vez que essa representação social varia de uma sociedade para outra. Este artigo baseia-se na realidade brasileira para fornecer novas compreensões sobre os sujeitos africanos e afrodiaspóricos no Brasil, sobretudo por meio do tema do colorismo, apresentado como uma questão tenaz a ser discutida e que perpassa pelas discussões de identidade, subjetividade das masculinidades pretas e afrodiaspóricas – lócus centrais de estudo dos autores. Para conduzir esta reflexão, este artigo insere-se, portanto, na abordagem decolonial em termo de metodologia.

A abordagem decolonial é uma perspectiva crítica que se opõe aos saberes produzidos durante a colonialidade ou contra perspectivas que continuam a reproduzir os esquemas políticos, econômicos, cognitivos da existência que foram construídos na época da colonização (WYNTER, 2003). Trata-se de uma longa tradição de resistência influenciado por pensadores afrodiaspóricos como os martinicanos: o psiquiatra Frantz Fanon e o poeta e político da negritude Aimé Césaire; o sociólogo e historiador afro-estadunidense W.E.B Du Bois, e o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, entre outros. Nas entrelinhas de Bernardino-Costa et al (2019), a abordagem decolonial pode ser entendida como a busca por desafiar e superar as estruturas de poder colonial e suas manifestações nas diversas áreas do conhecimento, incluindo a pesquisa empírica.

Neste ponto de vista, pode-se dizer que a perspectiva decolonial é interdisciplinar e procura desconstruir as narrativas dominantes que tendem a marginalizar as vozes e experiências de grupos historicamente oprimidos, quais os pesquisadores do presente estudo estão inseridos enquanto homens pretos e afrodiaspóricos. E por assim ser, não pretendemos ser pesquisadores sem nós posicionar. É por esse motivo que usamos a abordagem decolonial do ponto de vista de pesquisadores pretos e afrodiaspóricos que somos para nos referir a uma perspectiva que considera nossas experiências, saberes e visões de mundo específicas do homem preto e afrodiaspórico, enquanto também desafiar as hierarquias e as estruturas de poder que perpetuam nossa marginalização. Dito isto, é preciso reforçar que esse artigo se desenvolve pelas mãos de pesquisadores pretos e afrodiaspóricos que neste sentido, se posicionam contra as estruturas de poder colonial nas áreas de conhecimento.

Posto o citado entendimento decolonial, ressalta-se que essa pesquisa segue um percurso interdisciplinar e com frontalidade entre a filosofia cosmologia africana (MALOMALO, 2021) e os estudos antirracistas (FANON, 2008; ALMEIDA, 2020; MAXWELL, 2018-2019). Posto isso, compreende-se que essa discussão proporcionará e poderá oportunizar ao leitor um despertar para as discussões sobre a questão do que venha ser o “pardo” na sociedade brasileira em relação ao “preto” como identidade (preta) afro diaspórica desvelada e da influência do processo de embranquecimento na formação do “pardo”.

Compreendido esse ponto, é preciso mencionar que o processo de branqueamento emerge da colonização pelas mãos do poderio hegemônico que tem diluído a identidade preta africana por meio da prática da miscigenação. Visto as questões arguidas e dada a miscigenação entre pretos e caucasianos vivida no país, indaga-se: quem é o “pardo” no Brasil?

Para abordar essa indagação e avançar em direção à nossa meta de desmantelar as narrativas predominantes que frequentemente marginalizam as vozes e vivências de grupos historicamente oprimidos, conduzimos análise de textos de autores contemporâneos relacionados ao objeto de pesquisa. Além disso, consultamos fontes históricas provenientes de alguns autores caucasianos europeus envolvidos na construção do racismo na ciência assim como fontes históricas provenientes de alguns intelectuais haitianos do século XIX que tentaram dar respostas para desconstruir o racismo. Em determinados trechos do artigo, utilizamos fontes em língua francesa, assegurando a tradução adequada, visto que um dos autores é haitiano e possui fluência no francês, idioma oficial de seu país, juntamente com o crioulo haitiano, língua nacional e da libertação do Haiti da subjugação colonial francesa.

Colorismo e Racismo Estrutural no Brasil

O racismo e o colorismo têm sido componentes de pesquisa, de diversos campos da sociedade e das áreas de conhecimento, entre elas, as denominadas ciências sociais e humanas, do campo dos códigos e linguagens, dos estudos biológicos e da educação. Muitas vezes, a produção de conhecimento tem se limitado a destacar a capacidade das pessoas negras em relação aos brancos, mantendo o padrão caucasiano como referência.

No entanto, o Haiti se destaca como uma exceção, desvinculando o modelo caucasiano do conceito de bem, belo e sagrado após a Revolução de 1791-1804 e associá-lo ao barbarismo e a criminalidade (PRADINE, 1886). A independência haitiana, proclamada em 1804, marcou o fim da migração forçada de africanos e impôs sanções contra o modelo caucasiano ao impedir aos europeus o direito de serem possuidores de bens imóveis no Haiti (EMPIRE D'HAÏTI, 1805). A Constituição de 1805 aboliu a escravidão, reconhecendo automaticamente qualquer pessoa de ascendência africana como haitiana e estabelecendo a coabitação pacífica entre haitianos brancos e pretos. A decisão de designar todos os haitianos como "*noir*" – pretos – apesar da existência de alguns haitianos de origem caucasiana (polonesa e alemã) teve impactos duradouros, redefinindo o conceito de pessoa na sociedade haitiana (EMPIRE D'HAÏTI, 1805).

Ao contrário do Haiti, em sua luta contra o racismo e a escravidão baseada na opressão racial, o Brasil nas suas estruturais sociais, tanto na época colonial quanto da época pós-independência, não mostrou muito interesse em descontruir os esquemas racistas que são enraizados na sociedade colonial. O país, desde sua fundação, adotou o padrão semiótico e estético caucasiano para montar suas instituições. Nesse sentido, é preciso destacar que o padrão

semiótico e estético caucasiano que se espalhou pelo país desde o período colonial e que atua de modo sistêmico até os presentes dias tem impresso na sociedade brasileira, estudada pelas áreas de conhecimento acima mencionada uma marca que distingui o que é "bom" do que é "ruim" – o "selo de qualidade caucasiano".

O mencionado "selo de qualidade caucasiano" se refere ao padrão estético e dos modos de atuação caucasiano. Neste sentido, o colorismo étnico- racial se ampara na proposta de miscigenação "racial" para obtenção de uma melhoria genética das "raças" não caucasianas, tornando o sujeito miscigenado "menos ruim".

Retomando o processo de miscigenação, no Brasil, o citado processo se acudiu à práxis da violência física e simbólica contra os povos indígenas e africanos, que foram usurpados de seus direitos, sendo brutalmente violentados sexualmente pelo colonizador europeu do qual se originou o sujeito tido como miscigenado (GONZÁLEZ, 1982). Por tanto, menciona-se que o processo de miscigenação racial é um sistema secularmente desenvolvido e operado pelo poderio caucasiano hegemônico e tem em sua estrutura nuclear o que denominamos de "célula matriz hegemônico-racializadora". Essa partícula atua como um organismo autônomo e unicelular, que introjeta o *ethos* e capital cultural caucasiano em todo e qualquer espaço ou sujeito qual mantenha o contato na prerrogativa de colonizá-lo, neste caso o africano.

O sociólogo Bourdieu (2005; 2007), em relação a noção de *habitus* utiliza o termo "*ethos*" para se referir aos padrões de conduta, valores e orientações que moldam as escolhas individuais e a forma como as pessoas se relacionam com a cultura. Ele explora como diferentes grupos sociais desenvolvem *ethos* distintos, influenciados por sua posição na estrutura social. O termo *habitus* aparece como indissociável das consequências da dominação simbólica e aparece como campo de disputa para a demarcação de posições sociais distintas (BOURDIEU, 2002; 2005; 2007). Na sociedade brasileira, *embranquecer-se* ou/e possuir as características do modelo caucasiano dominante se apresentam como propriedades pertinentes e *ethos* distintos na luta por ocupar melhor posição na estrutura social brasileira.

No século XXI, pesquisadores pretos e afrodiaspórico vinculados à Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN)[7], e demais organismos empíricos têm se debruçado sobre os avanços das ideologias embranquecedoras no país. Nos dias atuais, cada vez mais se vê o *embranquecimento* das matrizes africanas e afrodiaspóricas no país pautadas em

[7]"[...] A Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN é uma associação civil, sem fins lucrativos, filantrópica, assistencial, cultural, científica e independente, tendo por finalidade o ensino, pesquisa e extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil. (ABPN, 2020. s/p). Disponível em: https://abpn.org.br/. Acesso: 04 jul. 2023.

concepções pluralistas. No Brasil, as políticas de branqueamento aparecem desde o período colonial, acomodado nas premissas do racismo científico, sustentado no discurso de que não haveria futuro no país, pois este era povoado por "raças" inferiores, que resultaria em mestiços e pardos (RAMOS, 1942) e se polariza após as políticas branqueadoras, isto é, um *embranquecimento* não só da pele, mas da identidade e subjetividade do homem preto e afrodiaspórico, por assim ser o sistema de cotas raciais.

Gomes (2003) menciona que as políticas de cotas são "[...] políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero, por deficiência física" (GOMES, 2003**,** p. 27) e "[...] de origem nacional, bem como para corrigir ou mitigar os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego" (GOMES, 2003**,** p. 27).

Expandindo a discussão acima sobre o colorismo, o termo surgiu no Continente americano, nos Estados Unidos da América por meio da escritora Alice Walker, em seu livro *"In Search of Our Mothers' Gardens: Womanist Prose"* (1982), tradução para o português "Se o presente é similar ao passado, como será o futuro?". De modo geral, o termo colorismo é utilizado para "diferenciar" as variações de tonalidade da pele preta e afrodiaspórica do mais claro para o mais retinto, de modo que a problemática do racismo se intensifica quando maior se intensifica a melanina na "paleta de cores sociais", onde não há "[...] lugar para o mulato, não parece haver necessidade de ajuda para os negros como grupo" (OLIVEIRA, 1974, p. 68).

Nesse caso, entende-se a construção social de sentidos ao redor do colorismo como um catalizador na definição de políticas de branqueamento em alguns países e o Brasil em particular. Justaposto esse entendimento, questiona-se um certo preterimento da sociedade caucasiana à miscigenados, e/ou pretos e afrodiaspóricos de pele clara comparados à pretos/afrodiaspóricos retintos. O termo miscigenação (terminologia com forte presença durante a primeira fase do Brasil Colônia) resultou no branqueamento deliberado da população africana/afrodiaspórica e mestiça (terminologia cujo ápice se deu durante a segunda fase do Brasil-Colônia).

Compreendido o citado acima, no Brasil, as táticas integracionistas pretendem diluir os processos identitários africanos nos modos de atuação caucasiano na intenção de formar um "curral" de homens pretos e afrodiaspóricos com máscaras brancas, que não questionem, que não pensem, que apenas obedeçam aos "senhores" neocolonizadores. O entendimento massificado e pluralista de que "todos somos humanos" e que "no Brasil todos têm o pé na

senzala" – frases proferidas pelo senso comum –, tem sido um dos sustentáculos contra as políticas de cotas raciais, isso pois dá ao preto a possibilidade de ocupar espaços a ele secularmente negado. Pautado no imaginário de que "todo brasileiro têm o pé na senzala", caucasianos têm se apossado da política pública de cotas raciais - Lei 12.711, de 2012 (BRASIL, 2012) que reserva no mínimo 50% das vagas em universidades e institutos federais para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas.

É preciso reconhecer que nas frases entre aspas há introjetada uma concepção de negação do racismo enquanto estrutura atuante na e da sociedade e da existência de uma certa "normatização" às negligências sociais implicadas a comunidade preta e afrodiaspórica. O imaginário que tem sustentado a narrativa de que "todos, somos iguais" é o mesmo que tem feito frente às políticas públicas afirmativas para a população negra – pretos e pardos (IBGE, 2020), uma vez que dentro dessa ceara não há o porquê da existência de ações afirmativas para grupos específicos visto que "todos são iguais". Todavia, dados relacionados a educação, saúde, moradia e emprego têm demostrado a disparidade na tratativa entre caucasianos e pretos pelo Estado de modo que a derrubar a concepção de auto-esforço pregada pelos meritocratas.

Apesar da implementação das políticas de cotas raciais, ainda persistem violações aos direitos dos pretos e afrodiaspóricos no que tange o acesso ao ensino superior perpetradas pelos caucasianos. O caso da Universidade de São Paulo (USP) ilustra essa violação ao investigar 193 denúncias de fraudes à política pública de cotas raciais de candidatos a vagas na USP suspeitos de ter mentido na autodeclaração para pretos, pardos e indígenas entre 2017 e 2021 (MELLO, 2021) apesar de, em conformidade com a política de cotas raciais, estabelece-se:

> Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.
> Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) per capita [...]
> Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas e por pessoas com deficiência, nos termos da legislação, em proporção ao total de vagas no mínimo igual à proporção respectiva de pretos, pardos, indígenas e pessoas com deficiência na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.[...]
> Parágrafo único. No caso de não preenchimento das vagas segundo os critérios estabelecidos no caput deste artigo, aquelas remanescentes deverão ser completadas por estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (BRASIL, 2012).

Mello (2021) menciona ainda que entre os anos de 2017 e 2021 que foram recebidas cerca “[...] 381 denúncias de fraude. Dessas, 160 foram descartadas e 27 não tiveram andamento porque os próprios alunos cancelaram a matrícula. Em 2020, uma matrícula no curso de relações internacionais foi invalidada por fraude nas cotas [...]” (MELLO, 2021).

Em síntese, o sujeito caucasiano finge que faz parte dos grupos marginalizados apenas para vilipendiar os direitos por estes adquirido na intenção de obter certas vantagens. Ora, é interessante como caucasiano racializador não possui coerência em suas afirmações da não existência de racismo no país, uma vez que vendo a possibilidade, de modo vil e sorrateiro, se utiliza de uma política pública de ação afirmativa, como a Lei 12.711, de 2012 (BRASIL,2012) para usurpar o acesso à universidade pelo grupo étnico-racial que operacionalizou e resistiu para a citada política pública pudesse existir. Outro ponto que reforça a falta de coerência no discurso do caucasiano racializador é o fato de que mesmo não se reconhecendo racista acessar de modo escuso as políticas públicas destinadas à pretos e afrodiaspóricos no campo da educação insistindo na narrativa falaciosa da meritocracia enquanto política de garantias de direitos sociais. O ponto fulcral da questão é que o caucasiano colonizador não está preocupado com a política do “esforço” para a manutenção e garantias de direitos sociais, mas da manutenção e perpetuação de seus privilégios.

Figura 1: Lucas Soares Fontes acusado se “caracteriza” de “negro” na intenção de fraudar o sistema de cotas raciais no Brasil.



Fonte: Rede Globo (2019)

Em matéria exibida pelo programa de televisão Fantástico (2011) da Rede Globo de Televisão, Lucas Soares Fontes (24 anos) – homem caucasiano de olhos claros, foi exonerado do cargo de Técnico em Seguro Social do Instituto Nacional de Seguro Social – INSS da cidade de Juiz de Fora – Minas Gerais por ter forjado suas características físicas na intenção de se parecer “negro” para ter acesso a política pública de cotas raciais garantida na forma da Lei

12.990/14, que destina um quinto das vagas de concursos públicos para negros e pardos (BRASIL, 2014). Lucas Soares Fontes, natural da cidade de Valença, Rio de Janeiro, estudou na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde também ingressou sistema de cotas destinados a alunos negros. (FANTÁSTICO, 2019).

Fora dessa anormalidade, afirma-se que o Brasil adotou o padrão estético caucasiano em suas instituições, resultando em um "selo de qualidade caucasiano" que distingue o que é considerado "bom" do que é "ruim". No Brasil, ao contrário do Haiti, as estruturas sociais não mostraram muito interesse em desmantelar os esquemas racistas enraizados desde a época colonial. O colorismo é étnico-racial e se baseia na proposta de miscigenação para melhorar geneticamente as "raças" não caucasianas, tornando o sujeito não caucasiano "menos ruim". No Brasil, o processo de miscigenação ocorreu com violência física e simbólica contra povos indígenas e africanos, resultando em um sistema secularmente desenvolvido e operado pelo poder caucasiano hegemônico que poderia ser ilustrado no Brasil também por meio da experiência das bonecas realizada pelos psicólogos Mamie Phipps Clark e Kenneth Clark nos Estados Unidos.

As Bonecas de Clark e Clark como reflexo do Racismo Estrutural no Brasil

Os psicólogos norte-americanos, Mamie Phipps Clark e Kenneth Clark, desde 1939 começaram a desenvolver testes empíricos com a utilização de figuras na intenção de provar que a "raça" é uma parte integrante da e na identidade de uma criança. Em uma publicação, os pesquisadores constataram, no estudo as mazelas, que a inferiorização e a subalternização das identidades africanas e afro-americanas causam na formação (humana, subjetiva e intelectual) da criança preta (CLARK; CLARK, 1940). Se propôs na pesquisa sobre a gênese e desenvolvimento de identificação racial e da racialização compreender como se estabelece a formação da autoconsciência em crianças negras.

O estudo envolveu a participação de 253 crianças afrodiaspóricas dos Estados Unidos da América com idades entre 3 e 7 anos, provenientes de escolas públicas. Dentre essas crianças, 134 frequentavam escolas públicas nas cidades de Hot Springs, Pine Bluff e Little Rock, no estado de Arkansas, enquanto 119 eram oriundas de escolas públicas em Springfield, no estado de Massachusetts. Conforme indicado pelos pesquisadores, todas essas crianças não tinham experiência em escolas que promoviam a diversidade racial, ou seja, escolas mistas (CLARK; CLARK, 1940). O experimento foi conduzido da seguinte maneira: os cientistas apresentaram às crianças bonecas de pele negra e branca (CLARK; CLARK, 1940).

As crianças foram introduzidas a quatro bonecas, todas idênticas em cada aspecto, exceto pela variação na tonalidade da pele. Duas dessas bonecas exibiam tons marrons com cabelos pretos, enquanto as outras duas apresentavam tons brancos com cabelos amarelos. Naquela época, as bonecas de cor negra precisaram ser pintadas de marrom, devido à ausência de brinquedos que representassem bebês afro-americanos. Na configuração experimental dos pesquisadores, as bonecas estavam desprovidas de roupas, com exceção de fraldas brancas. A disposição da cabeça, mãos e pernas nas bonecas era uniforme. Para metade dos participantes, as bonecas foram introduzidas na seguinte sequência: branca, colorida, branca, colorida. Para a outra metade, a ordem de apresentação foi invertida. Conforme indicado dos pesquisadores:

> Os sujeitos foram solicitados a responder às seguintes solicitações escolhendo uma das bonecas e entregando-a ao experimentador:
> 1. Dê-me a boneca com a qual você gosta de brincar – gosta mais.
> 2. Dê-me a boneca que é uma boneca legal.
> 3. Dê-me a boneca que parece má.
> 4. Dê-me a boneca de uma cor bonita.
> 5. Dê-me a boneca que parece uma criança branca.
> 6. Dê-me a boneca que parece uma criança colorida.
> 7. Dê-me a boneca que parece uma criança negra.
> 8. Dê-me a boneca que parece com você (CLARK; CLARK, 1940, p. 169).

De acordo com os autores, as requisições de 1 a 4 foram concebidas para revelar preferências, enquanto as de 5 a 7 visavam indicar conhecimento de "diferenças raciais". A solicitação 8 tinha como propósito evidenciar autoidentificação. Na configuração experimental, foi necessário introduzir inicialmente as solicitações de preferência. Isso se deveu ao fato de uma investigação preliminar ter destacado que crianças que já se identificaram com a boneca colorida tendiam a manifestar uma preferência pronunciada por essa boneca (CLARK; CLARK, 1940). Contudo, isso não representava necessariamente uma expressão autêntica de preferência real, mas sim um reflexo do envolvimento do ego. Essa possível distorção dos dados foi mitigada ao instruir as crianças a indicarem suas preferências antes de realizar identificações com uma das bonecas.

Neste âmbito, o resultado do estudo foi o seguinte: 67% das crianças preferiam a boneca branca para brincar; 59% diziam que as bonecas brancas eram as bonitas; 60% diziam que as bonecas brancas tinham uma cor bonita; e 50% das crianças diziam que as bonecas negras pareciam más (CLARK; CLARK, 1940). Há registro fotográfico do teste, onde o psicólogo Kenneth Clark (1939) apresenta a opção para um menino afro-americano da escolha entre duas bonecas, uma branca e outra preta. Feita a escolha, o estudioso o questiona sobre os motivos assim como expostos nas perguntas supramencionadas. Os pesquisadores narram que, durante o estudo, quando a criança optou pela boneca. Anotaram que:

> A rejeição da boneca preta e a preferência pela boneca branca, quando explicadas, foram explicadas em termos bastante simples e concretos: para a preferência pela boneca branca – 'porque ela é bonita' ou 'porque ela é branca', para a rejeição da boneca preta – 'porque ela é feia' ou 'porque não parece bonita' ou 'porque ela é preta' ou 'tem preto nela' (CLARK; CLARK, 1940, p. 178).

Figura 2: Kenneth Clark durante a pesquisa *"O desenvolvimento da consciência em crianças negras de idade pré-escolar"* (1939)



Fonte: Reprodução

A notável experiência conduzida pelos psicólogos norte-americanos Mamie Phipps Clark e Kenneth Clark a partir de 1939, ao utilizar bonecas para investigar a percepção racial em crianças pretas, oferece conteúdos valiosos que transcendem fronteiras geográficas e temporais. Ao aplicar esse método no contexto brasileiro, é possível vislumbrar paralelos significativos na estruturação do racismo e na polarização social. A pesquisa revela a influência profunda da representação racial na formação da identidade e autoestima, ressaltando a importância de examinar as manifestações do preconceito em diferentes contextos. Dessa forma, a análise da experiência com as bonecas não apenas contribui para compreender a dinâmica social nos Estados Unidos, mas também lança luz sobre a complexidade da realidade brasileira, proporcionando uma perspectiva enriquecedora para explorar a base do racismo e suas ramificações na sociedade brasileira.

Robustecendo o mencionado acima (CLARK; CLARK, 1940) e entendendo isso na sociedade brasileira, o racismo e a racialização são apresentados por alguns estudiosos como uma ideologia estrutural e que se apresenta de forma multifacetada. Nessa seara, Almeida (2020) e Oliveira (2021) evidenciam o racismo enquanto uma estrutura social fundada em todos os campos da sociedade brasileira (público e privado). Partindo de uma realidade mais próxima,

e associando-o aos estudos de Clark e Clark (1940) a produção cinematográfica "*Xuxa, o Documentário"* (2023) dirigido por Pedro Bial; Cássia Dian e Mônica Almeida evidenciou a influência de um padrão estético que vigorava entre os anos de 1990, certificado o que se menciona nesse estudo enquanto o "selo de qualidade caucasiano", e que se estende até os atuais dias. A apresentadora Maria da Graça Xuxa Meneghel – mulher caucasiana, menciona na produção que para aquele momento suas paquitas – assistente de palco, deveriam atender a padrão estético, sendo elas loiras e olhos claros (BIAL; DIAN; ALMEIDA,2023). Isto é uma realidade bem distante da população brasileira conforme aponta o IBGE (2020).

Figura 3: Xuxa e suas Paquitas



Fonte: Globoplay (2023)

O citado caso reforça o que menciona Almeida (2020) sobre o racismo atuar de modo estruturante na sociedade brasileira. O racismo/racialização estrutural se expande pelos diversos campos e áreas sociais e se apresentam de modo híbrido e multifacetado (racismo religioso, racismo geográfico, racismo cibernético, entre outras) de acordo com o espaço, tempo, sujeitos e intencionalidade do racializado. Almeida (2020, p. 21) menciona que "[...] o racismo fornece sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea". O debate acerca do impacto do racismo estrutural na sociedade brasileira torna-se ainda mais urgente quando direcionamos nosso olhar para a universidade. Nessa direção, ao explorarmos o significado do termo "universidade" que vem do latim "universĭtas", denotando universalidade, totalidade", nos deparamos com a disparidade no processo de universalização dos saberes que ainda não chegou de modo igualitário para os

pretos e afrodiaspóricos como aponta a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2020).

Posto isso, é preciso reforçar que no país, o preto e o afrodiaspórico têm sido circundados por imagéticas racializatórias de degeneração. Na canção da Música Popular Brasileira - MPB, ao de mencionar: “Brasil! Meu Brasil brasileiro. Meu mulato inzoneiro” (BARROSO, 1939), o compositor explicita o imaginário da figura do mestiço e do “mulato” enquanto inzoneiro (preguiçoso, manhoso e sonso). Ainda na citada canção é possível compreender a mestiçagem enquanto resultado de um fenômeno “harmônico”. Barroso (1939), seguindo as teses de Freyre (1933) que propõe a acepção de uma harmonia social ficcional, pautada nas benesses vindas dos caucasianos e nas mazelas oriundas dos africanos.

No século XIX, os preconceitos em relação a diversas raças, especialmente em relação às pessoas negras, intensificaram-se na Europa, o continente dos invasores e colonizadores da África e da América. Essa intensificação foi alimentada por alguns pseudo-cientistas europeus, como o alemão Franz Josef Gall e Johan Spurzheim (1810) e o francês Arthur de Gobineau, que tentaram conferir legitimidade científica, direta ou indiretamente, à noção de raça por meio de pesquisas em medicina e em outros campos das ciências da saúde. Assim, em seus estudos sobre as características cranianas das diferentes raças humanas, os alemães buscavam demonstrar até que ponto “as formas das cabeças e crânios de humanos e animais podem ser usadas para determinar as funções das diversas partes cerebrais” (GALL; SPURZHEIM, 1818, p. II). Gall inventou um campo de estudo denominado de *organologia*, mas popularizado no nome de frenologia por Spurzheim, visto como estudo da conformação do crânio como indicativo das faculdades mentais e traços de caráter.

Os autores alemães tentam estabelecer algumas diferenças na anatomia entre o que chamam de “os negros” e os europeus, destacando, “Os crânios dos negros são frequentemente espessos e pesados” (GALL; SPURZHEIM, 1818, p. 24). Os autores argumentam que: "Os negros parecem também pouco inclinados ao roubo, o que está de acordo com a organização deles" (GALL; SPURZHEIM, 1818, p. 291). Afirmam que: “Encontramos o órgão do amor pela prole geralmente mais desenvolvido em algumas nações do que em outras. Observa-se que ele é geralmente muito desenvolvido nas mulheres negras, também o infanticídio é quase inédito entre esse povo” (GALL; SPURZHEIM, 1818, p. 156). Gall afirmou também que:

> [...] geralmente se atribui aos negros músculos mastigatórios mais fortes do que aos europeus; bem, os negros têm essa região também achatada, outros fisiologistas não deixaram de dizer que esse achatamento provém da ação dos músculos mastigatórios, tão vigorosos nos negros (GALL; SPURZHEIM, 1818, p. 33).

Por sua parte, Gobineau aborda diversas características, como a pigmentação da pele, coloração e textura capilar, assim como a forma e dimensões do crânio, associando-as a atributos psicológicos, intelectuais, morais, entre outros. Ele apresentou a raça negra como inferior em comparação à raça ariana e essas ideias resultam em uma classificação hierárquica de valores entre diferentes raças ou grupos humanos (GOBINEAU, 1884). Dessa forma, Gobineau seguiu o caminho delineado pelos alemães, estabelecendo os princípios da frenologia baseados em perspectivas pseudocientíficas. Nessa visão, as degenerações "raciais" são associadas à crença de que quanto mais evidentes são os traços negroides" de um indivíduo, maior é sua degeneração nos aspectos biológico, mental, epistêmico e subjetivo.

A frenologia é considerada como pseudociência hoje em dia, após esforços para fornecer evidências contra suas teorias que relacionavam o nível de inteligência de uma pessoa ao volume de seu crânio. Já no século XIX, o Haiti destacou-se do discurso que inferiorizava o negro e desenvolveu um discurso liberal que considerava o negro como um ser civilizado (PIERRE, 2022). Dentre esses esforços, destacam-se os intelectuais haitianos do século XIX, dentre eles: o famoso antropólogo Anténor Firmin e o médico Louis Joseph Janvier. Aliás, antes mesmo da publicação da tese racista de Gobineau, o autor haitiano Baron de Vastey já se apresentava como um defensor fervoroso da raça negra em 1814, ao abordar as raízes do problema. Destacou a invenção da raça e a afirmação de raça branca como superior, exploração das raças ameríndias e africanas, e por fim, a dizimação da raça ameríndia, como os três maiores crimes cometidos pelos europeus (VASTEY, 1814). Janvier apresentou o Haiti como um farol para todos os povos negros e também para todos os afrodescendentes do mundo (JANVIER, 1882; 1883). Por sua parte, Firmin argumentava o oposto da tese de Gobineau ao tentar mostrar que todos os homens possuem as mesmas qualidades e os mesmos defeitos, sem distinção de cor ou forma, e que as raças são iguais (FIRMIN, 1885).

Apesar desses esforços de desconstrução, as teses dos intelectuais haitianos do século XIX não encontraram eco e não alcançaram o resultado esperado no campo dos defensores do racismo científico. Pelo contrário, os autores haitianos, especialmente Antenor Firmin, foram ridicularizados pelos intelectuais frenologistas, bem como pelo restante da sociedade de predominância caucasiana da época, por afirmarem que todas as raças humanas eram iguais. Nesse sentido, a frenologia trilhou seu caminho e exerceu influências sobre as sociedades, cujas consequências ainda se refletem nas realidades sociais atuais, especialmente no Brasil. É importante notar que, na época da publicação dos intelectuais haitianos, a escravidão ainda não havia sido abolida no Brasil. Com o fim da escravidão, o Brasil passou a definir políticas

públicas de embranquecimento de sua população, inspiradas pelos frenologistas, visando melhorar a nação, cujas consequências são o empardecimento e as diversas manifestações do racismo estrutural.

Das consequências dessas políticas nesse Brasil a predominância caucasiana, a brancura está associada ao "bem", a "pureza", a benevolência, a "beleza", ao altruísmo e a demais adjetivos positivos. Nessa ceara, indaga-se: Se quanto mais próximo do "preto" se encontra um sujeito, mais degenerado ele se tornará. E se quanto mais próximo da "brancura", mais achegado a virtude. Onde está, e o que é, e quem é o sujeito "pardo" na sociedade brasileira? (AUTORIA. A SER INDICADO POSTERIORMENTE. 2020.).

Discutindo sobre o mencionado acima, "Os Morenos" - nome dado ao grupo de músicos do gênero pagode exemplifica a existência do processo de embranquecimento aplicado a população preta e afrodiaspórica. Tal compreensão se dá, uma vez que o grupo é formado por homens com fenótipos e genótipos resultantes do processo miscigenação entre pretos e caucasianos. Existe no campo da semiótica das visualidades, das plasticidades e da linguagem a substituição do termo preto por "negro" ou "moreno" na intenção de proliferar o imaginário de "melhorando" étnico-racial e da imagem que se pretende propagar e apresentar para a sociedade. Mesmo que de modo inconsciente os preceitos frenologicos estão enraizados em nossa sociedade. [ver imagem abaixo]

Figura 4: Os Morenos – Grupo de pagode



Fonte: Reprodução

Para robustecer o mencionado acima, Fanon (2008) afirma de modo cirúrgico que as influências caucasianas sob os espaços e sujeitos pretos e da diáspora africana conduzem as citas masculinidades e seus modos de atuação para uma práxis embranquecida e por

consequência, para o seu desligamento da cosmologia, ontologia e epistemologia ancestral africana. O racismo e a racialização tem atuado sobre a identidade do preto e do afrodiaspórico partindo de uma ideologia gestada pelo e para o caucasiano colonizador manter seus privilégios sociais e políticos.

Por tanto, quando os homens pretos e da diáspora africana se distanciam da *Água Abissal* de *Nut* e da cosmovisão ancestral africana (MALOMALO, 2021) para se aproximarem dos "padrões de qualidade caucasiano" tornam-se sujeitos passíveis de dominação. Esse deslocamento identitário se ampara nos procedimentos clínicos e estéticos em comunhão as práticas ideológicas que legitimam seu pertencimento africano/afrodiaspórico o que Frantz Fanon (2008) denomina de "máscaras brancas".

O citado fenômeno em que as masculinidades pretas passam a performar os "padrões de qualidade caucasiano" é conhecido pelo senso comum como o *"preto de alma branca"*. A sociedade brasileira reconhece o *"preto de alma branca"* como sendo aquele preto e afrodiaspórico que passa a assumir o *ethos* como seu, mesmo que o faça na intenção de sentir-se aceito. Todavia, é preciso enfatizar o *"preto de alma branca"* ao cometer um ato considerado falho, ou um erro terá a sua identidade preta e afrodiaspórica desvelada. Vê-se o citado com frequência na frase " *tinha que ser preto*"!, isto é, ditado popular racista/raciológico utilizado no Brasil para se referir a um sujeito preto ou afrodiaspórico quando esse comete um erro. Percebemos isso como a versão atualizada da frenologia na sociedade brasileira que sempre tentou a inferiorizar "o preto". O citado termo se refere a atos e ações realizadas erroneamente. Dentro do imaginário racista/racializador e frenológico o "preto" é visto como o propagador de atos e ações erronias, deste modo quando um sujeito comete um erro, ao mencionar "tinha que ser preto", é o mesmo que imprimir ao preto a condição de causador do erro.

O Pardo nas Obras de Maxwell Alexandre

O sujeito pardo – oriundo da miscigenação entre pretos/afro diaspóricos e caucasianos europeus ou de seus descendentes fixam-se num campo que compreendemos como entre lugar de ser preto/afrodiaspóricos e ser caucasiano. Nessa direção, o célebre artista contemporâneo da linguagem visual, Maxwell Alexandre. Vive e trabalha na favela da Rocinha na cidade do Rio de Janeiro. Criado em berço evangélico, o artista serviu o exército e foi patinador de Street profissional durante 12 anos. Graduou-se em design por uma universidade católica, a PUC-Rio,

no ano de 2016. Em 2018, teve reconhecimento da Arquidiocese e recebeu o prêmio São Sebastião de Cultura. Maxwell considera suas obras orações e seu ateliê um templo. Sua jovem carreira tem reconhecimento internacional. Traz a questão do pardo e do colorismo étnico-racial em uma série de obras denominada *"Pardo é Papel"* (2019). Andrade (2021), sobre a mencionada série em entrevista para Fundação Iberê Camargo, menciona que:

> "[...] o desígnio pardo encontrado nas certidões de nascimento, em currículos e carteiras de identidades de negros do passado, foi necessário para o processo de redenção, em outras palavras, de clareamento da nossa raça. Porém, nos dias de hoje, com a internet, os debates e tomada de consciência e reivindicações das minorias, os negros passaram a exercer sua voz, a se entender e se orgulhar como negro, assumindo seu nariz, seu cabelo, e construindo sua autoestima por enaltecimento do que é, de si mesmo. Este fenômeno é tão forte e relevante, que o conceito de pardo hoje ganhou uma sonoridade pejorativa dentro dos coletivos negros. Dizer a um negro que ele é moreno ou pardo pode ser um grande problema, afinal, Pardo é Papel", ressalta o artista (ANDRADE, 2021, s/p).

Partindo do que menciona Maxwell Alexandre (2021, s/p) infere-se que o "pardo" comunga das benesses do *status quo* de brancura (mesmo que nem tão branco) e padece com as negligencias e mazelas sociais, entre elas o racismo destinado aos pretos e afrodiaspóricos retintos. O conceito sociológico e político do que venha ser a identidade "pardo" emerge em divergência entre os aquilombados e estudiosos de raça e racismo, e tem sido discutido com maior ênfase nas três últimas décadas dentro das três rodas de resistência preta e afrodiaspórica (religiões de matrizes africanas, capoeira e o samba) e na academia pela comunidade de intelectuais pretos e afrodiaspóricos (retintos, e/ou de pele clara). As questões citadas acima, são transportadas por Maxwell Alexandre para o campo das artes plásticas, conforme pode-se observar a seguir:

Figura 5: Maxwell Alexandre. O mundo é nosso, da série Pardo é Papel, 2018-2019 graxa sobre papel pardo 320 x 1440 cm coleção do artista. 1990.



Fonte: Fundação Iberê Camargo, 2020

Na obra acima "O mundo é nosso, da série Pardo é Papel" Maxwell Alexandre aporta uma crítica a homogeneização social implicada pelas concepções globalistas que em seu amago

possui características hegemônicas branqueadoras. Outro ponto que pode ser discutido a partir da citada obra é a massificação que o racismo impõe aos pretos e afrodiaspóricos de que “todo preto/afrodiaspórico” é africano ou de que todo preto e afrodiaspórico possui “parentesco africano”. Isso ocorre, pois para o caucasiano ocidental o africano e afrodiaspórico se distanciam da humanidade e se aproximam de uma concepção seriada, assim como os produtos fabris (AUTORIA. A SER INDICADO POSTERIORMENTE. 2020.).

Já na obra “Pardo é Papel” o artista plástico faz uma crítica ao empardecimento da sociedade brasileira colocando em voga o apagamento das identidades pretas ancestrais. Costumeiramente, os estudantes de ensino fundamental, ao solicitarem um lápis para pintar uma figura humana mencionam a cor ocre como sendo a “cor de pele”. Mas, o que seria a “cor de pele”? Questiona-se nesse sentido, a citada “cor de pele” enquanto uma cor determinada pelo poderio hegemônico como sendo uma “cor” que atende aos “padrões caucasianos de qualidade”, bem distante do marrom, que se associa ao “preto”, por tanto ao que não é “belo” nem “bom”. Isso pois, uma vez que dominado o poder sobre o capital, a cultura e os habitus, o caucasiano imprime sua marca como onipotente (AUTORIA. A SER INDICADO POSTERIORMENTE. 2020).

Figura 6: Maxwell Alexandre. Obra sem título, da série Golden Shwe | Pardo é Papel, 2019 látex, betume e acrílica sobre tela 100 x 250 cm de coleção particular. 1990.

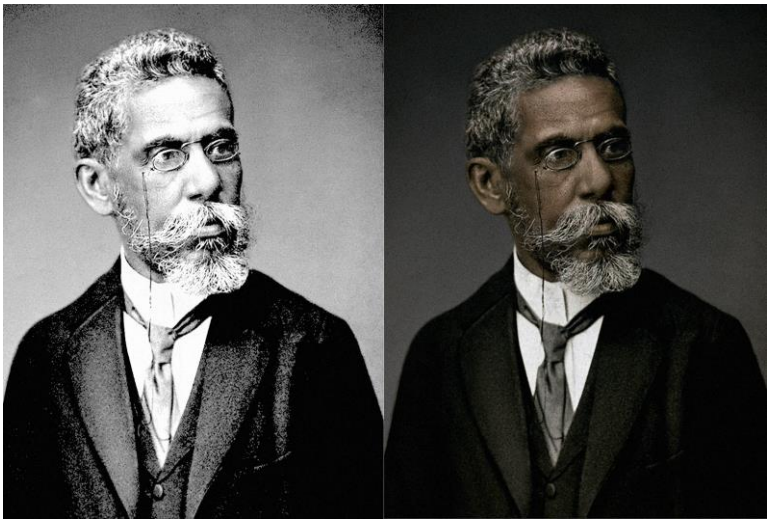


Fonte: Fundação Iberê Camargo, 2020

Sobre isso, é preciso reforçar que a identidade preta e afrodiaspórica tem sido negligenciada e invisibilizada socialmente. Sendo assim, pouco se vê pretos em espaços de liderança e poder. Posto isso, esse artigo desenvolvido por dois pesquisadores retintos, um africano e um africano em diaspórica, vai na contramão da estrutura racializadora que desconsidera o homem preto e afrodiaspórico incapaz produzir saberes, conhecimento e de

problematizar suas próprias questões. Nessa propositura, Machado de Assis (1839-1908), renomado escritor e poeta brasileiro, homem afrodiaspóricos de pele clara teve sua identidade embranquecida e sua subjetividade enquanto homem afrodiaspórico silenciada. O embranquecimento de Machado de Assis percorre um campo de sistematização da negação do povo preto e afrodiaspórico em se reconhecer intelectual. No campo da educação e da construção de saberes, o colorismo tem se manifestado através de práticas discriminatórias e estereotipadas que excluem e marginalizam o homem preto retinto enquanto intelectual, tornando-se esses, vozes silenciadas em um espaço hegemônico como a academia. O processo de embranquecimento de Machado de Assis foi o objeto de estudo da pesquisadora Lucia Miguel Pereira (1936).

Figura 7: *Machado em dois momentos: em foto de 1893 atribuída a Juan Gutierrez (esquerda) e em foto encontrada em uma edição da revista argentina "Caras y Caretas" de 1908 Foto: Reprodução / Agência O GLOBO*



Fonte: Reprodução

Quanto ao ato de silenciar Machado de Assis e outros homens negros e afrodiaspóricos no campo empírico, é crucial abordar o epistemicídio e a supressão da voz do homem preto e da diáspora africana com a devida responsabilidade, reconhecendo a gravidade de seus impactos na vida do indivíduo negro e afrodiaspórico do sexo masculino, em sua comunidade e na sociedade em geral. Desde a infância, esses homens se deparam com a imposição do silêncio por parte do poder hegemônico caucasiano em relação à sua identidade, corporalidade e subjetividade (AUTORIA. A SER INDICADO POSTERIORMENTE. 2020.).

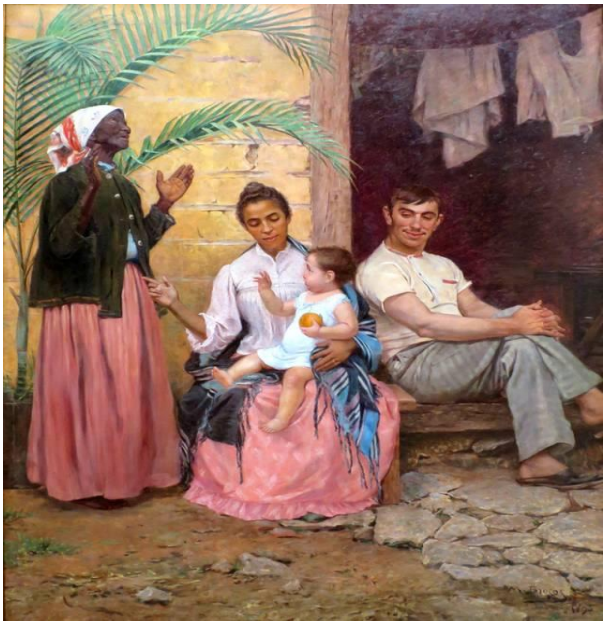
O que afirma (NOME AUTORIA. A SER INDICADO POSTERIORMENTE. 2020) remonta um passado não tão distante onde os homens africanos e afrodiaspóricos cativos tinham

suas bocas presas por instrumentos de tortura para que não se alimentassem e bebessem, os citados instrumentos eram conhecidos como máscaras de falandres. Realidade essa que se mantém nos presentes dias, porém por vias mais "sofisticadas" com o uso das novas tecnologias da informação e comunicação que tem sido espaço onde o racismo tem se proliferado de modo tenaz. É nessa direção que Machado de Assis e outros alquimistas da palavra pretos e afrodiaspóricos transmutam a palavra sólida do silenciamento e do epistemicídio para o estado líquido de resistência quilombistas, fazendo-a escorrer por todos os campos da sociedade, fazendo alarde ao maior número possível dos nascidos da *"Água Abissal*" de *Nut* o (MALOMAL,2021) que retornem a suas origens.

Por tanto, "[...] é triste não ser branco" escreveu Lima Barreto (1881-1922)[8] em seu "*Diário íntimo"*, que de modo resumido confidência as dores da racialização (BARBOSA, 1952, p. 144), mesmo sem conseguir transpor para palavra escrita o que vem a ser um homem preto e afrodiaspórico em uma sociedade racista como a brasileira. Lima Barreto, um dos maiores nomes da literatura brasileira assim como Machado de Assis foi vítima dos processos racializatórios. Retomando a discussão sobre o embranquecimento, a obra "*A Redenção de Cam"* (1895) do pintor espanhol Modesto Brocos traz uma análise crítica por meio da poética visual sobre o colorismo no Brasil. Sobre a citada obra, Lotierzo e Schwarcz mencionam que a pintura reforça a história do "negro" passada "[...] a branco, na terceira geração, por efeito do cruzamento de raças" (LOTIERZO; SCHWARCZ, 2013, p.3).

Figura 8: "A Redenção de Cam" (1895) do espanhol Modesto

[8]Lima Barreto (1881-1922) foi um importante escritor brasileiro da fase Pré-Modernista da literatura. Sua obra está impregnada de fatos históricos e de uma perspectiva da sociedade carioca. Analisa os ambientes e os costumes do Rio de Janeiro e faz uma crítica à mentalidade burguesa da época. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lima_barreto/ . Acesso em: 30 de abril 2023.



Fonte: Reprodução

A ideologia raciológica imputa que o africano transmite a escuridão (disfunção de caráter, degeneração, entre outros) para seus descendentes enquanto o europeu lhe abençoa com a luz (hombridade, virtudes, entre outros). Mesmo sem relevância científica, mas na função de parlamentar da República Federativa do Brasil, o pastor e deputado federal pelo Rio de Janeiro Marco Antônio Feliciano (2011)[9] afirma que:

> Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé. Isso é fato. O motivo da maldição é a polêmica. Não sejam irresponsáveis twitters rsss [...] sobre o continente africano repousa a maldição do paganismo, ocultismo, misérias, doenças oriundas de lá: ebola, Aids. Fome [...] sendo possivelmente o 1º. Ato de homossexualismo da história. A maldição de Noé sobre canaã toca seus descendentes diretos, os africanos [sic] [...] (FELICIANO, 2011).

O parlamentar Marco Feliciano, caucasiano, em entrevista dada sobre a repercussão de sua postagem na rede social mencionou que "[...] o problema do continente africano é espiritual e se vence com oração. Isso poderia ter acontecido com outro continente, mas foi lá. Eu apenas

[9]Formado em "[...] Teologia, Faculdade de Educação Teológica Logos, São Paulo, SP, 1993; Bacharelado, Doutorado em Filosofia Cristã, Faculdade de Educação Teológica, São Paulo, SP, 2008; Pós-Doutorado em Filosofia Cristã, Faculdade de Teologia e Ensino Superior do Pará, 2010. ". Fonte: CAMARA. Deputados do. PR. Marco Feliciano. Disponível em: https://www.camara.leg.br/deputados/160601/biografia Acesso em :13 mar.2023

citei um texto que é teológico para quem quiser aprender. O resto é maldade das pessoas" (BRESCIANI, 2011).

Figura 9: Twitte (atual X) do pastor e deputado Marco Feliciano



Fonte: Reprodução

O conhecimento científico afirma que os africanos (e indígenas), tiveram seus territórios invadidos, seus bens e conhecimentos usurpados, tiveram parte de seus familiares assassinados e estuprados e foram impostos ao trabalho escravo (SCHWARCZ, 1987). O que afirmou Feliciano (2011) reitera que estamos sob um

> terreno que opõe estrutura e história, e é talvez nesse gancho que a 'história da cultura' se separa de uma 'antropologia cultural'. Ou seja, em vez de exclusivamente focar o processo de construção e desconstrução de sentidos, em sua referência ao contexto em que se insere, talvez o desafio seja insistir nas 'persistências', no diálogo que a cultura trava e em como atravessa explicações apenas pontuais. Fazer uma história recortada por problemas e conceitos talvez nos leve a repensar a dimensão estrutural e a estourar a noção de cultura; reconhecer a existência de valores de permanência, que sobrevivem à infra-estrutura mais imediata e dialogam, re-significados, em outros contextos (SCHWARCZ, 1995).

O que menciona Schwarcz (1995) faz paralelo com que menciona o estudioso de cultura, o indiano Homi Bhabha (1998) sobre o discurso colonial eurocêntrico afirma que este tipo de narrativa como a proferida pelo pastor e deputado federal Feliciano (2011) emprega um "[...] sistema de representação, um regime de verdade, que é estruturalmente similar ao realismo (BHABHA, 1998, p. 111). Nesse sentido, o que está desassociado do padrão imposto pelo caucasiano será desconsiderado, ou negado.

Conclusão

O presente estudo que se propôs a navegar pelas águas pantanosas da discussão sobre o colorismo e empardecimento da população africana e afrodiaspórica no território brasileiro durante o período colonial (século XVI e o início do XIX) se estendendo até os atuais dias. O estudo constatou a invisibilidade da identidade preta e indígena na sociedade brasileira por meio dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019) e pelos estudos dos psicólogos norte-americanos Mamie Phipps Clark e Kenneth Clark (1939) que comprovaram as influências negativas das práticas racistas na formação (humana, subjetiva e intelectual) da criança preta. O racismo/racialização imputa a criança preta/afrodiaspórica uma concepção subalterna e degenerada sobre si mesma, fazendo-a desenvolver um processo de negação a sua identidade africana. (CLARK; CLARK 1947).

Direcionado à discussão sobre o branqueamento da população africana/afrodiaspórica por meio da miscigenação e do surgimento do sujeito "pardo", o cruzamento de dados do IBGE (2020) com as teses dos pesquisadores Clark e Clark (1947) percebe-se a existência de dubiedade nas condições sociais entre homens pretos e afrodiaspóricos. O estudo ainda possibilitou comprovar que a identidade africana e suas diásporas são repletas por estigmas subalternos que se enraízam na subjetividade do sujeito de pele retinta (CLARK; CLARK 1947).

Demostrou-se ao longo do presente estudo a existência de diferentes compreensões vinda da comunidade cientifica e sociedade brasileira sobre o que venha ser a identidade "parda". Originária da miscigenação étnico-racial entre caucasianos e africanos/afrodiaspóricos, a identidade "parda" tem sido tema discussão entre comunidade preta/afrodiaspórica uma vez que o poder hegemônico caucasiano tem se utilizado do colorismo como simulacro para a colonização/embranquecimento da população.

O estudo comprovou o processo de embranquecimento da população africana e afrodiaspórica no Brasil atuando no campo da linguagem. Nessa seara, terminologias que conotem certa avidez, atuar como subterfúgio para a negação da identidade africana do preto/afrodiaspóricos de pele clara. Sendo assim, o processo racializatórios tem firmado a avidez enquanto *status quo* de benesses e a identidade preta como sua antítese. Posto isso, indaga-se se o "pardo" não está próximo o bastante da avidez para ser caucasiano o bastante, nem retinto o bastante para ser preto, o que esteve vem a ser enquanto identidade?

Referência

ALEXANDRE, Maxwell. **Maxwell Alexandre:** pardo é papel. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2020. Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de 17/10/2020 a 17/01/2021.

AUTORIA. A ser indicado posteriormente. 2020.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de**. Racismo Estrutural**. São Paulo: ed. Jandaíra, 2020.

BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil, Intérprete: Francisco Alves com Radamés e sua Orquestra. 1939. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hPKO8CKOEZg&ab_channel=EduardoPazFraga Acesso em: 10 dez. 2023.

BARRETO, Lima, 1881-1922. **Contos completos**: Lima Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

BERNARDINO-COSTA, Joaze.; MALDONADO-TORRES, Nelson.; GROSFOGUEL, Ramón. (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 12 out. 2023.

BRESCIANI, Eduardo. No Twitter, deputado diz que africanos são amaldiçoados. **Exame**, 31. mar. 2011. Disponível em: https://exame.com/tecnologia/no-twitter-deputado-diz-que-africanos-sao-amaldicoados/ Acesso em: 30 de abril 2023.

BRASIL. **Lei n. 12.990, de 9 de junho de 2014.** Diário Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, n. 109, 10 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12990.htm . Aceso em: 12 0ut. 2023.

BOURDIEU, P. **Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Cabila**. Oeiras: Celta Editora LDA, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo/Porto Alegre: Edusp/Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva S.A, 2005.

.

CLARK, Mamie Phipps : CLARK, Kenneth. Racial identification and preference in negro children. **Journal of Social Psychology**, v. 11, 1940, pp. 169-178.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

FANTÁSTICO. Investigação mostra como homem burlou sistema de cotas em concursos públicos. **G1**. 10. jun. 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2019/06/10/investigacao-mostra-como-homem-burlou-sistema-de-cotas-em-concursos-publicos.ghtml. Acesso em: 12 out 2023.

FELICIANO, Marco. Africanos descendem de ancestral amaldiçoado por Noé... Twitter, 30 mar. 2011. Twitter: @xyzkdl. Disponível em: http://twitter.com/%&/xxxxxxx. Acesso em: 12 out.2023

FIRMIN, Anténor. De l'égalité des races humaines : anthropologie positive. Paris : Librairie Cotillon F. Pichon Successeur Imprimerie-éditeur, 1885.

JANVIER, Louis Joseph. **Haïti et ses visiteurs**, Paris, Marpon et Flammarion, Libraires-Editeurs l à 9, Galeries de l'Odéon et Boulevard des Italiens, 10, 1883.

JANVIER, Louis Joseph. **Les détracteurs de la race noire et de la République d'Haïti. Réponse à M Léo Quesnel**..., Deuxième Édition, Paris, Marpon et Flammarion, 1882.

GOBINEAU, Arthur de. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. [Vol. 1]. Paris : Librairie de Firmin Didot et Compagnie – Imprimerie de l'Institut, 1884.

GOMES, J. B. O debate constitucional sobre as ações afirmativas. In: SANTOS, R.; LOBO, F. (Org.). **Ações afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONZÁLES, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero LTDA, 1982.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Rio de Janeiro, IBGE, 2020. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/pnad%20continua%20educacao%202019%202.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2021**. Nota: Valores deflacionados para reais médios de 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023

LOTIERZO, Tatiana H. P.; SCHWARCZ, Lilia K. M. Raça, gênero e projeto branqueador: “a redenção de Cam”, de modesto brocos. **Revista Artelogie**, v. 5, 2013. https://doi.org/10.4000/artelogie.5242. Acesso em: 21. Fev. 2023.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MALOMALO, Bass Lelé. Anterioridade E Feitura Da Sociologia Africana. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 13, n. 36, p. 32-60, maio 2021. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/vice/1228>. Acesso em: 28 fev. 2022.

MAXWELL, Alexandre. Maxwell Alexandre. **Pardo é Papel,** [17 out. 2020 /17 jan. 2021]. Fundação Iberê Camargo / Porto Alegre, Brasil. 2021. Disponível em: https://amlatina.contemporaryand.com/pt/events/pardo-e-papel-3/ Acesso em : 12 out. 2023.

MORAIS, Regis de (org.). **Sala de aula:** que espaço é esse? Campinas: Papirus, 1988.

OLIVEIRA, Eduardo Oliveira e. **O mulato, um obstáculo epistemológico**. IN: Argumento. Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: https://pt.slideshare.net/PriscilaSouza19/o-mulato-um-obstaculo-epistemologico. Acesso em: 22 out. 2022.

PIERRE, André. Y. La race noire dans les discours des politiciens et intellectuels du XIXe siècle en Haïti. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, *[S. l.]*, v. 8, n. 2, 2022. Disponível em: https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2014. Acesso em: 22 fev. 2024.

PIPA. **Pipa Prêmio Prize - A Janela para Arte Contemporânea Brasileira**. 2013. Disponível em: https://www.premiopipa.com/maxwell-alexandre/ Acesso em: 21 dez. 2022.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

SCHWARCZ, Lilia M. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SCHWARCZ, Lilia M. **Entre Boas Amigas:** História e Antropologia. Revista USP, São Paulo, v. 21, p. 23-37, 1994.

VASTEY, Pompée-Valentin de. **Le système colonial dévoilé**. Cap Henry, chez P. Roux Imprimeur du Roi, 1814.

WYNTER, Silvia. Unsettling the Coloniality of Being/Power/Truth/Freedom: Towards the Human, After Man, Its Overrepresentation--An Argument. **CR: The New Centennial Review**, v. 3, n. 3, 2003, pp. 257-337.

MELLO, Daniel. USP investiga 193 denúncias de fraude no sistema de cotas raciais - Maioria dos casos suspeitos é de estudantes que entraram pelo Sisu. In Agência Brasil, 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2021-07/usp-investiga-193-denuncias-de-fraude-no-sistema-de-cotas-raciais Acesso em: 19 nov.2023.

XUXA O Documentário. Direção de Pedro Bial; Cássia Dian e Mônica Almeida. Produção. Endemol Shine Brasil. In T1:E2 - O mundo a seus pés. 2023. Disponível em: T1:E2 - O mundo a seus pés - Xuxa, O Documentário online no Globoplay Acesso em: 04 ago.2023.

7. ANEXOS

Anexo 1.

Plano de aula de Estudos migratórios e Emoção

Disciplina (título em Português): Estudos Migratórios e Emoção

Disciplina (título em Inglês): Migration Studies and Emotion

Curso: (X) Mestrado e (X) Doutorado

Docente responsável:
Jhon Kelly Monacé e Maria Jardim

Carga Horária Total: 60 horas

Numero de créditos Total: 4

Programa de Pós-graduação em: Ciências Sociais

Formato de oferta: (X) Presencial ( ) Híbrido *(em caso de ensino híbrido, detalhar proposta)*

Informações adicionais:

Conteúdo programático:	1. Introdução aos Estudos Migratórios

	2. Uma leitura decolonial da Imigração internacional no Haiti. 3. Cultura e sociedade no Haiti antes das emigrações 4. Exploração das causas e consequências da emigração haitiana. 5. Foco na imigração haitiana no Brasil 6. Discussão sobre a relação entre migração e emoções. • Exploração das políticas migratórias, especialmente as relacionadas ao Haiti. • Debate sobre o impacto das políticas na experiência emocional dos migrantes haitianos. 7. As emoções nos clássicos da sociologia. 8. As emoções em Bourdieu. 9. O corpo como tema de estudo. 10. O amor como tema de estudo

Ementa:	Os estudos migratórios são essenciais para compreendermos as dinâmicas sociais e culturais que envolvem os movimentos populacionais ao longo da história. Oferecem uma visão panorâmica das migrações em um contexto global. No entanto, uma abordagem nova e decolonial nos conduz a uma leitura mais profunda da migração dos haitianos, destacando a necessidade de compreender a cultura e sociedade haitiana antes das emigrações. A exploração das causas e consequências da emigração haitiana nos leva a focar especificamente na sua imigração para o Brasil, trazendo à tona questões sobre políticas migratórias e seu impacto nas experiências emocionais dos migrantes. Ao adentrarmos a discussão sobre a relação entre migração e emoções, exploraremos os clássicos da sociologia, como também as contribuições de Bourdieu, destacando o corpo e o amor como temas que podem ser explorados nos estudos migratórios. Palavras-chave: Estudos migratórios, emoção, amor, Haiti.
Bibliografia:	BOURDIEU, P. ***O baile dos celibatários: crise da sociedade camponesa no Béarn***. Tradução: Carolina Pulici. São Paulo, Editora Unifesp, 2021. BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019. BOURDIEU, Pierre. Conceito de illusio, doxa e habitus. Livro: **Meditações Pascalinas**, Bertrand, São Paulo, 2001. BOLSTANKI, l L. **As classes sociais e o corpo**, 1984. CASTLES, S. Entendendo a Migração Global: Uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, *[S. l.]*, v. 18, n. 35, 2011. Disponível em: https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227. MONACÉ, J.-K. Esboço de uma sociologia historicizante das migrações haitianas. In: **Dyaspora Haitianos no Brasil, Voye Kòb e Famílias no Haiti: Vínculos Sociais, Múltiplas Estratégias de Reprodução e Dyasporização (tese de doutorado).** Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2021, p. 61 -116. SAYAD, A. A noção de retorno na perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar. **TRAVESSIA - revista do migrante**, *[S. l.]*, n. Especial, p. 11–15, 2000. DOI: 10.48213/travessia.iEspecial.451. Disponível em: https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/451. SCHILLER, N. G.; BASCH, L.; BLANC, C. S. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. **Cadernos CERU**, *[S. l.]*, v. 30, n. 1, p. 349-394, 2019. DOI: 10.11606/issn.2595-2536.v30i1p349-394. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158717.

KOURY, M.; BARBOSA, R. B. Da subjetividade às emoções: A antropologia e a sociologia das emoções no Brasil. **Cadernos do GREM**, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Pela consolidação da sociologia e da antropologia das emoções no Brasil. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 29 Número 3 Setembro/Dezembro 2014.

JARDIM e outros. Socianalise das emoções. **Socioanálise das emoções: instituições socioculturais na produção das emoções. Laboratório Unesp, 2020.**

JARDIM E MOURA. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. **Revista Tomo**, 2017

JARDIM E PAOLIELLO. Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto, **Revista Tomo**, 2022.

Le Breton D. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Editora Vozes; 2006. 104 pp.

Bibliografia complementar

ALBERONI, F. **Le choc amoureux**. Paris: Ramsay, 1981.

JARDIM, M. A. C. Para além da fórmula do amor. **Política & Sociedade** - Florianópolis, 2019.

MARTUCCELLI, D. As Ciências Sociais E A Procura De Sentido. **Estud. av**. 30 (86). Jan-Apr 2016.

MENJÍVAR, C., & ABREGO, L. J. Legal Violence: Immigration Law and the Lives of Central American Immigrants. **American Journal of Sociology**. v. 117, n. 5. 2012, p. 1380 – 1421. Disponível em: https://kuscholarworks.ku.edu/bitstream/handle/1808/21439/Menjivar_2012.pdf?sequence=1&isAllowed=y

MONACÉ, J.-K. **Dyaspora Haitianos no Brasil, Voye Kòb e Famílias no Haiti: Vínculos Sociais, Múltiplas Estratégias de Reprodução e Dyasporização (tese de doutorado.** Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2021.

PELUCIO, L. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas inicias de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. **Contemporânea**, v. 6, n. 2 p. 309-333Jul.–Dez. 2016.

ROSSI, T. **Projetando a subjetividade: a construção social do amor a partir do cinema**. (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em

	Sociologia, USP, 2013. SAYAD, A. **La doble ausência**. Barcelona, Anthropos, 2010. VANDENBERGHE, F. **Amando o que conhecemos: notas para uma epistemologia histórica do amor**. Unisinos, 2006. ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. RJ: Zahar, 2011.
Objetivos:	Introduzir o aluno aos principais conceitos dos estudos migratórios, com destaque para as questões do Haiti, articulando essa literatura com o tema das Emoções.
Critérios de avaliação:	• Presença e participação em sala de aula. • Apresentação de projetos de pesquisa. • Trabalho escrito sobre um tema discutido na disciplina.

Anexo 2

TÍTULO: A dor que não pode falar: Corpo, emoção e sofrimento de homens pretos analisados pela Sociologia Relacional de Pierre Bourdieu

Hugo Carvalho

RESUMO: Este projeto de Iniciação Científica propõe analisar como homens pretos elaboram, expressam e significam suas emoções a partir da relação que mantêm com seus corpos, considerando os efeitos do racismo estrutural, da normatividade de gênero e da repressão afetiva sobre sua saúde mental. A investigação parte do arcabouço teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, com destaque para os conceitos de *héxis corporal* e *doxa*, articulando ainda contribuições da sociologia das emoções, dos estudos raciais críticos e da sociologia do corpo. O corpo negro masculino é aqui concebido como um espaço privilegiado de inscrição simbólica das desigualdades sociais, no qual se entrelaçam imposições de raça e gênero que produzem interdições emocionais e vulnerabilidades psíquicas. A pesquisa será conduzida por meio de dois procedimentos metodológicos complementares: (1) aplicação de um questionário semiestruturado com homens pretos maiores de 18 anos, com foco em trajetórias sociais, percepções corporais e repressão emocional; e (2) realização de entrevistas em profundidade com um grupo intencional de 10 a 15 participantes, visando explorar narrativas sobre corpo, afeto, racismo e sofrimento. Os dados serão analisados com base na reconstrução de trajetórias (Bourdieu) e na análise de conteúdo temática (Bardin), permitindo compreender como estruturas sociais se corporificam e afetam a saúde mental dos agentes sociais. O projeto pretende contribuir com os debates da sociologia das emoções, da saúde mental masculina e dos estudos interseccionais sobre raça, corpo e afeto.

1. Introdução e Justificativa

Este projeto de Iniciação Científica visa contribuir com o projeto de pesquisa coordenado pelo/a orientador/a, intitulado *O mercado de afeto para as mulheres pretas e o racismo como exclusão afetiva: a contribuição da sociologia econômica dos mercados e das teorias de amor*, financiado pela FAPESP e contemplado com Bolsa Produtividade do CNPq. A pesquisa aqui proposta também servirá como base para a monografia de graduação e, posteriormente, para o projeto de mestrado do/a proponente.

A proposta tem como objetivo geral investigar, a partir de pesquisa de campo, as inter-relações entre **masculinidade preta**, **expressões emocionais** e **saúde mental**, com foco especial na forma como essas dimensões se corporificam e se tornam inteligíveis sociologicamente por meio dos corpos.

A literatura sociológica e feminista, desde os anos 1970, tem enfatizado os efeitos do machismo e da dominação masculina sobre a vida das mulheres (HIRATA, 2002; BOURDIEU,

2012; SCAVONE, 2003). Contudo, autores como Bourdieu (2012) apontam para um paradoxo fundamental da dominação masculina: os próprios homens são vítimas de uma doxa que ajudam a reproduzir. O modelo hegemônico de masculinidade, internalizado como norma cultural, inibe a expressão emocional dos homens, especialmente por meio da repressão ao choro, à fala sensível e à vulnerabilidade afetiva (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013). Este silenciamento constitui uma forma simbólica de violência.

A partir das décadas de 1980 e 1990, os estudos sobre masculinidades passaram a reconhecer que as relações de gênero não se restringem à oposição homem/mulher, mas englobam **hierarquias internas entre os próprios homens**, estruturadas por raça, classe e sexualidade (ZANELLO, 2018; CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013). A masculinidade hegemônica – frequentemente associada ao homem branco, cisgênero, heterossexual, produtivo e sexualmente ativo – opera como régua simbólica de valoração dos demais corpos masculinos, inferiorizando e marginalizando aqueles que não se enquadram nesse ideal, como os homens negros.

A literatura sobre **masculinidade e saúde mental** revela que os homens, ao serem socializados afetivamente e emocionalmente, tornam-se mais suscetíveis a manifestações psíquicas graves. Dados da OMS (2021) e de estudos nacionais (BAÉRE & ZANELLO, 2020; SARTORATO et al.) indicam que os homens representam a maioria das mortes por suicídio no Brasil e no mundo, refletindo uma **crise de saúde mental fortemente atravessada por gênero e raça**. Em especial, o suicídio de jovens negros atinge proporções alarmantes: segundo o Ministério da Saúde, o índice é 45% maior entre jovens negros em comparação com brancos.

Nesse contexto, este projeto busca analisar como **homens pretos vivenciam, elaboram e expressam suas emoções**, considerando os impactos dessas vivências em sua saúde mental. O **corpo** é tomado aqui como categoria empírica e analítica central. De acordo com Pierre Bourdieu (2007), o corpo é o locus privilegiado da incorporação do habitus – uma história social tornada natureza –, sendo simultaneamente produto e produtor de estruturas simbólicas. O corpo negro masculino, historicamente controlado e desumanizado, constitui um terreno privilegiado para a análise das formas pelas quais o racismo se infiltra nas experiências emocionais e nos modos de subjetivação.

Este projeto se justifica, portanto, por abordar temas ainda marginalizados nas ciências sociais brasileiras – **masculinidades negras, afetividade e sofrimento psíquico** – e por propor

um esforço de interpretação que articula sociologia das emoções, teorias raciais críticas e a sociologia do corpo. Apesar do avanço dos estudos sobre raça e gênero, autores como SILVA (2003; 2019), NEUSA SANTOS (1982), bell hooks (2000) e Frantz Fanon (2008) indicam que a dimensão afetiva da experiência negra – especialmente masculina – permanece pouco explorada. A repressão emocional historicamente imposta aos homens pretos, a negação da sensibilidade, do amor e da dor, resulta em uma despossessão afetiva que compromete a saúde mental e a construção de vínculos sociais estáveis.

2. Objetivos

A pesquisa tem como objetivo geral analisar como homens pretos elaboram, expressam e significam suas emoções a partir da relação que mantêm com seus corpos, considerando os efeitos do racismo estrutural, da normatividade de gênero e da repressão afetiva sobre sua saúde mental. Para isso, mobilizaremos os seguintes objetivos específocos:

1. **Compreender as representações que homens pretos constroem e experimentam seus próprios corpos**, identificando descrições simbólicas, sensações corporais e padrões de comparação com modelos normativos de corporeidade.
2. **Investigar como os entrevistados vivenciam e expressam emoções como tristeza, raiva, medo, alegria e afeto**, com ênfase nos mecanismos de repressão emocional e suas justificativas culturais e sociais.
3. **Analisar os impactos subjetivos do racismo nas experiências corporais e emocionais desses homens**, especialmente nos contextos de sociabilidade cotidiana (relacionamentos afetivos, fetos, família, escola, trabalho, lazer).
4. **Identificar estratégias de resistência, elaboração ou deslocamento afetivo** utilizadas por homens pretos diante das interdições emocionais impostas pela masculinidade hegemônica e pela racialização.
5. **Examinar como os entrevistados percebem e nomeiam experiências de sofrimento psíquico**, como ansiedade, depressão, exaustão, insônia ou comportamentos autodestrutivos, e sua relação com o silenciamento das emoções.
6. **Reconstruir, à luz do conceito de habitus, as trajetórias sociais desses sujeitos**, observando como disposições de gênero, raça e classe se corporificam e se expressam em sua postura, fala, gestos e modos de ocupação do espaço.

3. Método e Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, relacional e reflexiva, fundada nos princípios da sociologia de Pierre Bourdieu, especialmente no entendimento de que a experiência individual só pode ser compreendida quando reconectada às estruturas sociais objetivas que a produzem. O corpo, neste quadro teórico, não é um simples invólucro biológico, mas o lugar por excelência da incorporação da estrutura social.

Para sustentar analiticamente esta investigação, destacamos a centralidade dos conceitos de **habitus**, **héxis corporal** (BOURDIEU, 2007) e **doxa** (BOURDIEU, 2012), que constituem pilares da sociologia bourdieusiana na compreensão da incorporação das estruturas sociais. O **habitus** refere-se ao conjunto de disposições duráveis e transponíveis, socialmente adquiridas, que orientam percepções, ações e emoções de modo prático e não reflexivo (VASQUES; JARDIM, 2021). Dentre suas manifestações corporificadas, encontra-se a **héxis corporal**, isto é, a maneira como essas disposições se inscrevem no corpo — nos gestos, na postura, no tom de voz, na forma de olhar ou de se calar — funcionando como esquemas práticos de ação que expressam, de modo incorporado, a posição social do sujeito. Já a **doxa** designa o conjunto de crenças, valores e normas que operam como evidências incontestáveis dentro de um espaço social, naturalizando determinadas expectativas — por exemplo, a ideia amplamente difundida de que “homem de verdade não chora”.

A pesquisa parte do argumento preliminar de que a **héxis corporal masculina preta** é construída e orientada a partir de uma doxa (crença) **sobre raça e gênero**, que produzem uma relação social e histórica específica com o próprio corpo e com as emoções. Tais orientações operariam silenciosamente como formas de dominação simbólica, moldando os modos como esses homens percebem, expressam ou silenciam seus afetos, o que tem implicações diretas sobre sua saúde mental. Para analisar como esses sujeitos elaboram suas emoções e vivenciam os efeitos dessas estruturas sobre si, serão mobilizados dois procedimentos metodológicos complementares.

Na **primeira etapa**, será aplicado um **questionário exploratório semiestruturado**, disponibilizado online, com perguntas fechadas e abertas, voltado a homens pretos com 18 anos ou mais. O instrumento abordará aspectos das trajetórias sociais, percepções sobre o corpo, repressão emocional e experiências relacionadas à saúde mental. Essa etapa funcionará como um mapeamento inicial, permitindo identificar padrões discursivos e selecionar interlocutores para a fase seguinte.

Na **segunda etapa**, serão realizadas **entrevistas em profundidade** com um grupo intencional de aproximadamente 10 a 15 participantes, selecionados a partir da análise do questionário, considerando a diversidade de classe social, orientação sexual e escolaridade. As entrevistas seguirão um roteiro semiestruturado e serão organizadas em torno de quatro eixos analíticos: as percepções e sentimento em relação ao próprio corpo (beleza, vergonha, orgulho); as experiências de repressão emocional e os afetos permitidos ou negados; os episódios de racismo, seja internalizado ou vivenciado corporalmente; e, por fim, as vivências de sofrimento psíquico, como ansiedade, exaustão, vontade de chorar ou desejo de morte. Essas entrevistas visam aprofundar a compreensão das formas de subjetivação produzidas no entrecruzamento entre corpo, emoção e estruturas de dominação.

Os dados serão tratados a partir da análise de discurso de Bourdieu (2007; 2012) e de Bardin (1979). No que se refere a Bourdieu, iremos reconstruir as trajetórias desses homens, enraizando-os no social e identificando suas crenças sobre seus corpos e identificando suas emoções. Para a análise do discurso de Bardin, o percurso da pesquisa consistirá: 1) Pré-análise; 2) Exploração do Material e 3) Análise dos resultados ou inferência. A pré-análise consistirá na leitura flutuante dos dados coletados por nós (anotações no caderno de campo, impressões, intuições e hipóteses). Posteriormente, a exploração do material, consistirá na organização ou categorização dos dados em eixos temáticos.

4. Cronograma de Execução:

ATIVIDADES	**Primeiro Trimestre**	**Segundo Trimestre**	**Terceiro Trimestre**	**Quarto Trimestre**
Participação em Grupo de Pesquisa do/a Orientador/a	X	X	X	X
Pesquisa Bibliográfica sobre masculinidade branca e preta	X	X	X	
Pesquisa Bibliográfica sobre raça, emoções, corpo e questões mentais	X	X	X	
Introdução ao pensamento de Pierre Bourdieu	X	x	x	X
Pesquisa de campo - Etapa 1		X	X	
Pesquisa de campo – Etapa 2				
Reconstrução das trajetórias dos homens estudados			X	
Organização de caderno de campo resultante da pesquisa com os informantes		x	X	

Análise das entrevistas			X	X
Redação do Relatório Final			X	X
Elaboração de Monografia sobre o tema			X	X

5. REFERÊNCIAS

BAÉRE, Fernanda; ZANELLO, Valeska. Masculinidades e saúde mental: um panorama da produção científica brasileira. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, p. 1–24, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/physis/a/yc7Zvn8qwFTfkh6pbXrkhSL/?lang=pt. Acesso em: 3 jun. 2025.

BAÉRE, Fernanda; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Amanda Cristina Gonçalves. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? *Revista Bioética*, Brasília, v. 23, n. 3, p. 623–633, 2015. DOI: https://doi.org/10.1590/1983-80422015233099

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. "A incorporação" e "A lógica do habitus". In: ____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829–859, 2005. DOI: https://doi.org/10.1177/0891243205278639

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Volume 1: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HEMI, Aparecido; BAPTISTA, Tatiana Wargas de Faria; REZENDE, Marília. O processo de construção da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, e300321, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300321

HIRATA, Helena. *Gênero, patriarcado, trabalho: debates contemporâneos*. São Paulo: UNESP, 2002.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61–73, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000100005

HOOKS, bell. *Vivendo de amor: o fim do patriarcado*. Tradução de Heci Regina Candiani e Marília Moschkovich. São Paulo: Elefante, 2019. (Obra original publicada em 2000)

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem*. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_homem.pdf. Acesso em: 3 jun. 2025.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Suicide worldwide in 2021: global health estimates*. Geneva: World Health Organization, 2021. Disponível em: https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643. Acesso em: 3 jun. 2025.

SANTOS SOUZA, Neusa. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

SARTORATO, Guilherme et al. Mortalidade por suicídio no Brasil: uma análise da série temporal de 2011 a 2021. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 27, e240006, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-549720240006

SARTORATO, Guilherme et al. A alta prevalência do suicídio masculino no Brasil. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, v. 12, n. 2, p. 88–102, 2023. Disponível em: https://revistas.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/8981. Acesso em: 3 jun. 2025.

SCAVONE, Lucila. O feminino e o feminismo: uma perspectiva sociológica. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 20, p. 9–40, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-83332003000200002

SILVA, Luiz Antonio. *Corpos negros caídos no chão: o mito da democracia racial e o genocídio da juventude negra*. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Educação e relações étnico-raciais: desafios e perspectivas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 117, p. 117–130, 2003. DOI: https://doi.org/10.1590/S0100-15742003000100007

VASQUES, L.; JARDIM, M. Emoções e Sociologia Econômica. **Ensaios**, v. 18, p. 142-164, 30 jun. 2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Boys in the picture*. Geneva: WHO, 2000.

ZANELLO, Valeska. *Masculinidades: teorias, políticas e vivências*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

O mercado de afeto para as homens pretos e o racismo como exclusão afetiva: a contribuição da sociologia econômica dos mercados e das teorias de amor.

Davi Reis

PLANO DE ATIVIDADES DO PROJETO: **O mercado de afeto para as homens pretos e o racismo como exclusão afetiva: a contribuição da sociologia econômica dos mercados e das teorias de amor.**

1.Introdução:

O presente projeto se trata de uma proposta de iniciação cientifica, com o objetivo de contribuir com o projeto geral da supervisora initulado **O mercado de afeto para as mulheres pretas e o racismo como exclusão afetiva: a contribuição da sociologia econômica dos mercados e das teorias de amor,** financiado pela Fapesp e aprovado na rubrica Bolsa Produtividade do CNPQ. A pesquisa que ora apresentamos também deverá gerar a monografia de final de curso e projeto de mestrado do/a candidato/a.

Nosso objetivo central é colocar em relação, por meio de pesquisa de campo, três importantes variáveis, a saber, amor, masculino e cor. Para tanto, partimos do princípio que o amor é parte da sociabilidade humana desde sempre. Na Grécia antiga, Platão já entoava discussões acaloradas sobre o amor e a literatura também deu destaque a esse sentimento ou emoção, sendo "Tristão e Isolda" e "Romeu e Julieta" dois exemplos clássicos. Na literatura infanto-juvenil o amor tem destaque nos contos de fada, sempre com final feliz entre príncipes e princesas e foi popularizado no cinema hollywoodiano, que, aliás, ajudou a consolidar o estilo narrativo de amor romântico (Rossi, 2013). As novelas brasileiras também popularizaram uma narrativa romântica sobre o amor (Souza, 2020) e colocam o amor como a última missão de vida (Autor/a). Apesar de já presente nos clássicos da sociologia – tanto o amor Eros (afetivo-sexual), que estava nos clássicos alemães, como os amores Ágape e Philia, presentes junto aos clássicos franceses (Autor/a), somente na década de 1970 o amor começou a ser sistematicamente estudado pelas ciências sociais. Além das ciências sociais e da psicologia, o amor é objeto de discussão na neurociência, o que demonstra a interdisciplinaridade do tema (Raquel, 2021).

Diante da importância do estudo do amor de forma científica, temos investido esforços na investigação do tema, revelando-o como uma construção social (Autor/a); e reivindicando que o amor seja consolidado como tema de estudos nas ciências sociais (Autor/a; Rossi, 2021).

Nesse contexto, destacamos pesquisas anteriores, quando estudamos o mercado do amor em dois aplicativos para relacionamento afetivo (Tinder e Baddoo), sinalizando a desigualdade existente nesse mercado, já que mulheres fora dos padrões estéticos possuem menos escolhas (e muitas vezes não possuem nenhuma escolha) em contraponto às mulheres dentro dos padrões estéticos como as brancas, magras e de cabelos lisos. Na ocasião, afirmamos que o afeto é um bem simbólico (Bourdieu, 1980) e que o mesmo não é distribuído de forma igualitária para todos, ou seja, independentemente da cor de pele, textura do cabelo, peso e nível de escolaridade, por exemplo. Concluímos, assim, que não existe amor à primeira vista e muito menos livre mercado do amor, já que esse estaria sustentado e sustentando valores do senso comum, como o racismo, que criaria barreiras às mulheres pretas que buscam afeto.

No projeto que ora apresentamos, buscamos ampliar nosso escopo empirico para atingir o público masculino, em especial homens cis, pretos e heterossexuais de forma a contribuir na pesquisa geral da/o supervisor/a, que tem como recorte empírico, mulheres cis pretas e heterossexuais. Concretamente, a pesquisa busca objetivar a trajetória afetiva de homens pretos, identificando como esses homens elaboram suas vivencias afetivas, como se relacionam afetivamente com mulheres brancas e pretas e o lugar que ocupam no mercado do afeto. Ao final, devemos oferecer uma explicação sociologica para a forma como esses homens lidam com suas emoções afetivas.

A originalidade do projeto é, portanto, debater dois temas pouco usuais na pesquisa sociológica, o amor e o amor de homens pretos. Segundo Silva (2003) e Silva (2019) a maioria de estudos sobre a raça no Brasil reconhece os efeitos contemporâneos do sistema colonial sobre a vida da população negra em matéria socioeconômica e política (Silva, 2019), mas existe uma ausência de estudos que considerem a negação da liberdade da expressão das emoções dos povos negros, da sua subjetividade afetiva e da oportunidade de constituir e manter laços de família (Silva, 2003; Silva, 2019).

3. **Justificativa**

Florestan Fernandes (1978) pontuou que o negro foi socialmente desestabilizado em todos os seus aspectos, inclusive afetivo-sexual. Em “Tornar- se negro” (1982), Neusa Santos defende que o emocional dos negros é abalado pelas ideologias dominantes e que, para sua ascensão social, os homens pretos tendem a se aproximar do ideal dominante branco nos

relacionamentos, procurando mulheres brancas para o casamento. Isso faz com que os homens pretos sejam mais propensos ao movimento de clareamento do que as mulheres pretas. Outra recorrência nos estudos sobre o tema é a citação da autora bell hooks (2000), escritora feminista e militante das questões raciais nos Estados Unidos. Para bell hooks (2000), a opressão sofrida pelos negros durante a escravidão, somada à exploração, criou condições emocionalmente difíceis para eles, comprometendo negativamente sua subjetividade e a capacidade de amar. Portanto, o amor, que, em princípio, seria espontâneo, passou por uma distorção e se tornou um ato de resistência para essa população. Em seus argumentos, hooks (2000) acrescenta que os negros dos Estados Unidos estabeleceram relações afetivas com base na brutalidade, reproduzindo suas vivências durante a escravidão. É como se houvesse um inconsciente social, baseado na violência, fundamentando a forma de se relacionar com o amor.

No Brasil, esse argumento aparece em Florestan Fernandes, no livro "Integração do Negro na Sociedade de Classe", de 1978, quando o autor afirma que, completamente excluídos e discriminados, os homens negros viam no ato sexual a única atividade prazerosa que podiam praticar durante o dia, já que o trabalho honesto estava bloqueado a muitos deles; e o ato sexual não vinha acompanhado de afeto e muito menos de compromisso com os filhos oriundos dessas relações sexuais sem vínculo afetivo.

Segundo bell hooks (2000), a população negra passou a reprimir toda e qualquer forma de afeto como estratégia de sobrevivência, uma vez que o racismo a levou a ter no ódio uma referência de afeto. Esse argumento é compartilhado por Fanon (2008), que afirma que o racismo é capaz de produzir no sujeito negro um sentimento de ódio a si e à sua negrura. No caso das mulheres pretas, que eram obrigadas a se deitar com seus donos, Gonzalez (1988) afirma que o amor, para a mulher escravizada, era um verdadeiro pesadelo.

Em suma, pesquisas acadêmicas abordam o mascaramento das emoções pelos escravizados. Por exemplo, Florestan Fernandes (1978), Giacomini (1988) e Davis (2016) demonstram que a expressão de sentimentos, seja dor, sofrimento, tristeza, alegria, paixão, animação, podia acarretar ainda mais punições no período da escravidão, motivo pelo que os escravizados passaram a ocultar suas emoções, fossem elas boas, fossem ruins. A revisão bibliográfica nos permite concluir que, após mais de 100 anos do fim da escravidão no Brasil, estaria no inconsciente social dos povos negros uma relação na qual o amor é visto como necessidade suplementar e a sobrevivência material como necessidade primária. Portanto, concordando com Florestan Fernandes (1978) e bell hooks (2000), afirmamos que, mesmo com a abolição da escravatura, os negros não ficaram imediatamente livres para amar, por pelo

menos dois motivos: o primeiro, a dificuldade em lidar com as emoções, especialmente a expressão do amor; o segundo a existência do racismo na sociedade, que limita a entrada e o movimento dos negros no mercado do amor e do casamento

3.Objetivos:

Diante desse diagóstico, de que o homem preto estaria excluido da expressão de suas emoções e diante de ausência de bibliografia que trate do tema, esse projeto busca objetivar a trajetória afetiva de homens pretos, identificando como esses homens elaboram suas vivencias afetivas, como se relacionam afetivamente com mulheres brancas e pretas e o lugar que ocupam no mercado do afeto. Ao final, devemos oferecer uma explicação sociologica para a forma como esses homens lidam com suas emoções afetivas. Os objetivos específicos que queremos responder são:

1. Quais as estratégias utilizadas por esses homens na busca de afeto (redes sociais, redes de amigos ou conhecidos, vida social, acaso, outros)
2. Como negociam contratos afetivos? qual a natureza desses contratos (monogâmicos ou não monogâmicos)
3. Quais as motivações que os levam a quebra dos contratos estabelecidos com suas parceiras?
4. Qual a importancia o afeto tem na vida desses homens?
5. Como esses homens enchergam o projeto afetivo e a ideia de casamento, filhos e familia?
6. Como eles avaliam suas vidas afetivas em termos de sucesso e de fracasso.

4. Método e Metodologia

Em termos teóricos, a pesquisa se inspira nas teorias sobre o amor e no conceito de mercado de bens simbólicos e de crença de Pierre Bourdieu.

No que se refere às teorias sobre o amor, nossa revisão bibliográfica tem indicado que existem pelo menos quatro abordagens influentes na literatura sobre o tema: a primeira, que defende o fim do amor romântico e a consolidação do amor liquido; a segunda, que defende o enfraquecimento do amor romântico e o surgimento do amor confluente; a terceira, que reivindica uma nova forma de amor, o poliamor; e a quarta que defende a manutenção do amor romântico como doxa romântica, apesar do aumento do individualismo na sociedade.

No que se refere à primeira abordagem, essa é inspirada nos estudos de Bauman (2004), cujo autor defende que seguindo a lógica de consumo exacerbado do capitalismo neoliberal, as relações afetivas também estariam no mesmo fluxo, de consumo rápido e efêmero e baseado em laços líquidos. Nesse sentido, os relacionamentos duradouros, aqueles pressupostos pelo amor romântico, se tornariam uma nova forma de opressão e de sofrimento, quando os amantes buscariam quantidade e não qualidade. Isso garantiria maior efemeridade nas relações, em diálogo com a liquidez do modelo econômico neoliberal, do conceito de família e de outras instituições, como o Estado. Essa abordagem recebe atenção de Illouz (2011), autora que defendeu, por meio de pesquisa em sites de relacionamentos nos Estados Unidos, a existência de uma abundância afetiva no mercado do amor (Ilouz, 2011), a qual permitiria maior liquidez e efemeridade nas relações.

Na segunda abordagem Giddens (1983) defende que o movimento feminista teria enfraquecido o amor romântico, uma vez que a mulher, maior clientela do amor romântico, teria se emancipado de forma a dar menor importância ao casamento e a maternidade, temas clássicos do amor romântico. O autor defende a possibilidade do amor confluente, o qual busca o "relacionamento especial" e não a "pessoa especial". Esse tipo de relacionamento seria pautado pelo respeito e igualdade, portanto, sem os papeis rígidos mais presentes no amor romântico. Como o amor confluente dura o tempo que tiver que durar, o "até que a morte os separe", típico do amor romântico teria caído em desuso.

A terceira abordagem sobre a consolidação do poliamor, que no Brasil é representada nas produções de Pilão e Goldengerg (2012), defende a busca do poliamor como negação aos ideais monogâmicos que traz consigo a posse e o ciúmes. Para as autoras, o movimento feminista teria retirado de cena os ideais do amor romântico, e teria aberto possibilidades para relacionamentos baseados em vários amores, o poliamor.

No que se refere a quarta abordagem, os autores se inspiram em diversas escolas sociológicas, tais como em Bourdieu (1998), no livro "A dominação Masculina", quando o autor mostra o papel da cultura andocêntrica como relação de poder, inclusive nas relações afetivas, por meio do amor romântico, considerado a doxa afetiva por esse autor. Nessa linha, o amor romântico aparece simbolicamente robusto, a despeito de uma aparente liquidez do amor, uma vez que os apaixonados estariam buscando laços fortes por meio do casamento e da construção de famílias. Por essa perspectiva, acessar o mercado de casamento é o grande objetivo daqueles que buscam afeto. Acreditamos que o material empírico a ser coletado por

essa pesquisa, trará novos elementos para o debate, uma vez que no caso das mulheres pretas, essas teorias não dialogam com o empirico, por tratar-se de mulheres não incorporadas por essas teorias.

No que se refere a ideia de mercado de bens simbólicos, de Pierre Bourdieu, trabalharemos com a ideia de que o afeto é um bem e como todo bem simbólico, é disputado. No caso do afeto, essas disputam aconteceriam no mercado de afeto e de camento, sendo conquistado somente por aqueles que detém maiores capitais nesse mercado. Aqui, os capitais se relacionariam com o padrão de corpo ideal. No que se refere ao conceito de crença, Pierre Bourdieu (2002; 2019) concebe o conceito de crença como consenso de orientação a determinado grupo social, que o aceita inconscientemente, de forma natural, uma vez que a crença está posta arbitrariamente na cultura. Com esse conceito aplicado na análise do discurso, é possível reconhecer o conceito de amor nesses homens estudados.

Metodologia

No que se refere à coleta de dados, será aplicado questionário semi-estruturado e realizado entrevistas com homens pretos, que se autodefinem como heterossexuais, acima de 18 anos. Esses homens serão encontrados nas redes sociais, em bairros populares e nas universidades.

As estratégias de pesquisas são: Inicialmente iremos divulgar nas redes sociais questionário semi-estruturado, quando selecionaremos alguns dos respondentes para possivel entrevista; em paralelo, iremos abordar homens que se auto definem como preto em bairros populares e em universidades, e fazer o convite para participar da pesquisa (responder questionários e entrevistas).

Os dados serão tratados a partir da análise de discurso de Bourdieu e de Bardin (1979). No que se refere a Bourdieu, iremos reconstruir as trajetórias desses homens, enraizando-os no social e identificando suas crenças sobre amor. Para a análise do discurso de Bardin, o percurso da pesquisa consistirá: 1) Pré-análise; 2) Exploração do Material e 3) Análise dos resultados ou inferência. A pré-análise consistirá na leitura flutuante dos dados coletados por nós (anotações no caderno de campo, impressões, intuições e hipóteses). Posteriormente, a exploração do material, consistirá na organização ou categorização dos dados em eixos temático.

Cronograma de Execução

ATIVIDADES	**Primeiro Trimestre**	**Segundo Trimestre**	**Terceiro Trimestre**	**Quarto Trimestre**
Participação em Grupo de Pesquisa da Orientadora	X	X	X	X
Pesquisa Bibliográfica sobre masculinidade, raça e afetos	X	X	X	
Pesquisa Bibliográfica sobre teorias do amor	X	X	X	
Introdução ao pensamento de Pierre Bourdieu	X			
Pesquisa de campo	X	X	X	
Reconstrução das trajetórias afetivas dos homens estudados	X	X	X	
Organização de caderno de campo resultante da pesquisa com os informantes	X	X	X	
Análise das entrevistas			X	X
Redação do Relatório Final			X	X
Elaboração de Monografia sobre o tema			X	X

Bibliografia

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

Bourdieu, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos, Zouk, São Paulo, 4 edição, 2004.

Souza, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983

Frantz. Pele negra, máscaras brancas. EDUFBA, 1ª edição – 2008

Fernandes. Florestan. A integração do negro na sociedade de classes, Editora Ática, 1978

Projeto de IC, sem bolsa

AS MULHERES NEGRAS, O AMOR E A FAMÍLIA: A SOLIDÃO COMO "PARCEIRA AFETIVA" NO MERCADO DE AFETOS

Marina Caroline Luiz Antonio

Unesp FCLAR, Câmpus de Araraquara,

marina.cl.antonio@unesp.br

Orientadora: Maria Jardim (FCLar)

Apresentado no XXXVII Congresso de Iniciação Científica da Unesp – CIC 2025

"*Ciência e liberdade de pensamento em uma época de extremos*

INTRODUÇÃO: Este projeto busca investigar como mulheres negras são excluídas estruturalmente na sociedade em torno do fracasso afetivo e como isso afeta na auto estima, emoções e constituição familiar. Faz parte de um projeto mais amplo da orientadora, que considera o amor como construção social e como um bem simbólico, nesse sentido, que não está disponível para todos, evidenciando hierarquias e desigualdades nas relações afetivas e sociais (Jardim, Paoliello, 2002; Jardim, Souza, 2024).

MATERIAL E MÉTODOS: A pesquisa tem abordagem qualitativa, utilizando coleta de dados adquiridos por meio de questionários semiestruturados que estão sendo aplicados junto à mulheres com mais de 18 anos que se autodefinem como negras. Nessa amostra, selecionamos um grupo de mulheres para entrevistas de profundidade.

A pesquisa se inspira no conceito de habitus, mercado de bens simbólico e violência simbólica de Pierre Bourdieu. Além disso, nos inspiramos nas teorias sobre o amor e nas teorias raciais que tratam da inserção da mulher negra na sociedade, com recorte para as questões afetivas e de constituição de famílias. O material é tratado a partir da análise de discurso de Pierre Bourdieu e a análise de conteúdo de Bardim (2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os dados, ainda provisórios, indicam que as mulheres pretas são excluídas da vivência do amor romântico, o qual as teorias sobre o amor indicam tratar daquele que pressupõe casamento, filhos e família. Assim, essas mulheres são escolhidas para relacionamentos considerados menos dignos pela sociedade, como ficantes, amantes, etc. A ideia de família nuclear também

é ressignificada por essas mulheres, que não encontram potenciais parceiros para vivenciarem juntos o sonho da maternidade no sentido do amor romântico, levando-as à maternidade solo. Diante dessa situação, os dados apontam para a solidão como parceiro afetivo e por consequência, diversos problemas na saúde mental dessas mulheres, como ansiedade e depressão. A próxima fase da pesquisa deveremos dar maior atenção às questões de saúde mental.

CONCLUSÕES: Essas análises contribuem para fornecer elementos que esclarecem como expectativas sociais e estereótipos influenciam na não seleção das mulheres negras como parceiras românticas e dignas de afeto, em especial, o amor romântico. Esses dados poderão servir como instrumentos de crítica social, ao evidenciar os efeitos dessas pressões, subsidiar debates acadêmicos, possíveis intervenções voltadas à promoção da equidade para a população negra.

AGRADECIMENTOS: Agradeço ao grupo de pesquisa NESPOM, liderado pela orientadora Maria Jardim, docente que agradeço pela orientação e contribuições que ajudaram nas concepções desta problemática.

REFERÊNCIAS:

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.

BOURDIEU, PIERRE. A produção da crença: contribuição para uma economia de bens simbólicos, Zouck, São Paulo, 4 edição, 2004

BOURDIEU, Pierre. O sentido prático. 2. ed. Campinas: Editora Papirus, 2007.

FERNANDES. Florestan. A integração do negro na sociedade de classes, Editora Ática, 1978.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais. Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, 1983, p. 223-244.

hooks, bell. Vivendo de amor. In: Werneck, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe.

JARDIM, Maria Chaves; PAOLIELLO, Renata Medeiros. “Abandono, solidão e desistência do amor: o racismo como elemento excludente de mulheres pretas no mercado do afeto.” 2022.

JARDIM, Maria Chaves; SOUZA, Thaís Caetano. “Sociologia do Amor: a construção do amor como tema de estudo nas Ciências Sociais.” 2024

SOUZA, Claudete Alves da Silva. “A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.”